



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**Relações entre pais e filhos na Velhice.
O caso dos idosos institucionalizados no
Lar S. Vicente de Paulo**

Mestrado em Gerontologia Social Aplicada

Mariana Pereira de Sousa e Silva

Orientadora
Professora Doutora Alice Delerue Matos

Braga, 2011

Agradecimentos

Após este longo percurso cabe-me agradecer a quem colaborou direta ou indiretamente para este processo. Posto isto, agradeço:

- À minha orientadora, a Professora Doutora Alice Delerue Matos, pela sua disponibilidade e constante motivação mas, acima de tudo, por ser o meu farol neste mar de conhecimentos;
- À minha família, por tudo;
- À Direção da Associação de Assistência de S. Vicente de Paulo por me ter permitido realizar o estudo no seu Lar para Idosos;
- Ao precioso contributo e disponibilidade dos entrevistados;
- Aos meus colegas de trabalho que, de alguma forma, me ajudaram neste processo;
- Aos meus amigos, por o serem;
- Por fim, a todos os que me permitem crescer profissionalmente, partilhando a sua experiência.

Resumo

Com o objetivo de conhecer os determinantes das relações entre pais e filhos na velhice, nomeadamente, se estas dependem das interações entre ambos ao longo da vida, desenvolvemos um estudo, no Lar de S. Vicente de Paulo, no qual participaram sete idosos e os filhos responsáveis pela sua institucionalização.

O método escolhido foi o Estudo de Caso e a recolha de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas cujo guião abordou três fases distintas da vida dos idosos: 1ª) pré-institucionalização; 2ª) processo de institucionalização; 3ª) e pós-institucionalização.

Os resultados obtidos permitem concluir que as relações entre os idosos institucionalizados e os filhos adultos responsáveis pela institucionalização, assentam na noção, que estes últimos têm, de dever para com os primeiros assegurando-lhes cuidados na velhice. Conclui-se ainda que as relações com os filhos ao longo da vida não determinam, necessariamente, as relações nas idades avançadas pois pais que não desenvolveram relações próximas com os filhos quando estes eram crianças e jovens, recebem cuidados e afetos na velhice. Sublinhe-se, no entanto, que apenas foram consideradas neste estudo as relações dos idosos com os filhos responsáveis pela sua institucionalização. O impacto das relações familiares ao longo da vida, nas relações que os idosos estabelecem na velhice com os restantes filhos, não foi considerado.

As implicações deste estudo para a prática, prendem-se com a possibilidade de, face aos resultados, promover a melhoria e o alargamento das relações familiares dos idosos institucionalizados no Lar S. Vicente de Paulo. Os

resultados são também fundamentais porque permitem aos técnicos da instituição ter uma posição crítica em relação aos conhecimentos que possuem e permitem a aquisição de novos saberes que possibilitam alcançar soluções capazes de responder aos problemas.

Palavras-chave: Idoso, Apoio Familiar e Institucionalização.

Abstract

In order to understand the determinants of the relationship between parents and children in old age, especially if they depend on the interactions between them throughout life, we developed a study in the nursing home of *S. Vicente de Paulo*, which was attended by seven older people and the children responsible for their institutionalization.

The research method chosen was the case study and the data collection was conducted through semi-structured interviews which guide covers three distinct phases of life of older people: 1^a) pre-institutionalization; 2^a) process of institutionalization, 3^a) and post-institutionalization.

The results obtained showed that the relationships among the institutionalized elderly and adult children, responsible for the institutionalization, based on the notion that the latter have the duty to assure them the first care in old age. It is also concluded that the relationship with the children, throughout their lives, doesn't necessarily determine the relations in old age because parents who have not developed close relationships with their children, in their childhood and youth, receive care and affection in old age. However, it should be noted that only were considered in this study the ratio of elderly to the children responsible for their institutionalization. The impact of family relationships throughout life in the relationships that the elderly establish with the other children, in their old age, was not considered.

The implications of this study to practice, relate to the possibility, given the results, of promote the improvement and extension of the family relationships

of institutionalized elderly in the nursing home of *S. Vicente de Paulo*. The results are also essential to technicians because they allow the institution has a critical view of their knowledge and allow the acquisition of new skills that enable reach solutions that address the issues.

Keywords: Aging, Family Support and Institutionalization.

Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	II
Abstract	IV
Índice.....	VI
Introdução	1
Capítulo 1. Problema de Investigação.....	3
1.1. Definição do problema de investigação	3
1.2. Objetivos da investigação	4
Capítulo 2. Enquadramento Teórico da Questão	5
2.1. Sobre o envelhecimento	5
2.2. Sobre o apoio familiar.....	13
2.3. Sobre a institucionalização.....	27
Capítulo 3. Enquadramento Metodológico	33
3.1. Plano da investigação.....	33
3.1.1. Universo de investigação	33
3.1.2. Método de investigação.....	34
3.1.3. Técnicas de investigação.....	35
3.2. Desenho da investigação	37
3.2.1. Preparação da investigação	37
3.2.2. Preparação da recolha da informação	37
3.2.3. Realização da recolha de informação.....	37
3.2.4. Análise da informação recolhida.....	38
Capítulo 4. Apresentação e Análise Empírica dos Resultados	40

4.1. Caracterização dos entrevistados	40
4.1.1. Características sócio-demográficas e de saúde atuais	40
4.1.2. Condições de vida e de saúde na infância e juventude	42
4.1.3. Religiosidade da família.....	45
4.1.4. Relação conjugal dos idosos	46
4.2. Relação entre pais e filhos na infância e juventude	47
4.3. Relação com o pai/mãe na idade adulta na fase pré-institucionalização ...	49
4.4. Apoio prestado ao pai/mãe na fase pré-institucionalização	53
4.5. Processo de institucionalização.....	57
4.6. Relação com o pai/mãe na fase pós-institucionalização	60
Conclusões	63
Síntese dos resultados	63
Implicações do estudo	65
Limitações do estudo.....	66
Sugestões para trabalhos futuros.....	67
Bibliografia	68
Anexos	I

Introdução

O presente documento apresenta o processo e o resultado da investigação realizada no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social Aplicada, cujo tema é as “Relações entre Pais e Filhos na Velhice”.

Este projeto pretende analisar a dinâmica das relações entre idosos institucionalizados e os seus filhos, isto é, perceber se as relações atuais dos idosos institucionalizados estão dependentes das interações desenvolvidas, pelos mesmos com a família, ao longo da vida. A instituição de referência para este trabalho, na qual estão institucionalizados os idosos em estudo, é o Lar de S. Vicente de Paulo, pertencente à Associação de Assistência de S. Vicente de Paulo da Freguesia da Sé (AASVP), na cidade de Braga.

Este documento encontra-se estruturado em quatro capítulos sendo necessário, para a boa compreensão do mesmo, que sejam lidos pela ordem estabelecida. Procura-se, ao longo dos capítulos, expor o conhecimento e a aprendizagem provenientes da investigação realizada sobre as relações entre pais e filhos na velhice.

A Introdução enquadra a investigação e descreve o âmbito do estudo, enquanto que no primeiro capítulo especifica-se o Problema de Investigação, justificando a sua escolha e explicitando os objetivos da pesquisa.

No “Enquadramento Teórico da Questão” pretendemos sistematizar os contributos de estudos académicos nas áreas de conhecimento do problema. Este

capítulo pretende fornecer as bases teóricas que fundamentam a investigação e encontrar focos de conhecimento a aprofundar.

No “Enquadramento Metodológico” descrevemos, pormenorizadamente, os passos percorridos pela investigação, com a definição do plano de investigação, que inclui a população, os métodos e as técnicas a utilizar e, com o desenho da investigação, que inclui todas as etapas do processo de investigação.

No capítulo quatro – Apresentação e Análise dos Resultados Empíricos – apresentamos e analisamos os resultados recolhidos no trabalho de campo, descrevendo, detalhadamente, a evolução das relações familiares, desde a infância à velhice dos sujeitos entrevistados.

Por fim, na conclusão sintetizam-se os principais resultados obtidos e reflete-se sobre as implicações do estudo, suas principais limitações e propostas para trabalhos futuros.

Capítulo 1. Problema de Investigação

Neste capítulo pretendemos definir e justificar o problema em estudo explicitando os objetivos da investigação.

1.1. Definição do problema de investigação

Esta pesquisa visa estudar as “Relações entre Pais e Filhos na Velhice”, tendo sido realizada na Associação de Assistência de S. Vicente de Paulo da freguesia da Sé – Braga. Esta instituição possui duas respostas sociais, Lar para Idosos e Serviço de Apoio Domiciliário mas, a nossa investigação incide apenas sobre a primeira resposta social. A Instituição situa-se no concelho de Braga, na freguesia da Sé, mas integra idosos de todos os pontos do país, embora, atualmente, os dois distritos de origem predominantes, sejam o de Braga e o de Vila Real. A escolha desta Instituição justifica-se pela sua adequabilidade ao estudo e pelo facto de ser o local de trabalho do investigador, onde o mesmo desempenha funções de Assistente Social e de Direção Técnica.

A preocupação por este tema advém da prática profissional do investigador, na qual constata, quotidianamente, que alguns idosos têm visitas frequentes da família e, a outros já não lhes é dispensada a mesma atenção. Em conversa com os idosos institucionalizados nota-se, por um lado, que alguns deram muito de si à família e ao cuidado dos filhos e, por outro lado, outros foram pais ausentes e muitas vezes negligentes. Perante estes factos questionamo-nos se o afeto e a atenção ou a ausência e a negligência dispensados por estes pais aos seus filhos são retribuídos.

As relações familiares ganham importância na velhice uma vez que proporcionam a segurança e o apoio necessários às adaptações exigidas pelos novos contextos de vida (reforma, viuvez, institucionalização, etc.) e eventuais problemas de saúde.

Em suma, neste trabalho pretende-se compreender se as relações atuais entre os idosos institucionalizados e os seus filhos são influenciadas pelas trajetórias familiares dos idosos.

1.2. Objetivos da investigação

Os objetivos mostram os resultados que se esperam alcançar no final da investigação, devendo ser realistas e mensuráveis, pois vão responder ao “para quê” da nossa investigação. Temos dois níveis de objetivos, os gerais e os específicos. Os objetivos gerais abrangem a globalidade do problema a estudar, neste sentido, o nosso objetivo geral é *“Perceber quais são os determinantes das relações entre os idosos institucionalizados e os seus filhos”*.

Por sua vez, os objetivos específicos definem qual a informação particular que a investigação pretende obter. Assim sendo, pretendemos:

- Caracterizar as relações familiares dos idosos integrados no Lar de S. Vicente de Paulo da AASVP;
- Perceber se as interações familiares, ao longo do percurso de vida dos idosos, interferem na relação com os seus filhos na velhice;
- Apurar outros determinantes das relações que os idosos institucionalizados estabelecem com os seus filhos.

Capítulo 2. Enquadramento Teórico da Questão

Neste capítulo pretende-se reunir contributos científicos acerca do tema em estudo através de uma revisão de literatura que, baseando-se em trabalhos de investigação previamente desenvolvidos, tem por objetivo caracterizar e enquadrar as temáticas a investigar.

Sendo este um estudo no domínio do envelhecimento considera-se relevante iniciar com um enquadramento da evolução deste conceito. De seguida, como a investigação aborda, muito particularmente, a problemática das relações familiares de idosos institucionalizados, seguiremos com uma abordagem às questões das relações familiares e apoio na velhice e às questões da institucionalização.

2.1. Sobre o envelhecimento

O envelhecimento não é um estado, mas sim um processo de deterioração progressivo e pessoal, afetando todas as pessoas e culminando na morte. O envelhecimento caracteriza-se pelo declínio da capacidade funcional de uma pessoa e, conseqüentemente, pelo declínio das capacidades psicológicas e sociais, a sua velocidade e gravidade variam de pessoa para pessoa e conforme o envelhecimento seja biológico, psicológico e social. Para Pereira e Roncon (2010), embora o processo de envelhecimento não esteja, necessariamente, relacionado com doenças e incapacidades, as pessoas idosas são afetadas, geralmente, por doenças crónicas degenerativas, o que lhes causa uma maior incapacidade funcional, acarretando conseqüências ao nível da própria pessoa, família e comunidade. Assim, pode-se aferir que as pessoas envelhecem de

formas muito diferentes e pode-se afirmar que existem diferentes idades do envelhecimento, como a biológica, a psicológica e a social, as quais podem ser muito diferentes da idade cronológica, pois esta última mede apenas o número de anos passados desde o nascimento da pessoa até ao momento atual. Posto isto, passamos a descrever as restantes idades consideradas (Birren e Cunningham *cit in* Fonseca, 2006):

Idade biológica – refere-se ao envelhecimento orgânico, onde cada órgão sofre transformações que se refletem na diminuição do seu funcionamento. É uma dimensão, especialmente, importante para a consideração dos problemas de saúde que afetam as pessoas pois é verificável que também há uma diminuição da capacidade de autorregulação dos vários órgãos. Particularmente, nesta dimensão, envelhecer é um processo amargo porque a pessoa começa a sentir, no seu quotidiano, a perda de muitas capacidades biológicas, podendo encarar este processo como sinónimo de doença, debilidade, inutilidade e dependência. Mas, pelo contrário, o envelhecimento deve ser visto como um processo natural do desenvolvimento humano, tendo como perspectiva de que cada fase da vida envolve modificação, adaptação e aceitação.

Idade psicológica – refere-se às capacidades de natureza psicológica que as pessoas utilizam para se adaptarem à mudança do ambiente, inclui a inteligência, motivação e memória. Como foi referido, na idade biológica, o processo de envelhecimento vem, geralmente, seguido de associações a sentimentos destrutivos, de inutilidade e perda, situação essa que se complica com: (a) a dificuldade de adaptação a novos papéis; (b) a desmotivação e a dificuldade de projetar o futuro; (c) a necessidade de trabalhar perdas e adaptar-se

a mudanças; (d) modificações psíquicas, depressão, hipocondria, somatização, paranóia, suicídios (e) e, por fim, baixa autoestima e autoimagem.

Idade social – refere-se aos papéis, ao estatuto e aos hábitos das pessoas, relativamente aos outros membros da sociedade e da família, sendo que esta idade é amplamente influenciada pela história e pela cultura de cada país. Exposto a um processo com muitas perdas e rejeições, o idoso tende a procurar o isolamento, por vontade própria ou por incentivo da sociedade, e o facto de ter poucas ocupações sociais, ser menos solicitado pela família e pela comunidade faz com que se considere como um sujeito improdutivo e sem poder de decisão. A este nível, as consequências do envelhecimento são a crise de identidade, a alteração de papéis, a reforma e a diminuição dos contactos sociais, sendo que a saída do mercado de trabalho é a causa de maiores mudanças, obrigando a um enorme esforço de adaptação, pois parar de trabalhar manifesta-se na perda do papel profissional, na perda de papéis junto da família e da sociedade (Fonseca, 2006). Por um lado, o afastamento do reformado do convívio com diferentes grupos faz com que a sociedade também se afaste, prescindindo de convidá-lo a participar e não reconhecendo a sua existência social. Por outro lado, a família, que deveria construir bases emocionais e físicas para a promoção da qualidade da vida do idoso, acaba por criar um conflito complexo no que respeita ao espaço que escolhe para esse seu membro.

Presentemente, com base na idade cronológica, os estudos do envelhecimento fazem menção a três grupos de idosos: (a) os idosos jovens, são pessoas com idade compreendida entre os 65 e os 74 anos, que continuam ativas; (b) os idosos velhos, são pessoas com idade compreendida entre os 75 e os 84 anos; e (c) os idosos mais velhos, são pessoas com 85 ou mais anos, as quais têm

maior propensão para a doença e podem ter maiores dificuldades em realizar algumas atividades da vida diária (Papalia, Olds e Feldman *cit in* Schneider e Irigaray, 2008). A distinção entre idosos jovens, idosos velhos e idosos mais velhos pode ajudar a compreender o envelhecimento do ponto de vista cronológico. Mas, analisando o envelhecimento de uma forma global, temos que associar a esta definição, as experiências vividas no percurso de vida, a forma como se vive e se gere a própria vida no presente e as expectativas futuras, ou seja, é uma junção entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinado período, e nele estão compreendidas distintas dimensões: biológica, cronológica, psicológica e social.

Já Caradec (*cit in* Mauritti, 2004), simplifica a questão expondo dois polos distintos de como a velhice deve ou pode ser encarada. Por um lado, descreve o polo negativo, onde se destacam as situações de pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência e, por outro lado, o polo positivo, onde predominam os discursos dirigidos aos idosos que não se encaixam no polo anterior, associando a velhice a um tempo de lazer, de liberdade e de autoaperfeiçoamento, dando como exemplo a universidade da terceira idade e o turismo sénior. Fernandes (2001), associa o polo negativo à quarta idade, ou seja, *“a idade em que se começam a perder capacidades essenciais e se regista uma deterioração do estado geral de saúde”* (Fernandes, 2001:44) e o segundo polo à terceira idade, ou seja, a idade após a reforma em que os idosos gozam de saúde e podem contribuir de forma significativa para a sociedade, seja assumindo um papel de relevo na família (ex: tomando conta dos netos), realizando atividades de voluntariado, etc.

Esta distinção entre 3ª e 4ª idades leva-nos a definir alguns conceitos importantes para o estudo, começando pelo de “dependência”, o qual está intrinsecamente ligado à noção de “fragilidade”, a qual é definida (Hazzard et al. *cit in* Caldas, 2003) como uma vulnerabilidade que a pessoa manifesta aos desafios propostos pelo próprio ambiente. A dependência pode ser classificada em diferentes graus, como o leve, o parcial ou o total, sendo que é precisamente o grau de dependência que estabelece os tipos de cuidados que são necessários. O termo “função” é descrito como a competência que uma pessoa tem para se ajustar aos problemas diários, compreendendo também a sua participação na sociedade, mesmo que mostre alguma limitação física, mental ou social. A função é determinada com base na capacidade de realização das atividades da vida diária (AVD), que por sua vez se dividem em: (a) atividades básicas da vida diária – tarefas do auto-cuidado, como alimentar-se, vestir-se, controlar os esfíncteres, lavar-se, locomover-se, etc.; (b) atividades instrumentais da vida diária – capacidade para ter uma vida autónoma na comunidade, executando tarefas domésticas, compras, gerindo a medicação, manipulando dinheiro, etc.; e (c) atividades avançadas da vida diária – indicadoras de atos mais complexos, e em grande parte, aliados à auto-motivação, como trabalho, atividades de lazer, contactos sociais, exercícios físicos, etc. Assim sendo, conclui-se que a dependência se traduz na necessidade de uma ajuda imprescindível para a realização de tarefas essenciais à vida, não sendo apenas a incapacidade que gera a dependência mas o somatório da incapacidade com a necessidade. Para Garcia e Catalán (2009), a dependência evolui em simultâneo com a idade e, quanto maior for a população de dependentes idosos, maior será a população de cuidadores, por isso, o cuidado deve ser encarado como uma resposta às transformações

demográficas e históricas inerentes ao aumento significativo de pessoas que chegam à velhice.

Posto isto, e de acordo com Fernandes (2001), é necessário refletir, sobre os efeitos do envelhecimento demográfico das e nas populações, ou seja, sobre as muitas mudanças que têm vindo a ocorrer nas sociedades atuais. O envelhecimento das populações, tem tendência a acentuar-se, não só no topo, com o incremento dos mais velhos, mas também na base, com a diminuição dos mais novos. Este cenário insere-se na tendência predominante das populações dos países desenvolvidos e, a seu tempo, da população mundial, e pode ser explicado por diversos fatores, entre eles destacam-se o declínio da fecundidade e da mortalidade, seja infantil, assente no maior controlo das doenças infecciosas, seja pelo aumento da longevidade dos indivíduos. A mortalidade que há cinquenta anos era muito elevada nas crianças concentra-se agora nas idades avançadas, com mais pessoas a sobreviverem. A esperança média de vida aumentou, sobrevivendo mais mulheres do que homens, o que torna a velhice predominantemente feminina.

Também a família sofreu um processo de mudança, passando de famílias em pirâmides para famílias “beanpoles” (varas de feijão), sendo as últimas caracterizadas por uma estrutura com forma longa e fina, com muitos laços verticais (entre gerações) e, comparativamente, poucos laços horizontais (dentro das gerações). A verticalidade desta nova estrutura caracteriza-se também por um “peso no topo” das famílias, tendo como efeito mais anos de vida partilhada entre as gerações (Fokkema, Bekke e Dykstra, 2008). Concluindo, as transformações principais no sistema familiar estão na verticalização e na diminuição horizontal

das famílias, havendo um maior número de gerações em cada uma delas mas estas têm menos pessoas.

Para Pereira e Roncon (2010), a situação portuguesa é muito idêntica àquela que é anunciada a nível mundial. Tendo em conta os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2007), presenciamos um acréscimo da percentagem da população idosa na população total, sendo esta de 17,1% (1 810 100 pessoas), e a esperança média de vida à nascença alcançou os valores de 74,9 anos para os homens e de 81,4 anos para as mulheres. As projeções realizadas pelo INE (2007) até ao ano 2050, mostram uma propensão para o acentuar do envelhecimento da população, o qual irá ocorrer devido aos níveis de fecundidade ficarem aquém do limiar de substituição de gerações, a um sucessivo aumento da esperança média de vida à nascença e a um saldo migratório positivo mas moderado. Entre a população idosa, a proporção de pessoas com 85 e mais anos também continuará a crescer, evidenciando-se uma maior longevidade das mulheres.

Outras transformações demográficas marcantes (Fokkema, Bekke e Dykstra, 2008) são a demora em abandonar a casa dos pais (especialmente no sul da Europa); o adiamento do casamento e da paternidade/maternidade; o aumento dos casais sem filhos (em algumas partes da Europa); as mudanças na conjugalidade, onde o casamento tem perdido terreno para outros tipos de conjugalidade; o aumento do divórcio e, devido à crescente mobilidade geográfica, a família tem os seus membros a viver mais longe uns dos outros. Na frente socioeconómica, as mudanças mais notáveis prendem-se com o alargamento da educação universal, particularmente, para as mulheres; o desenvolvimento, expansão e adaptação dos sistemas de bem-estar e a afluência de mulheres na força de trabalho pago. Simultaneamente a estas alterações, a

Europa defrontou-se com reformas sociais mais vastas, como os processos de individualização e secularização (Fokkema, Bekke e Dykstra, 2008).

A evolução demográfica descrita provoca um desequilíbrio entre as gerações, isto é, o aumento dos mais velhos é acompanhado pela redução dos mais novos, ou seja, cria um desequilíbrio proporcional dos grupos etários (Fernandes, 2001). Perante tal desequilíbrio, deslumbramos no horizonte uma sociedade distinta da atual, isto é, diferente desta sociedade que categoriza, associando aos diferentes grupos etários imagens e representações que terão que ser revistas e ajustadas à realidade atual e futura. De acordo com as representações tradicionais de velhice, aos 60 ou 65 anos os indivíduos teriam alcançado a idade da velhice, o que faz com que Fernandes (2001:42) questione, com base na realidade atual, *“até que ponto a idade da velhice não foi afastada do limiar socialmente instituído e remetida para mais tarde?”*.

Podemos declarar que os sexagenários de hoje, dispõem de maior probabilidade de sobrevivência, têm mais saúde, mais meios económicos, culturais e sociais, maior acesso às infraestruturas de apoio médico-sanitário e variedade de terapêuticas médicas e, conseqüentemente, dispõem de mais anos de vida e de um capital de informação inigualável que deverá ter ainda maior impacto nas gerações mais jovens. Por outro lado, como já foi referido, a velhice também aparece ligada às inaptidões físicas, psíquicas e materiais que surgem nas idades mais avançadas, sendo uma grande parte dos recursos humanos e materiais disponíveis consumidos pelos “muito idosos” e, sobretudo pelos indivíduos na última fase da vida qualquer que seja a idade em que tem lugar.

Contrariando as representações mais negativas da velhice, as políticas sociais atuais têm por base o conceito de envelhecimento ativo (Mauritti, 2004), com o qual pretendem favorecer a integração social e laboral dos idosos, invocando a execução de medidas próprias que impulsionem mudanças na organização do trabalho e reduzam atitudes discriminatórias relativamente aos mais velhos. Sugerem medidas que promovem o acesso dos idosos a atividades culturais e recreativas e que desenvolvem as solidariedades intergeracionais, no seio da família e em variadíssimos contextos da sociedade.

2.2. Sobre o apoio familiar

De acordo com Salgado (*cit in* Garcia e Catalán, 2009), apesar da convicção de que, no mundo atual, as pessoas idosas estão desamparadas face às suas famílias, estudos globais contradizem essa ideia. Particularizando à sociedade portuguesa, pode-se afirmar que continuam a subsistir fortes laços de solidariedade familiar e comunitária (Pimentel, 2005). A maioria das famílias europeias, ainda apresentam muito comprometimento para com a sua função de fornecimento de apoio, contudo, as suas manifestações mudaram, pois enquanto que as tarefas económicas e instrumentais têm sido, cada vez mais, deslocadas da família para outras instituições, as funções sócio-emocionais alteraram-se e adquiriram maior importância (Dykstra *cit in* Fokkema, Bekke e Dykstra, 2008). Uma explicação para este facto prende-se, segundo Pereira e Roncon (2010), com a ideia de que as relações familiares na velhice são moldadas pelo conjunto das experiências de vida e pelas circunstâncias históricas específicas que afetam os indivíduos ao longo das suas vidas. Logo, a adaptação às condições sociais e económicas que idosos e famílias enfrentam nos seus últimos anos de vida, está dependente dos padrões adaptativos utilizados ao longo do percurso pessoal e

familiar. Relações de apoio mútuo constroem-se ao longo do tempo e são modeladas por circunstâncias históricas (Hareven *cit in* Pereira e Roncon, 2010).

Para Fernandes (2001), a família é o lugar principal das partilhas intergeracionais. É o lugar da troca e da entreajuda, onde as gerações se encontram de forma intensa. Estas relações intergeracionais desenvolvem-se em estruturas familiares contemporâneas que diferem das tradicionais dado o incremento do número de famílias trigeracionais com aumento e reforço do topo (o que leva a que haja mais avós do que netos), a redução da coabitação dos pais idosos com os seus filhos adultos e o aumento dos idosos a viverem sós. Os modelos de ajuda que se estabelecem entre os membros da família, quer derivem da geração intermédia para os seus pais idosos, ou ao contrário, dos pais mais velhos para os filhos, têm usualmente origem no reconhecimento de uma necessidade. As famílias modernas organizam-se em torno de laços de parentesco, criando redes de relações através das quais circulam ajudas, bens e afetos.

Para Vaz Serra (*cit in* Martins, 2005), apoio social/familiar é a quantidade e a qualidade das relações sociais/familiares que envolvem, de modo ativo, uma pessoa e que têm o intuito de fomentar o seu bem-estar físico e psíquico. Concluímos, de acordo com este autor, que o conceito de apoio social/familiar envolve transações entre pessoas e as suas redes sociais/familiares, no sentido de satisfazer necessidades. Este autor (Martins, 2005:131) distingue seis tipos de funções do apoio social/familiar, a saber:

- **Apoio afetivo** – associado ao facto das pessoas se sentirem apreciadas e aceites pelos outros apesar dos seus defeitos, erros ou limitações, o que permite melhorar a autoestima;

- **Apoio emocional** – equivale aos sentimentos de apoio e segurança que a pessoa pode alcançar e que a auxilia a superar os problemas;
- **Apoio percetivo** – permite à pessoa reavaliar o seu problema, dar-lhe outro sentido e definir objetivos mais razoáveis;
- **Apoio informativo** – inclui o conjunto de informações e conselhos que ajudam a pessoa a entender melhor situações complicadas e a auxiliem na tomada de decisões;
- **Apoio instrumental** – ajuda a pessoa a resolver problemas através da prestação de bens e serviços;
- **Apoio de convívio social/familiar** – alcançado através do convívio com outras pessoas em atividades de lazer ou culturais, ajudando a atenuar as tensões e a fazer com que a pessoa não se sinta isolada de determinada rede social/familiar.

O apoio social/familiar terá um efeito direto sobre o bem-estar, favorecendo a saúde. Assim, quanto maior for o apoio social/familiar, menor será o mal-estar psicológico percebido e quanto menor for o apoio social/familiar maior será a ocorrência de transtornos (Martins, 2005).

Diante destas conclusões, urge refletir sobre soluções, calculando despesas e partilhando responsabilidades. As solidariedades familiares e de vizinhança, as instituições que têm surgido em consequência de políticas sociais de velhice – lares, centros de dia, serviços de apoio domiciliário – são recursos escassos e, em certos casos, desadequados às necessidades e à extensão do problema. A disseminação de serviços estatais exclusivos para os idosos é considerada, por

alguns autores, como uma das causas da progressiva desresponsabilização da família. Martin (*cit in* Rodrigues, 2000) refere que, cada vez mais, as pessoas aguardam respostas globais por parte das instituições particulares e públicas, esquecendo-se que algumas dessas competências eram tradicionalmente remetidas para a família. Apesar disto, e como foi dito anteriormente, o autor considera que as transformações produzidas ao nível das relações familiares, não colocaram em causa a solidariedade familiar, dado que esta continua ativa.

A teoria da solidariedade preconizada por Bengtson e Roberts (1991), pretende dar contributos para definir padrões de solidariedade entre pais e filhos na vida adulta da família, ou seja, ambiciona compreender a coesão intergeracional que se estabelece depois dos filhos atingirem a maturidade e constituírem carreiras e famílias próprias. Silverstein e Bengtson (1997), afirmam que a teoria da solidariedade intergeracional se apresenta como uma de poucas tentativas de longo prazo, na sociologia da família, para desenvolver e testar uma teoria de integração da família; que as dimensões de solidariedade criam um instrumento válido e fiável para aferir a força dos laços familiares intergeracionais e que, a teoria da solidariedade é bastante ampla para abranger formas latentes de solidariedade.

Esta teoria, multifacetada e multidimensional, classifica a coesão intergeracional, no seio da família, em seis dimensões – associativa, afetiva, consensual, funcional, normativa e estrutural, as quais passamos a expor (Bengtson e Roberts, 1991):

- **Solidariedade associativa** – define-se pela frequência e padrões de interação (ex: cara a cara, *e-mail*, telefone) em vários tipos de

atividades nas quais os membros da família se envolvem (lazer, ocasiões especiais, etc.).

- **Solidariedade Afetiva** – define-se pelos tipos e graus de sentimentos positivos entre os membros da família (por exemplo, avaliações de afeto, carinho, intimidade, compreensão, confiança, respeito), bem como, pelo grau de reciprocidade (avaliação da reciprocidade percebida em sentimentos positivos) desses sentimentos.
- **Solidariedade Consensual** – define-se pelo grau de concordância entre membros da família sobre valores, atitudes e crenças.
- **Solidariedade Funcional** – define-se pelo grau de ajuda e trocas de recursos. Pode-se avaliar através da frequência das trocas intergeracionais de assistência (ex: financeiras, físicas, emocionais) e a sua reciprocidade.
- **Solidariedade Normativa** – reflete-se na força de compromisso de desempenho de papéis familiares e de cumprimento de obrigações familiares. Pode ser medida através da avaliação da importância da família e dos papéis entre gerações, bem como, através de avaliações da importância das obrigações familiares.
- **Solidariedade Estrutural** – define-se pela estrutura de oportunidades para estabelecer as relações entre gerações, como proximidade residencial dos membros da família, dimensão da família e saúde dos seus membros.

Concluindo, pode-se aferir que os cinco primeiros elementos refletem as orientações comportamentais, afetivas ou cognitivas de um membro da família em relação ao outro. O sexto elemento da solidariedade, refere-se à estrutura de oportunidades para a interação familiar, sendo que a disponibilidade dos membros da família para a interação é influenciada por fatores como vizinhança, número de filhos, morbidade e mortalidade.

Um estudo realizado por Silverstein, Lawton e Bengtson (Silverstein, Giarrusso e Bengtson, 1998) refere que as seis dimensões de solidariedade, acima referidas, podem ser associadas em três grupos: (a) o grupo afetivo-cognitivo que é constituído pela solidariedade afetiva e consensual e representa uma forma latente de solidariedade, ou seja, a relação entre gerações; (b) o grupo interativo-oportunidade que é constituído pela solidariedade estrutural e associativa; (c) e o grupo instrumental que é constituído pela solidariedade normativa e funcional. A junção dos grupos interativo-oportunidade e instrumental representa formas manifestas ou impostas de solidariedade, ou seja, uma ação potencial ou evidente de uma geração sobre a outra.

Tendo em conta a estrutura multidimensional da solidariedade Silverstein, Giarrusso e Bengtson (1998) afirmam que, para descrever de forma adequada as relações intergeracionais é necessário considerar muitas dimensões da solidariedade em simultâneo, abordagem que requer o uso de uma tipologia. Silverstein, Lawton e Bengtson (1998) identificam, através das dimensões de solidariedade, cinco tipos de relações pais-filhos: (1) a malha apertada – forte em todas as dimensões; (2) a individual – fraca em todas as dimensões; (3), a sociável – dimensões interativo-oportunidade e afetivo-cognitiva fortes mas instrumental fraca; (4) intimidade à distância – dimensões interativo-oportunidade e

instrumental fracas mas afetivo-cognitiva forte; e, por fim (5) obrigacionista – dimensões interativo-oportunidade e instrumental fortes mas dimensão afetivo-cognitiva fraca.

Outrora, a prestação de cuidados era encarada como uma situação natural no círculo familiar pois era culturalmente e socialmente aceite. Porém, atualmente, muitos são os obstáculos à prestação desse apoio. Culturalmente, era expectável que a responsabilidade pelos cuidados das pessoas mais velhas fosse assegurada pelos familiares, assumindo-se a família como fonte principal de apoio e de cuidados aos seus elementos, desde a nascença até a morte, sendo o cuidado familiar realizado de forma intergeracional (pais, avós e netos) e intrageracional (esposos, irmãos, primos), isto é, os pais cuidavam dos filhos, os mais velhos dos mais novos e vice-versa.

Segundo Quaresma (1996), as situações que exigem cuidados surgem, muitas vezes, na sequência de um problema de saúde repentino (acidentes vasculares cerebrais, quedas e outras situações cujo progresso conduziu a uma clara perda de autonomia), do agravamento da situação de saúde ou de uma deficiência (cegueira progressiva, senilidade, estados de desorientação psíquica, por exemplo) que, manifestando-se numa maior dependência, levam ao aumento do tipo e da frequência dos apoios concedidos pela família. Contudo, apesar das questões de saúde terem um papel fundamental na iniciação dos cuidados, não se pode menosprezar outros fatores como o tipo de coabitação, situação socioeconómica e apoios intra e extra familiares. Neste sentido, Mendes (*cit in* Caldas, 2003) afirma que, geralmente, a decisão de arcar com os cuidados é consciente, designando-se essa pessoa de cuidador informal, contudo, segundo o autor, este processo atende aos seguintes fatores: (a) parentesco, frequentemente

os cônjuges antecipam-se à assistência de um filho; (b) género, com predomínio da mulher; (c) proximidade física, preferência por quem coabita com a pessoa que exige cuidados; (d) e proximidade afetiva, destacando-se a relação conjugal e a relação entre pais e filhos. Assim sendo, e de acordo com Quaresma (1996), apesar do processo de cuidar de um idoso possa advir de uma forte pressão social, não se deve declinar a importância do fator afetivo nesta decisão, podendo-se concluir, segundo o autor, que as razões pelas quais os familiares assumem o papel de cuidadores são:

- A **pressão social**, tendo em conta a gratificação que experimentam pela imagem positiva que a comunidade tem a seu respeito;
- A **qualidade das relações afetivas** na trajetória familiar;
- A **necessidade de manter um casal unido** mesmo quando um deles está com uma grave dependência física e/ou mental;
- A **falta de equipamentos residenciais de qualidade**, designadamente para integração de casais.

Por outro lado, o prolongamento da prestação de cuidados assenta nas seguintes razões (Quaresma, 1996):

- Razões de **ordem afetiva**;
- Razões de **dependência psico-afetiva**, sobretudo nas situações em que é um dos cônjuges o prestador de cuidados;
- Razões de **pressão intrafamiliar**, aparecendo, nestes casos, formas de solidariedade intrafamiliar de auxílio à prestação dos cuidados;

- Razões de **pressão social**, decorrentes do desejo destas famílias transmitirem uma imagem positiva à comunidade.

Segundo Quaresma (1996), pode-se afirmar que a decisão e a continuação da prestação dos cuidados está intimamente ligada a aspetos de gratificação social e afetiva, os quais operam também como meios expressivos de compensação pelo esforço empreendido. Contudo, apesar da natureza das razões apontadas, a família continua a ter muita importância como primeiro suporte de ajuda aos seus membros em situação de maior fragilidade, nomeadamente, os mais idosos. E, apesar da evolução observada na estrutura sócio-familiar, a família continua a assegurar-lhes a prestação de cuidados informais essenciais à satisfação das suas necessidades básicas e à gestão do seu domicílio (Quaresma e Bernardo, 1996). Neste contexto, assume especial relevo reconhecer o valor das famílias como agentes de prestação de cuidados e, conseqüentemente, como agentes económicos, produtores de serviços essenciais à manutenção dos idosos no seu meio familiar e social. Na verdade, a família assume, ainda hoje, não só a parte que lhe compete, mas colmata também a precariedade da rede de serviços, insuficiente para a resolução de alguns destes problemas. Contudo, a poupança efetiva ao nível de gastos públicos tem um preço muito elevado para estas famílias, pelo desgaste que lhes impõem, o qual conduz muitas vezes a situações de crise ou mesmo de colapso familiar (Quaresma e Bernardo, 1996). Se não existirem diariamente outros apoios, o familiar cuidador dedica-se à higiene pessoal da pessoa idosa; à confeção das refeições; às compras; à administração da medicação; às tarefas de asseio e organização da casa e ao auxílio à mobilidade da pessoa idosa, sendo que, mesmo que haja apoios intra ou extra familiares eles são sobretudo no âmbito dos

cuidados de higiene e das tarefas domésticas (Quaresma, 1996), o que alivia mas não retira a sobrecarga física e psicológica sobre o cuidador.

Como vimos, os cuidadores informais são geralmente familiares da pessoa a ser cuidada, pela proximidade afetiva e/ou geográfica. Nos casos em que o idoso não possui descendentes diretos, a probabilidade de integração num Lar para Idosos é maior, uma vez que, comumente, são os irmãos ou sobrinhos que arcam com a responsabilidade do cuidado (Perlini et al., 2007). Outra característica habitual do cuidado de familiares idosos é a atribuição desse papel à mulher, havendo uma feminização dos cuidados. Porém, com a entrada cada vez mais acentuada da mulher no mercado de trabalho e com as transformações na estrutura familiar, esta situação tende a alterar-se. No âmbito dos cuidados familiares a idosos estamos frequentemente perante núcleos familiares constituídos por dois elementos idosos, geralmente, um casal no mesmo escalão etário, onde não tarda que o cuidador passe a ter que ser também alvo de cuidados. É ainda frequente nestas famílias que prestam cuidados haver níveis de precariedade no que diz respeito às condições de habitação e às condições socioeconómicas em geral. Todas estas especificidades levam Quaresma e Bernardo (1996) a explicitar as dificuldades com que se debatem os cuidadores informais:

- **Dificuldades de ordem pessoal** – demonstração de stresse físico e psíquico, medos e receios de não saber resolver a situação, conflitos de expectativas de realização pessoal, escassez de informação e de formação adequadas à prestação dos cuidados.

- **Dificuldades de ordem familiar** – surgimento de conflitos familiares graves e dificuldade em criar uma rede familiar de apoio. Segundo Perlini et al. (2007), as dificuldades de relacionamento com os restantes elementos da família também concorrem para que o idoso seja integrado num Lar para Idosos.
- **Dificuldades de ordem económica** – o aumento dos encargos financeiros desregulam o orçamento familiar. Os custos financeiros mais altos surgem nas famílias com recursos superiores quando se decidem pela solução dos cuidados intra-familiares, porque são maiores as exigências no que concerne ao conforto, à ajuda de pessoal habilitado e ao equipamento. Nas famílias com baixos e médios recursos financeiros, os custos são altos para o nível dos seus rendimentos, por isso, estas famílias recorrem aos serviços públicos ou privados não lucrativos, onde conseguem receber auxílio económico e encontrar serviços e equipamentos a preços adaptados aos seus rendimentos. Exemplos desta realidade são os Centros de Dia e de Saúde que tencionam facilitar a manutenção do idoso no seu meio familiar, estabelecendo-se como formas indiretas de apoio (Perlini et al., 2007).
- **Dificuldades de integração social e profissional** – ao nível social, pelas limitações no acesso a atividades sociais e culturais devido à impossibilidade de encontrar substituto ou pelo próprio cansaço da situação; ao nível profissional, tem a ver com os prestadores de cuidados que se encontram no mercado laboral, pois há carência de

legislação que garanta a conciliação da função familiar com a função profissional.

- **Dificuldades decorrentes da inexistência de apoios institucionais** – quer em recursos humanos, quer em ajudas técnicas que auxiliem a prestação de cuidados.

Perante todas estas dificuldades e de acordo com Figueiredo e Sousa (2008), a prestação de cuidados a um familiar idoso dependente pode ser esgotante, por isso, na literatura gerontológica utiliza-se o termo “sobrecarga” para estimar os efeitos negativos, na saúde e bem-estar do cuidador, da tarefa de cuidar, sendo usual distinguir-se duas dimensões da sobrecarga, a objetiva e a subjetiva. A objetiva refere-se às consequências do cuidar, nas várias dimensões da vida do cuidador (familiar, social, económica, profissional). A sobrecarga subjetiva prende-se com as atitudes e respostas emocionais do cuidador às exigências do cuidar. As consequências, para o cuidador, da prestação de cuidados evidenciam-se ao nível de mal-estar psicológico (ansiedade, depressão) e de morbilidade física (sistema imunitário debilitado, perceção negativa do estado de saúde, ocorrência elevada de doenças crónicas, cansaço físico). De acordo com Caldas (2003), a sobrecarga física, emocional e socioeconómica de cuidar de uma pessoa idosa é enorme e, por isso, a família deve ser capaz de lutar contra os sentimentos de culpa, frustração, raiva, depressão e outros sentimentos intrinsecamente ligados a esse encargo. Segundo Quaresma (1996) pode-se hierarquizar as necessidades dos cuidadores da seguinte forma:

- 1º. Necessidade de **melhoria da situação económica**, nomeadamente de forma a permitir uma melhor satisfação das necessidades básicas,

como a compra de medicamentos e de ajudas técnicas auxiliaadoras dos cuidados.

- 2°. Necessidade de **auxílio dos serviços**, tanto a nível dos cuidados primários como dos cuidados de saúde, de forma permanente e com maior assiduidade;
- 3°. Necessidade de obter **apoio dos serviços da comunidade** de forma a possibilitar ao cuidador ter algum tempo livre, principalmente para convívio, visita a familiares e férias;
- 4°. Necessidade de **convivência e companhia**;
- 5°. Necessidade de **melhorar os conhecimentos** visando uma maior segurança e qualidade dos cuidados concedidos, designadamente, sobre o que fazer em situações de emergência ou de total dependência.

Como vimos, o acréscimo da longevidade das pessoas, a par da cronicidade das doenças, provoca um aumento das necessidades de apoio para com os mais idosos, o qual supera, frequentemente, a capacidade de assistência disponível no seio familiar (Pereira e Roncon, 2010). Sabendo que o familiar cuidador representa uma parte importante do processo de prestação de cuidados ao idoso, mas tendo em conta que essa responsabilidade pode debilitar gravemente a sua saúde, ocorre o risco da institucionalização do idoso dependente aumentar, assim como, do cuidador se converter em mais um utente do sistema de saúde. Embora se defenda que o cuidado ao idoso deva ser, preferencialmente, realizado no seu próprio domicílio ou no de familiares, daí a existência dos Serviços de Apoio Domiciliário que auxiliam nessa tarefa, nos casos em que não há condições que assegurem a própria sobrevivência dos idosos, é obrigação do Estado garantir

o acolhimento dos mesmos em Lares para Idosos (Perlini et al., 2007). Deixando, desta forma, o auxílio aos mais dependentes de ser limitado à família, passando o Estado a ter que precaver meios eficazes de apoio formal, a um grupo cada vez maior da população (Paul *cit in* Pereira e Roncon, 2010).

É de realçar que, comumente, ainda antes da institucionalização do idoso, a família procura encontrar pessoas que possuam conhecimentos e habilidade para dispensar os cuidados necessários ao seu familiar, tarefa que se constitui numa atividade desgastante, difícil e conflituosa para os familiares e para a própria pessoa idosa que está a ser cuidada, pois a constante mudança do cuidador torna-se sofrida, stressante e conturbada. São escassos os casos em que a prestação de cuidados não perturba, de algum modo, as redes relacionais no seu todo. Como resultado de uma nova rotina, a dinâmica familiar depara-se com transformações ao nível das relações de poder, dependência e intimidade, as quais obrigam a uma readaptação não só do idoso mas de toda a família.

Segundo Perlini et al. (2007), perante o cenário de incapacidade da família para prestar os cuidados necessários, a opção pela institucionalização é tomada, quando possível, em conjunto com o próprio idoso, o qual pretende encontrar um local no qual tenha atenção, conforto e, sobretudo, um local onde as suas necessidades básicas sejam totalmente atendidas, de uma forma mais capaz do que aquela que a família pode conceder. Outro fator decisivo na procura de um Lar para Idosos é que o mesmo seja capaz de promover o convívio e a socialização entre os seus residentes. Neste sentido, os familiares, por vezes acompanhados pelos próprios idosos, fazem visitas a diferentes instituições, com o intuito de descobrir aquela que poderá atender melhor às expectativas de ambos e auxiliar na recuperação da autoestima, na valorização de si mesmo e na diminuição do

sentimento de solidão em que muitos idosos vivem. A possibilidade do idoso poder criar uma estrutura física muito semelhante à da sua casa, podendo fazer-se acompanhar de mobília, utensílios e objetos com os quais está habituado, se reconhece e que têm valor afetivo, também contribui em muito para a seleção da instituição. Para além de todas estas condições, questões como a qualificação dos profissionais que cuidam dos idosos, a sua capacidade técnica, experiência e empenho em trabalhar com esta faixa da população são igualmente importantes no processo de escolha de uma instituição. Por fim, a situação económica também é um ponto importante na decisão de residir num Lar para Idosos (Perlini et al., 2007).

Posteriormente à institucionalização, uma forma de facilitar a conservação e até o desenvolvimento dos laços afetivos estabelecidos no decorrer da vida, entre o idoso e a sua família mais restrita, é a regularidade das visitas e a evidência de que as mesmas são realizadas com afeto, interesse, preocupação e responsabilização. A frequência das visitas é determinada pela disponibilidade de tempo e pela distância geográfica de cada elemento da família. Para Perlini et al. (2007), um dos benefícios da institucionalização, para toda a família, é o de haver maior interação e entendimento entre o idoso e a família, uma vez que as questões que poderiam promover o conflito, derivadas da convivência contínua, se dissipam ou podem ser resolvidas de uma outra forma.

2.3. Sobre a institucionalização

Apresentamos aqui o conceito de institucionalização porque este estudo versa sobre as relações familiares dos idosos do Lar de S. Vicente de Paulo. Assim, pensa-se que este conceito tem que ser abordado, pois só na medida em

que se relacionam todos os conceitos é que se pode responder à pergunta central desta investigação.

Segundo Maia (2002:205), institucionalização é o *“processo mediante o qual um conjunto de normas de comportamento, que orientam uma atividade social considerada importante, adquire regulamentação jurídica formal”*. Pode-se, então, dizer que a institucionalização consiste no estabelecimento de normas definidoras que atribuem estatutos e papéis em relação a determinados comportamentos. A institucionalização torna as atividades de um grupo rotineiras e previsíveis e a relação entre os vários membros padronizada. Segundo Rocher (1981:76), *“um conjunto de relações sociais torna-se institucionalizado quando: 1) se desenvolve um conjunto regular de “papéis” e de “estatutos”; 2) se este sistema de expectativa de “papéis” e de “estatutos” for amplamente aceite pela comunidade”*.

Da institucionalização resulta a instituição representada pelo aspeto normativo e normalizador da organização em causa. Para Spencer (*cit in* Mitchell, 1998), instituições são os órgãos que levam a cabo as funções da sociedade. Goudner (*cit in* Mitchell, 1998) vê as instituições como formas uniformizadas de resolver os problemas das sociedades. Por sua vez, Demartis (2002:261) define instituição como um *“conjunto de valores, normas e usos que regulam de modo estável e independente as pessoas singulares: 1) as relações sociais de um grupo, cuja atividade se considera dirigida a um objetivo socialmente relevante; 2) as relações que os indivíduos presentes e futuros têm e terão com tal grupo e os seus comportamentos em relação a ele”*. Neste sentido e, segundo Fichter (1973:297), *“uma instituição é uma estrutura relativamente permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos realizam segundo determinadas formas sancionadas e*

unificadas, com o objetivo de satisfazer as necessidades sociais básicas”. Assim, o que importa reter desta noção de instituição é o facto de implicar sempre uma função específica, ou seja, o facto da instituição ser um conjunto de elementos que trabalham com um determinado objetivo.

Segundo Fichter (1973), as instituições têm as seguintes características: (a) têm um fim, pois têm como objetivo satisfazer uma necessidade social; (b) têm um conteúdo relativamente permanente; (c) são estruturadas, pois os seus componentes tendem a manter-se em coesão e a apoiar-se mutuamente; (d) são uma estrutura unificada, pois funcionam como uma unidade, não podendo ser separadas das outras instituições e da sociedade em geral; (e) e, são necessariamente carregadas de valor. Gaulejac (1995) refere que as instituições que intervêm no terreno do desenvolvimento social são usualmente instituições sem fins lucrativos, tal como a AASVP, parte integrante deste estudo. Estas instituições transformam os recursos em serviços destinados à satisfação das necessidades específicas da população-alvo. Alude a quatro grupos de atores, sendo eles: (a) os fornecedores de recursos (coletividades locais, administradores, empresas, fundações, promotores sociais, associações); (b) os transformadores de recursos (diretores e administradores das associações e instituições, responsáveis locais, responsáveis dos equipamentos coletivos e dos serviços públicos); (c) os produtores de serviços (técnicos e profissionais do terreno); (d) e, os utilizadores dos serviços (habitantes, grupos sociais territorializados, utentes de serviços coletivos, aderentes de associações locais, entre outros).

Historicamente, a origem das instituições direcionadas para pessoas idosas, designadamente os asilos, dá-se a partir de meados do século XIX, muito porque o tema da velhice começa a ser objeto de discursos especializados (Lenoir *cit in*

Pimentel, 2005). O envelhecimento da primeira formação de proletários, em plena Revolução Industrial, origina problemas de estabilidade e coesão social, tendo em conta as condições de precariedade com as quais os ex-operários se defrontam, pela impossibilidade de produzir e de acautelar o seu sustento. Muito embora os instrumentos de proteção social tenham a sua origem em variadíssimos países da Europa, desde esse período (quer pelo associativismo e cooperação de classe, quer pela iniciativa pública e por uma sucessiva implementação dos seguros sociais e das reformas), só depois da II Guerra Mundial é que há uma expansão dos seguros obrigatórios e dos sistemas de segurança social (Pimentel, 2005). A partir desta época o Estado assume-se como um efetivo Estado Providência, cada vez mais interventivo, desenvolvendo ou favorecendo a multiplicação de serviços e equipamentos para a população carenciada em geral e, em específico, para os idosos. Surgem, desta forma, um grupo de serviços e equipamentos variados que abarcam diversas necessidades e têm como objetivo melhorar as condições de vida das pessoas idosas, nomeadamente, daquelas cujas redes de solidariedade primárias estão ausentes ou são ineficazes.

Os equipamentos de maior implementação têm sido os lares para idosos (Pimentel, 2005). Este estudo irá considerar os seniores residentes da resposta social “Lar para Idosos” da AASVP, cuja definição é a seguinte (Bonfim et al., 1996:7): *“resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada a alojamento coletivo, de utilização temporária ou permanente, para pessoas idosas ou outras em situação de maior risco de perda de independência e/ou de autonomia”* e tem como objetivos: (a) acolher pessoas idosas cuja situação social, familiar, económica e/ou de saúde, não lhes permite permanecer na sua residência ou na dos seus familiares; (b) assegurar os cuidados adequados à satisfação das

necessidades, tendo em vista a manutenção da autonomia e independência; (c) criar condições que permitam preservar e incentivar a relação inter-familiar; (d) encaminhar e acompanhar as pessoas idosas para soluções adequadas à sua situação. Contudo, Perlini et al. (2007), defende que os Lares para Idosos também predisõem ao afastamento porque retiram os idosos do seu meio social e humano, para além de que incitam à regularização das atividades diárias, que não possibilitam, por vezes, à pessoa idosa proteger a sua singularidade e o seu espaço.

Esta resposta social tem como destinatários pessoas de sessenta e cinco e mais anos ou de idade inferior em condições excecionais, a considerar caso a caso. A capacidade aconselhada para este tipo de equipamento é de trinta/quarenta pessoas, organizada em unidades residenciais de dez a vinte pessoas. O lar seja prédio, moradia ou edifício próprio, deve estar inserido na comunidade, para permitir a integração social das pessoas idosas.

O funcionamento do lar deve assegurar uma qualidade de vida aos seus residentes que, embora condicionada pelo coletivo, não negligencie o individual, por isso, deve garantir: (a) a possibilidade de trazerem consigo alguns dos seus móveis e/ou objetos de estimação; (b) a prestação de todos os cuidados adequados à satisfação das suas necessidades, tendo em vista a manutenção da autonomia e independência; (c) um ambiente confortável e humanizado, respeitando, sempre que possível, os seus usos e costumes; (d) a informação sobre as ementas, previamente estabelecidas e afixadas em local próprio, com boa visibilidade; (e) a promoção de atividades de animação sociocultural, recreativa e ocupacional que tenham como objetivo promover um clima de relacionamento saudável entre os residentes e manter as suas capacidades físicas e psíquicas; (f) a informação sobre

todas as atividades organizadas pelo lar e respetiva calendarização, afixada em local próprio; (g) o relacionamento entre residentes e destes com os familiares e/ou amigos, colaboradores do lar e comunidade, de acordo com os seus interesses; (h) a assistência religiosa sempre que o idoso ou os seus familiares o peçam.

Concluindo, os Lares para Idosos devem poder oferecer aos seus utentes um ambiente acolhedor e familiar, onde o idoso se sinta confortável e adaptado, como se estivesse a residir na sua própria casa.

Capítulo 3. Enquadramento Metodológico

Este capítulo pretende descrever, pormenorizadamente, o estudo através da exposição do plano e do desenho da investigação. O plano da investigação compreende o universo em estudo, o método, as técnicas de recolha dos dados. Este ponto também pode ser denominado de plano do método ou de metodologia, que segundo Lima (1981:10), *“consistirá na análise sistemática e crítica dos pressupostos, princípios e procedimentos lógicos que moldam a investigação de determinados problemas sociológicos. Situam-se aqui as questões relacionadas com a estratégia de pesquisa a adotar em referência e adequação a certos objetos de análise e em ordem à relação e integração dos resultados obtidos através do uso de técnicas”*.

O desenho de investigação descreve o processo de investigação, isto é, descreve, sequencialmente, as etapas do processo de investigação.

3.1. Plano da investigação

Nesta secção apresenta-se o plano de investigação a seguir, com vista a atingir os objetivos definidos, através da definição dos sujeitos, métodos e ferramentas da investigação.

3.1.1. Universo de investigação

O universo ou população-alvo da presente investigação corresponde ao número total de utentes do Lar de S. Vicente de Paulo da AASVP, que cumpram os seguintes critérios:

- Ser pai ou mãe;

- Ser autónomo cognitivamente;
- Não ter dificuldades em comunicar.

Visto que o nosso trabalho consiste no estudo das relações entre pais e filhos, começamos por limitar a amostra àqueles idosos que têm filhos. Os restantes critérios prendem-se com o facto da recolha de informações só ser possível se os idosos souberem e puderem fornecer informações. Depois de observados todos os idosos integrados no Lar de S. Vicente de Paulo da AASVP, chegamos à conclusão que sete cumpriam os critérios definidos anteriormente.

Tendo em conta que a nossa pesquisa incide sobre as relações entre pais e filhos achamos que, por um lado, a investigação só estaria completa se também incluíssemos a versão dos filhos sobre o tema e, por outro lado, os filhos são uma boa fonte de validação das informações recolhidas. Assim sendo, vamos incluir, nesta investigação, os sete filhos responsáveis pela admissão no Lar dos idosos em estudo.

3.1.2. Método de investigação

Segundo Pardal e Correia (1995), o método é o corpo orientador da investigação que torna possível a seleção e a articulação de técnicas, tendo para isso de obedecer a um conjunto de normas. O método utilizado neste trabalho é o Estudo de Caso, pois é o mais adequado para alcançar os objetivos da investigação, isto porque, de acordo com Bell (2002:23), *“a grande vantagem deste método consiste no facto de permitir ao investigador a possibilidade de se concentrar num caso específico ou situação e de identificar, ou tentar identificar, os diversos processos interativos em curso, [os quais] podem permanecer ocultos num estudo de maior dimensão”*. Os estudos de caso correspondem, desta forma,

a um modelo de análise intensiva de uma situação particular, que permite uma recolha variada de informação da situação em questão, permitindo o seu conhecimento e caracterização, cujas principais ferramentas são a observação e a entrevista (Bell, 2002). A generalização dos resultados obtidos não é um objetivo desta pesquisa.

Neste ponto, é necessário sublinhar que, embora o investigador faça parte da estrutura institucional onde decorre a investigação, ou seja, não esteja dissociado do objeto de estudo, procurará que este não seja fator de enviesamento da investigação. Neste estudo, o investigador cinge-se ao papel de observador do quotidiano da população-alvo, especificamente no que concerne às interações dos idosos institucionalizados com os seus filhos.

3.1.3. Técnicas de investigação

As técnicas são ferramentas ou instrumentos a que a investigação recorre para recolher a informação. As ferramentas adotadas nesta investigação são a análise documental, a entrevista semi-estruturada e a observação.

A análise documental realizou-se através da revisão da literatura, que consiste na recolha e leitura de publicações científicas sobre o tema em questão, de forma a elaborar o enquadramento teórico do estudo. A estratégia de pesquisa bibliográfica adotada compreende as seguintes etapas:

- Definição dos termos de pesquisa/palavras-chave com o objetivo de selecionar os artigos com relevância para o estudo;
- Seleção das fontes de pesquisa dos artigos com base nos grupos de referência, nas áreas de estudo, e noutras fontes de pesquisa genéricas;

- Aplicação dos critérios de filtragem: análise dos resumos quanto à relevância para o tema e data de publicação dos artigos.

A técnica principal utilizada neste estudo é a entrevista semi-estruturada que nos permitiu obter dados transversais e também longitudinais sobre o percurso de vida do entrevistado, através da recolha de informação retrospectiva de diferentes fases da sua vida. Esta técnica permite explorar uma parte da vida do narrador pois está focada em acontecimentos vividos e tem como objetivo enriquecer e comparar as observações do investigador, através do olhar, das perceções e das convicções dos entrevistados. A observação constitui a técnica complementar utilizada neste estudo. Com esta técnica recolhemos informação sobre o quotidiano dos idosos institucionalizados, ou seja, sobre os contactos (presenciais ou não) com os filhos.

As entrevistas semi-estruturadas resultam de um compromisso entre as entrevistas estruturadas e as não-estruturadas, ou seja, não são totalmente livres e abertas mas também não são guiadas por um leque inflexível de perguntas estabelecidas *a priori* (Pardal e Correia, 1995). O entrevistador tem um guião de perguntas, suficientemente abertas, que são lançadas no decorrer do diálogo não obrigatoriamente pela ordem determinada nem de acordo com a formulação original.

Neste estudo elaboramos dois guiões de entrevista, um para ser aplicado aos idosos institucionalizados e outro para ser aplicado aos seus descendentes. A estrutura de ambos os guiões é semelhante sendo compostos por três grandes grupos de questões: 1º) pré-institucionalização; 2º) processo de institucionalização e 3º) pós-institucionalização. O primeiro grupo inclui perguntas referentes às

relações familiares anteriores à institucionalização, desde a infância e juventude dos entrevistados até à velhice (no caso dos idosos) e idade adulta (no caso dos descendentes); o segundo grupo, inclui perguntas que permitam aferir o que motivou a institucionalização e, por fim, o terceiro grupo inclui questões relativas às relações entre pais e filhos no período atual, ou seja, pós-institucionalização.

3.2. Desenho da investigação

Com o desenho da investigação pretendemos apresentar de forma integral todo o processo de pesquisa, descrevendo a função de cada etapa, sendo que cada uma é apresentada pela sua sequência de execução, embora, este processo seja dinâmico e, por isso, algumas etapas tenham decorrido em simultâneo.

3.2.1. Preparação da investigação

A preparação da investigação origina um conjunto de interrogações relacionadas com a definição do problema a investigar, do âmbito da investigação e dos objetivos a atingir. Assim sendo, a revisão de literatura assumiu-se como um guião preparatório e permanente de toda a investigação, daí ser um pré-requisito para todo este processo de pesquisa.

3.2.2. Preparação da recolha da informação

A preparação da recolha de informação passou pela construção dos guiões de entrevista a serem aplicados aos idosos institucionalizados e aos seus descendentes (ver Anexo 1). Este processo, rigoroso e intensivo, baseou-se na revisão da literatura e teve por base os objetivos da investigação.

3.2.3. Realização da recolha de informação

A recolha da informação consistiu na realização das entrevistas ao painel de entrevistados definido anteriormente. As entrevistas, mediante aprovação,

foram gravadas num total de treze entrevistas (uma por entrevistado) com duração média de sessenta e dois minutos e decorreram, de forma presencial, nas instalações do Lar de S. Vicente de Paulo. De referir que um dos idosos institucionalizados recusou responder à entrevista e, por isso, neste caso a entrevista só foi aplicada a um dos elementos da família, a filha.

As entrevistas tiveram início com os procedimentos formais onde: 1º) se agradecia a colaboração do entrevistado; 2º) se pedia permissão para gravar a entrevista; 3º) se solicitava a identificação do entrevistado e 4º) se prestavam informações acerca do tema da entrevista e do tratamento confidencial das informações recolhidas.

Após estes procedimentos formais iniciais descrevíamos em traços gerais o conteúdo da entrevista para que o entrevistado pudesse estruturar, antecipadamente, a informação a fornecer. Posteriormente, dávamos início à entrevista seguindo o guião. No final da entrevista reservávamos algum tempo para que o entrevistado pudesse expressar a sua opinião sobre esta e o seu conteúdo.

3.2.4. Análise da informação recolhida

A análise da informação recolhida nas entrevistas consiste num processo com diversas etapas: transcrição dos contributos mais importantes de cada entrevistado, realização de uma análise temática e problemática de cada entrevista, elaboração da sinopse das entrevistas, realização de uma análise tipológica e uma análise categorial e, finalmente, de uma análise interpretativa.

A primeira etapa consiste na audição das entrevistas e registo dos contributos mais relevantes de cada entrevistado na forma de tópicos e também de

transcrições integrais (ver Anexo 2). Com a análise temática pretende-se obter uma síntese das narrativas e, com a análise problemática estabelece-se uma relação mais conceptual com o modelo de análise.

As sinopses compreendem as sínteses dos discursos que contêm a mensagem principal das narrativas, reproduzindo fielmente o discurso dos entrevistados. Têm por objetivo reduzir o material a trabalhar, facilitar a comparação das entrevistas e ter a perceção da saturação das entrevistas.

Com a análise tipológica procedemos à ordenação do material, classificamo-lo segundo critérios pertinentes, procurando identificar as semelhanças e as diferenças. A análise categorial que se lhe seguiu consistiu na pesquisa das causas dos fenómenos em estudo. Finalmente, a análise interpretativa visou procurar o sentido social subjacente à descrição dos fenómenos.

Capítulo 4. Apresentação e Análise Empírica dos Resultados

O presente capítulo visa apresentar, detalhadamente, os resultados dos contributos obtidos no “terreno” e analisá-los de modo a atingir os objetivos da investigação.

Optamos por apresentar e analisar os resultados em simultâneo, tendo como referência o quadro teórico explicitado anteriormente.

4.1. Caracterização dos entrevistados

Pretende-se caracterizar nesta ponto os entrevistados – idosos institucionalizados e seus filhos – sobre as suas condições sócio-demográficas e de saúde atuais, condições de vida e de saúde na infância, religiosidade da família e, no caso dos idosos institucionalizados, também sobre a relação conjugal.

4.1.1. Características sócio-demográficas e de saúde atuais

No âmbito deste trabalho de pesquisa entrevistamos seis idosos e os filhos responsáveis pela sua institucionalização no Lar de S. Vicente de Paulo. Como era expectável, dada a maior longevidade das mulheres, os idosos entrevistados são, maioritariamente, do sexo feminino (quatro idosos do sexo feminino e dois do sexo masculino) e têm idades compreendidas entre os setenta e seis e noventa e dois anos, situando-se a média de idades nos oitenta e dois anos. Da nossa amostra de idosos fazia parte também um outro indivíduo do sexo masculino que não nos concedeu a entrevista uma vez que, por opção própria, mantém a decisão de não estabelecer relações dentro do Lar. Porém, decidimos não excluir da amostra a sua

filha. Assim, entrevistámos sete descendentes dos idosos institucionalizados, todos do sexo feminino.

As naturalidades dos idosos entrevistados variam muito sendo que dois nasceram no distrito de Braga, dois no distrito de Vila Real, um no distrito de Gondomar e outro no distrito de Faro. Quanto ao estado civil atual, cinco são viúvos e um é casado. Todos tiveram filhos, três descendentes em média. Em relação a habilitações literárias, apurou-se que dois são analfabetos, três completaram a 3ª classe e um o 6º ano. As profissões que tiveram ao longo da vida variam entre domésticas (3 casos), brunideira, agricultor, comerciante, operário da construção civil e chefe de fabricação de uma empresa de cervejas.

Todos os entrevistados idosos têm problemas de saúde mais ou menos graves: diabetes (2 casos), sequelas de Acidente Vascular Cerebral (AVC), demência senil (2 casos), hipertensão arterial (3 casos), dislipidemia (2 casos), quadro depressivo (2 casos), hipoacusia, osteoartrose, demência de Alzheimer (2 casos).

As entrevistas realizadas aos descendentes destes idosos incidiram sobre sete mulheres/filhas, com idades compreendidas entre os quarenta e quatro e os sessenta e seis anos, situando-se a média de idades nos cinquenta e dois anos. Como se pode constatar, o apoio/cuidado é realizado, em todos os casos, por uma figura feminina, padrão há muito posto em evidência pela literatura científica da área. Os idosos entrevistados têm outros filhos mas foram as filhas as que tomaram a iniciativa do cuidado. Sequeira (2010:32) refere que *“no seio da família, são habitualmente as mulheres (filhas, cônjuges, mães, irmãs, etc.) que assumem a maioria dos cuidados, o papel de cuidador informal”*.

As naturalidades das entrevistadas são diversas, sendo que duas nasceram no distrito de Braga, duas no distrito de Vila Real, uma no distrito do Porto e, por fim, duas em Moçambique. Atualmente, residem todas no distrito de Braga. Seis são casadas e uma é viúva, embora, presentemente, viva em união de facto. Todas tiveram filhos, em média dois descendentes. Três das filhas são licenciadas, duas são bacharéis, uma tem o 12º ano e outra a 4ª classe. As filhas que têm grau superior tiraram-no na área do ensino primário/secundário. Duas exercem a profissão, duas estão reformadas e uma é doméstica. A filha com o 12º ano está desempregada e a que tem a 4ª classe é doméstica.

Quanto a condições de saúde, três das filhas não têm problemas relevantes, duas têm quadros depressivos, uma tem problemas de coluna e, por último, uma tem um pequeno tumor na meninge e sofre de doença isquémica.

4.1.2. Condições de vida e de saúde na infância e juventude

As condições de vida durante a infância e juventude dos entrevistados institucionalizados podem ser consideradas difíceis: *“eram fracas, porque era outro tempo. Trabalhar de sol a sol com a enxada na mão”*. Não havia abundância mas nunca faltou o indispensável para satisfazer as necessidades básicas. *“Não era fartura, era suficiente”*. Eram tempos de muito trabalho, alguns não frequentaram a escola porque as possibilidades da família eram poucas e, a maior parte dos que frequentaram tiveram que abandonar os estudos para começarem a trabalhar. *“Os meus pais não tinham hipótese de me ter a estudar”*. Apesar de serem forçados a abandonar os estudos, alguns gostariam de ter continuado na escola *“eu gostava, porque eu gostava de ter sido professora”*, e outros não lamentam ter interrompido os estudos *“estava morto por deixar a*

escola”. Em geral, eram famílias alargadas em que viviam três gerações juntas, sendo o número médio de filhos por núcleo familiar é de quatro filhos.

Apenas uma entrevistada se evidencia por ter tido condições de vida ligeiramente superiores às dos outros uma vez que os pais tinham terras que cultivavam. O produto da venda dos bens agrícolas permitia-lhes viver de forma mais tranquila. *“O meu pai tinha quatro fazendas, vivíamos muito bem. Vivíamos a bem dizer daquilo.”*

Quanto a condições de saúde na infância e juventude apenas três entrevistados fizeram referência a problemas de saúde que os atingiram individualmente ou problemas de saúde que atingiram algum membro da família, descrevendo doenças como garrotilho, problemas mentais, diabetes, problemas pulmonares (por inalação de carvão) e problemas ginecológicos. Os restantes referiram não ter havido doenças graves no seio da família, apenas as doenças próprias da idade e comuns para a época.

No que diz respeito aos descendentes dos idosos institucionalizados, com exceção de uma das entrevistadas que nasceu dentro de uma família abastada para a época: *“eu acho que éramos classe média e, portanto, não nos faltava nada”*, todos evidenciaram que não tiveram abundância mas também não passaram necessidades, sendo notório o facto de alguns terem tido mais dificuldades que outros. No entanto, note-se que as duas entrevistadas nascidas em Moçambique e que lá viveram a infância tiveram uma vida mais desafogada e com mais “luxos” para a época do que as restantes (empregados em casa, férias pelos países circundantes): *“lá em Moçambique havia empregados para ajudar na lida da*

casa”. Estes “luxos” eram próprios dos portugueses que viveram naquele reduto Africano na época pré-25 de Abril.

As entrevistadas nascidas em meio rural ou que para lá foram viver tiveram uma qualidade de vida diferente das nascidas em meio urbano. A vida era mais fácil no meio rural pois a subsistência fazia-se pelo cultivo da terra que era uma mais-valia ao sustento da casa. *“Os meus avós tinham tudo em casa. (...) Ele colhia muita coisa (...) também fazia dinheiro com as coisas, vendia. (...) E recebia dinheiro que dava para o ano todo”*. As nascidas em meio urbano, com a exceção feita acima, afirmam que tiveram sempre o que era preciso, mas foram aquelas que tiveram que abandonar os estudos para começarem a trabalhar, fruto das dificuldades económicas dos pais mas também de doença do pai, no caso da D. Lúcia e, divórcio dos pais, no caso da D. Fernanda.

As famílias das entrevistadas caracterizam-se por serem famílias nucleares onde co-residem pais e filhos embora ainda se evidenciem dois casos de famílias alargadas. A média de filhos por agregado familiar é também de quatro filhos.

Este relato das filhas dos entrevistados é muito semelhante ao relato dos idosos, relativo ao mesmo período temporal, podendo daqui concluir-se que o nível de vida dos idosos entrevistados melhorou na transição para a vida adulta em que casaram e tiveram filhos a quem puderam dar melhores condições de vida do que aquelas que eles tiveram na infância e juventude. Este facto é consequência das alterações económicas e sociais que ocorreram na sociedade portuguesa e atingiram todas as categorias sociais.

Em geral, durante a infância e juventude dos filhos dos idosos entrevistados não houve problemas de saúde na família que gerassem

incapacidades graves e permanentes. No entanto, uma entrevistada refere que teve um problema renal que a obrigou a ser hospitalizada e outra descreve o quanto lhe custou a ausência dos pais quando foi viver para um colégio interno e a depressão que daí adveio. Relativamente a problemas de saúde que tenham atingido o resto da família, duas entrevistadas referem que os pais tiveram problemas cardíacos e um teve problemas de estômago, simultaneamente. Mais grave e incapacitante foi a deteção da diabetes no caso do pai de uma entrevistada uma vez que o impediu de levar uma vida laboral normal.

Os relatos dos idosos e das filhas sobre problemas de saúde na fase adulta dos idosos (correspondente à infância e juventude dos descendentes entrevistados) são idênticos. A maioria dos idosos institucionalizados afirmaram que não houve nenhum problema de saúde grave que tivesse afetado a rotina familiar. Apenas a D. Rosalina fez referência, tal como a filha, à doença do marido (diabetes) que o impossibilitou de trabalhar, dificultando o sustento da família. Constata-se que este foi um acontecimento marcante para esta família.

4.1.3. Religiosidade da família

A religião foi vivida de forma diferente na infância e juventude dos idosos e na mesma etapa do ciclo de vida dos seus filhos. Em três das cinco famílias católicas dos idosos institucionalizados, a prática religiosa era imposta pelos pais. As idas à missa, à catequese e o rezar à noite eram um hábito para estas três famílias. As outras duas famílias, embora fossem católicas eram pouco praticantes excetuando-se a frequência da catequese que tinha carácter obrigatório. A última entrevistada era evangélica e praticava conforme podia a religião pois na altura havia apenas uma igreja evangélica em Braga. Já no período correspondente à infância e juventude das filhas dos idosos, seis das entrevistadas nascidas no seio

de famílias católicas tinham uma prática religiosa que se pode considerar “normal” para a época. A figura feminina – a mãe – era aquela que as obrigava a ir à missa e à catequese mas rezar em casa não era prática comum em nenhuma das seis famílias.

A última entrevistada nasceu numa família em que a mãe era evangélica e em que o pai, por casamento, também se converteu a essa religião. Contudo, a entrevistada foi criada num colégio católico e refere que esse ambiente a fascinava. Em casa teve que “fingir” que seguia a religião evangélica pois a mãe não admitia o contrário mas, atualmente, pratica a religião católica.

4.1.4. Relação conjugal dos idosos

Quatro dos idosos entrevistados tinham uma relação de complementaridade com os seus cônjuges cabendo à mulher a função de cuidar da casa e dos filhos, não por incúria dos maridos mas devido às suas profissões ou ao facto de terem emigrado (1 caso). Não tinham disponibilidade para tratar dos assuntos caseiros mas confiavam plenamente na capacidade das esposas para gerir a casa e a família. *“Tudo o que eu fazia estava bem. (...) Tudo o que eu dissesse, tudo se fazia”*.

Nos restantes casos a relação seria de subalternidade sendo a esposa relegada para o papel de dona de casa e mãe de família e cabendo ao marido o papel de decidir o que era melhor para a família. Num dos casos, esta estrutura patriarcal permaneceu até o pai ser atingido por uma doença grave. A partir desse momento, a mãe tomou em mãos o governo da família.

4.2. Relação entre pais e filhos na infância e juventude

Os idosos institucionalizados relataram não terem tido uma relação de afeto com os pais durante a infância e juventude. Em geral, a mãe era a figura de autoridade para os filhos, a pessoa que castigava e que impunha respeito dentro da casa. Um dos entrevistados define a mãe como *“daquelas mães que, por tudo e por nada, molhava a sopa. (...) Pedia respeito, e nós éramos dois malandros”*. Nestes casos, o pai era descrito como uma pessoa excepcional, amiga, um “santo”.

Já no período da infância e juventude dos descendentes dos idosos, normalmente, o pai era uma figura ausente, ao contrário da mãe. Esta ausência do pai traduzia-se em ausência física e/ou emocional. Nos casos estudados, as razões para a ausência da figura paterna pode ter duas explicações: (a) motivos laborais – num dos casos o pai trabalhava no turno noturno pois era pago a dobrar e, por isso apenas podia estar realmente presente ao fim de semana; (b) emigração – em três casos o pai tinha emigrado prolongando-se a ausência paterna, em dois dos casos, por toda a infância dos filhos e, no último caso até ao final da juventude dos filhos. Contudo, quatro entrevistadas referem que mesmo quando os pais estavam presentes fisicamente, eram ausentes afetivamente. *“Ele não era por mal. Mas ele trabalhava o dia todo e quando chegava a casa gostava de ler o jornal, beber uma cerveja”*. Os restantes três casos referem que a relação com o pai era muito boa, era dele que vinham os afetos. Em dois casos os pais eram mesmo endeusados.

As mães eram figuras presentes, muito em virtude das suas ocupações pois a maioria era doméstica. Contudo, também aqui as mães eram presentes fisicamente mas emocionalmente eram muito ausentes, fruto do modelo marcadamente hierárquico que vigorava há quarenta ou cinquenta anos atrás, em

que o pai e a mãe eram figuras mais de autoridade e menos de afetividade. *“A mãe era muito presente e ausente ao mesmo tempo. Presente na sua figura, ausente na transmissão de afeto”*. Dos relatos sobressai o papel da mãe enquanto “gestora” do lar e o pai enquanto garante do sustento. *“Quem tomou sempre as decisões importantes foi sempre a mãe. (...) A mãe é que decidia, cortava, riscava e geria”*. Em três casos apenas, a mãe contribuía para o sustento da casa, trabalhando por conta de outrem.

Quando interrogados sobre se os pais lhes proporcionaram todas as condições de vida e estudos, a maioria dos filhos dos idosos institucionalizados responde afirmativamente. Apenas uma filha relata que os pais não lhe deram tudo o que podiam, considerando que foram negligentes. *“Não. Considero que os meus pais me deram um ser, por isso é que eu cá estou. (...) Fiquei com o meu pai, mas sozinha, entregue a mim própria porque o meu pai não dava nada para casa”*.

Na maioria dos casos, momentos importantes na vida dos filhos, como por exemplo, aniversários e reconhecimento de mérito escolar não eram valorizados pelos pais. Dois dos filhos referiram que este tipo de acontecimentos eram festejados com festa e/ou passeio. *“Sim, fazíamos festa ou íamos comemorar fora, a Espanha, por exemplo”*. Os restantes filhos relataram ter tido jantares melhorados no dia de aniversário mas nada mais. Quanto ao reconhecimento do mérito escolar, três filhos referiram que no final do ano letivo recebiam sempre uma prenda. *“Tinha sempre uma prenda no final do ano”*.

A descrição dos idosos institucionalizados sobre as relações pais-filhos durante a infância e juventude dos filhos é coerente com a descrição dos filhos.

No entanto, há um aspeto que merece ser realçado. Os idosos percebem a educação que deram aos filhos como sendo a “normal” para a época e não têm consciência das carências afetivas que provocaram nos filhos, como no caso da D. Georgina¹; da relevância que os filhos dão ao facto de não terem valorizado momentos que eram importantes para eles, particularmente aniversários; da insatisfação sentida pelos filhos quando só podem contar com a simples presença da mãe, ainda que doméstica. Contudo, cinco idosos são unânimes a relatar a importância que davam aos estudos como uma forma dos filhos singrarem na vida e terem, no fundo, uma vida melhor que as que os pais tiveram, atitude que também se traduz em afeto. *“Eu só lhe dizia que queria que ela estudasse. Que ela fosse alguém”*.

Resumindo, as relações familiares durante a infância e juventude dos idosos institucionalizados assim como em idêntico período do ciclo de vida dos seus descendentes caracterizam-se pela ausência da expressão de afeto. No entanto, os idosos institucionalizados preocupavam-se com os filhos, insistindo para que estudassem, por exemplo. Esta atitude pode ser considerada como uma manifestação latente de afeto.

4.3. Relação com o pai/mãe na idade adulta na fase pré-institucionalização

Vamos descrever agora a relação entre os idosos institucionalizados e os seus descendentes, no período correspondente à idade adulta das filhas.

Nesta análise serão consideradas as relações destas filhas adultas com os três progenitores do sexo masculino e quatro do sexo feminino que se encontram

¹ Os nomes utilizados nesta investigação são fictícios para não comprometer a confidencialidade da informação recolhida.

institucionalizados. As relações com os pais são distintas das relações com as mães e podem ser descritas da seguinte forma: (a) relação parceira e cooperante em que pai e filha discutem sobre vários assuntos com prazer e partilham atividades como passeios, lanches e férias, entre outras. *“Eu ia com eles (aos Domingos de manhã) ao Bom Jesus tomar café”*. É essencial para o pai ter a presença da filha mas não expressa esse facto pois não quer pressionar a filha, não tendo por hábito reclamar a sua atenção. Para além de ser um pai presente é também um avô presente. É capaz de ouvir a filha e depois, se discordar das suas opiniões, contrapõe com argumentos válidos, tentando persuadir a filha a mudar de opinião; (b) relação de poucos afetos por parte do pai, não porque não os sinta, apenas não os exterioriza talvez pela educação que teve, também ela carente de afetos. *“O meu pai nunca foi aquela pessoa de manifestar afetos”*. Contudo, é classificado como um pai e avô amigo. Ao nível de aconselhamento a filha recorria mais à mãe do que ao pai, mas depois do falecimento da mãe tentou transpor a relação que tinha com a mãe para o pai mas diz que o pai não a entende tão bem. Contudo, não deixa de lhe contar as venturas e desventuras da sua vida, *“eu, às vezes, venho aqui e tento comunicar com o meu pai, mas ele não me entende tão bem (como a mãe entendia, mas é a ele que eu venho dizer)”*; (c) não há relação possível entre pai e filha. É um pai egoísta, negligente, maltratante e abusador. *“Carinho não dava nenhum. Só dava mesmo maus-tratos e provocava distúrbios”*. A filha cuida dele por uma questão humanitária pois como é voluntária ajuda outras pessoas que não lhe são nada, então por essa lógica acha que tem obrigação de ajudar o pai. Ajuda que é sempre mal aceite e criticada pelo próprio.

Também as relações entre mães e filhas assumem diferentes contornos: (a) relação em que a mãe não demonstra grandes afetos, situação a que a filha se habituou e resignou. A filha tem uma grande afeição pela mãe. A mãe tem uma personalidade forte e, por vezes, inflexível o que faz com que a filha concorde sempre com o que ela diz e não a procure para aconselhamento, “*eu dizia ámen com ela. (...) Senão ela ficava mal encarada*”; (b) relação de parceria e cooperação com a mãe. A filha era muito dependente da mãe para opiniões e aconselhamento, por vezes tinha mesmo conflitos com o marido pois este achava que a filha deveria ser mais autónoma: “*Optava muito por aquilo que a minha mãe também dizia*”. Conviviam muito e estavam diariamente juntas, nem que fosse à refeição. É também uma avó muito presente e protetora; (c) relação atribulada com a mãe na infância, em que a mãe era descrita como dura. Depois do casamento da filha tudo mudou, a nova experiência e, logo a seguir o nascimento do filho alterou a relação entre ambas: “*Mudou. Comecei a compreende-los melhor, porque entretanto fui mãe também*”. A filha começou a entender a mãe e a perceber que esse é um papel difícil. Continua a ser uma mãe que não exterioriza afetos ao contrário do que acontece como avó. Contudo, a filha mantém algumas reservas pois sabe que a mãe é muito intrometida e que era pessoa que, pelo feitio complicado, poderia arruinar um casamento. A filha tentou sempre manter a sua vida familiar independente da sua relação com a mãe e, por isso, não lhe pedia qualquer conselho e, por fim (d) uma relação complicada desde a infância e que permanece complicada. A entrevistada define o seu casamento como “*uma luz, porque me tinha libertado daquela senhora*”. Uma mãe severa e inflexível que nunca demonstrou afeto pela filha e que raramente a apoiou quando precisou. Uma filha ressentida pela falta de afeto e apoio da mãe, em várias

situações da sua vida, também elas complicadas. Uma avó que tentava estar presente, principalmente para a neta primogênita.

Recorrendo ao estudo de Silverstein, Lawton e Bengtson (*cit in* Silverstein, Giarrusso e Bengtson, 1998), citado na revisão da literatura e no qual os autores identificaram cinco tipos de relações pais-filhos a partir da análise das dimensões de solidariedade, propusemo-nos tipificar as relações presentes neste estudo, na ótica dos filhos. Contudo, das sete relações estudadas apenas três se enquadram na tipologia de Silverstein et al.: duas classificadas como “malha-apertada” (elevada em todas as dimensões da solidariedade) e uma terceira de tipo “obrigacionista” (dimensões da solidariedade afetiva e consensual baixas e as restantes dimensões altas). As restantes relações não se enquadram na tipologia proposta por Silverstein et al. dada a não correspondência de uma das meta dimensões: interativo-oportunidade, afetivo-cognitivo e instrumental.

Em suma, estamos perante sete relações muito diferentes, em que predomina a falta de afetos, ou a sua exteriorização por parte dos pais/mães, situação que pode ser explicada pela educação recebida na infância destes, a qual não será igual ao modelo de educação atual. Tal como aconteceu no tópico anterior, a versão dos idosos institucionalizados vai de encontro à explicitada pelos filhos. Contudo, ao contrário dos progenitores idosos, os filhos são muito mais pormenorizados nas suas descrições.

Concluindo, verificamos a existência de diferentes tipos de relações, umas mais afetivas, outras mais distantes, mas todas muito marcadas pelo papel de apoio dos filhos. Não foi possível caracterizar as relações estudadas de acordo com a tipificação de Silverstein, Lawton e Bengtson dado que estes autores

propõem uma tipologia para situações de solidariedade familiar e, no caso dos idosos institucionalizados da nossa amostra, alguma das relações pais-filhos adultos são relações de conflito, senão aberto, pelo menos latente.

Verificámos ainda, tal como afirma Pimentel (2005), que a família tem vindo a sofrer fortes mudanças, quer ao nível das relações de poder, da partilha de papéis e das funções exercidas, quer ao nível dos valores que moldam a sua estrutura e as suas interações mantendo, no entanto, um lugar importante em termos de solidariedade interna, como poderemos ver a seguir.

4.4. Apoio prestado ao pai/mãe na fase pré-institucionalização

O envelhecimento e a dependência, põem à prova a capacidade de assistência da família e trazem à tona a questão de aferir se a família consegue responder a estas novas configurações de cuidados ou se, ao contrário, está em decadência e a perder as suas funções tradicionais (Garcia e Catalán, 2009).

Neste estudo concluiu-se que o apoio prestado pelos descendentes dos idosos institucionalizados teve origem na perda de alguma autonomia, física e/ou cognitiva, dos pais/mães, a qual por sua vez teve em seis dos casos uma origem comum: o fator doença, desde demência de Alzheimer, demência senil, AVC, diabetes e alcoolismo. No último caso, a dependência evidenciou-se com a morte do marido da idosa e, neste caso, embora não houvesse uma doença incapacitante, a idosa, depois desta perda, já não estava capaz de viver sozinha. *“A minha mãe não podia estar sozinha, não podia estar em Montalegre sozinha, não havia ninguém para tomar conta dela lá”*.

A dependência física e/ou cognitiva referida, segundo os relatos dos descendentes, traduzia-se na progressiva incapacidade para realizar tarefas quotidianas sem o apoio de outras pessoas, isto é, estes idosos foram perdendo a sua capacidade funcional, sendo que esta perda se registou, principalmente, ao nível das atividades instrumentais da vida diária (AIVD's) tais como: ir às compras, gerir o dinheiro, utilizar o telefone, limpar, cozinhar e utilizar transportes. Alguns também já teriam dificuldades em executar algumas atividades de vida diária (AVD's), sobretudo tarefas relacionadas com o autocuidado e a higiene pessoal.

O tipo de apoio prestado pelos filhos passava por *apoio emocional*, filhas como confidentes dos pais, pessoa com a qual eles desabafavam; *apoio social*, as filhas promoviam atividades de lazer e reservavam tempo para conversarem com os pais; *apoio instrumental*, as filhas cuidavam das tarefas domésticas e da higiene do idoso; e *apoio económico*, as filhas ajudavam no equilíbrio das contas. Alguns destes tipos de apoio perduram ainda nos dias de hoje pois embora os pais estejam integrados numa resposta social que lhes provê alguns destes apoios, outros são forçosamente prestados pelas filhas e pela restante família.

Várias descendentes dos idosos institucionalizados referiram que o apoio que prestavam aos pais/mães transtornava o normal funcionamento da sua vida e, em muitos casos, provocavam sérios conflitos no seio da sua família nuclear, pois relegavam esta para segundo plano quando iam apoiar o pai ou a mãe. Para além disso, referiram também o *transtorno económico* pois gastavam muito dinheiro em deslocações para irem ter com os pais: “*gastei imensa gasolina, os miúdos deixaram a catequese, deixaram tudo*”; *transtorno psicológico*, algumas filhas viveram, durante anos, uma situação em que, por um lado, viam o declínio

gradual dos pais e, por outro, achavam-se incapazes de reverter essa situação para a qual os filhos quase nunca estão preparados; e, por fim, *transtornos ao nível de saúde*, quando as filhas começaram a prejudicar a sua saúde devido ao apoio prestado aos pais, onde as depressões eram as doenças mais frequentes, “*emagreci sete quilos. (...) Comecei a tomar anti-depressivos. (...) O meu marido não compreendia, não entendia*”.

Apesar do apoio a um familiar ser uma tarefa exaustiva, as filhas persistiram nesse apoio e as razões apontadas para esse facto prendem-se com a afetividade sentida pelos pais; pelo facto de considerarem que a tarefa de cuidar é uma responsabilidade dos filhos; por uma obrigação moral, concluindo, porque todas estas razões fazem parte do que é ser filho. “*Por tudo, moral, afetividade e obrigação também tenho, porque acho que os filhos é que têm obrigação*”. Hespanha (*cit in* Pimentel, 2005) refere que a família tem uma capacidade extraordinária de resiliência, aquando do momento de assumir o que pensa ser o seu dever – retribuir o sacrifício dos pais. O autor afirma que, muitas vezes, o faz somente para dar o exemplo aos filhos ou afastar a crítica dos vizinhos, nestes casos a pressão social abona a favor da continuação de determinados tipos de ajuda.

Em último recurso e perante tamanho desgaste, as entrevistadas experimentaram diferentes alternativas à integração num Lar, tais como: frequência de centros de dia, famílias de acolhimento, contratação de pessoas, exclusivamente, para tratar dos pais, coabitação com os pais, mas nenhuma destas soluções resultaram, pois os estilos de vida atuais não se coadunam com a tarefa de cuidar de uma pessoa idosa. Por isso, estes sete casos esgotaram as alternativas possíveis à institucionalização. “*Por muito que as pessoas pensem que ter uma*

empregada em casa é muito bom e que vai funcionar, não funciona. Porque eu tentei e não funcionou. (...) Pôr em casa de pessoas a tomar conta, também não. Funciona até um certo ponto mas depois aquilo começa a descambar, e se uma pessoa não está atenta passa-se por situações complicadas”.

Por sua vez, os idosos institucionalizados quando questionados se haveria alternativas ao Lar, todos responderam que não havia, focando-se, principalmente, na situação laboral dos filhos, referindo que eles tinham que trabalhar e os idosos não queriam ficar sozinhos em casa e, alguns acrescentaram que não queriam nem podiam. Por estes discursos, constatamos que a institucionalização é entendida como necessária, pois as famílias não podem responsabilizar-se pelo cuidado ao seu idoso (Souza, Rosa e Souza, 2011).

Em suma, à medida que os pais envelhecem, exigem cada vez mais atenção e cuidados e, quer vivam sós ou com os filhos, cuidar deles é uma tarefa permanente que exige muito dos filhos. Para as descendentes dos idosos institucionalizados, quando todos os recursos se esgotaram, a integração dos seus pais/mães no Lar apresentou-se como a única alternativa para a resolução do problema que tinham em mãos. Ainda que os filhos estejam determinados a fazer tudo o que é possível para ajudar os seus pais idosos, frequentemente, a integração em lares de idosos responde de forma mais apropriada às necessidades sentidas pelos pais (Pimentel, 2005).

Gradualmente, ao longo das entrevistas, os relatos dos idosos foram esmorecendo, talvez como uma forma de defesa de uma fase da vida que os magoa, pela perda de autonomia e, conseqüentemente, pelo aumento da dependência em relação a terceiros. É uma fase de muitas mudanças, como a

perda de familiares que lhes eram próximos, perda de autonomia, afastamento do meio em que sempre viveram, afastamento dos amigos. Concluindo, perdem a gestão total da sua própria vida e começam a ser geridos pelos seus filhos, invertendo-se aqui os papéis naturalmente estabelecidos, obrigando o aumento da esperança de vida à existência de redes de apoio mais sólidas, pois a prestação do cuidado será mantida durante mais tempo (Garcia e Catalán, 2009).

Neste ponto verificamos que os filhos foram perseverantes no que concerne à tarefa de cuidar. Assumiram esta tarefa, tendo por base diferentes motivos, mas aquele que prevalece é o da obrigação dos filhos cuidarem dos seus pais. Antes de integrarem os pais/mães no Lar tentaram mantê-los no seu meio de referência, contudo, para estes sete casos, muito semelhantes a tantos outros que existem em diferentes lares, não foi possível. O Lar acabou por ser o último recurso destas famílias já tão desgastadas pela tarefa de cuidar.

4.5. Processo de institucionalização

No que se refere aos motivos da institucionalização já foram referidos acima e prendem-se, essencialmente, com motivos de doença. Em quatro dos casos, o motivo apontado pelos idosos institucionalizados foi o de estarem mais perto dos filhos, pois viviam longe deles. *“Tenho para aqui a minha filha e ela trouxe-me para aqui para ao pé dela”*. Apenas dois referiram o motivo de doença como fator determinante para a sua ida para o Lar. Facto é que a doença e, conseqüente, a dependência não são os únicos motivos para a opção pela institucionalização, a estas causas podemos juntar outras como a solidão e o isolamento, a fragilidade de condições habitacionais e a ausência de redes de solidariedade que auxiliem em situações de urgência (Pimentel, 2005).

Todavia, interessa aqui focar se este processo foi conturbado ou se, pelo contrário, foi um processo sereno para ambas as partes.

Analisando os relatos dos idosos institucionalizados, quando questionados sobre quem foi que tomou a decisão da institucionalização, todos foram unânimes em responder que foram as filhas e que eles não tiveram qualquer interferência nessa decisão. No que diz respeito ao grau de concordância dos idosos institucionalizados relativamente a este processo, segundo os relatos das descendentes, temos duas posições que se evidenciam: (a) aqueles pais que não concordaram nem discordaram porque na altura, devido ao estado debilitado em que se encontravam, não puderam expressar a sua opinião; (b) aqueles pais que não concordaram, mas que se viram obrigados a ser institucionalizados por ser a única forma de continuarem a ter o apoio dos filhos e de ter alguma dignidade no seu quotidiano embora demonstrem até hoje que discordam dessa opção (um caso) e (c) aqueles pais que concordaram, embora preferissem continuar na sua casa, mas consciencializaram-se de que a institucionalização seria a melhor opção.

Por seu turno, nos relatos dos idosos institucionalizados, quanto ao grau de concordância com a opção da institucionalização, apenas três entrevistados responderam de forma clara à questão, sendo que dois não sabiam o que lhes esperava pois as condições de saúde não lhes permitiam a tomada de consciência e outra disse, inequivocamente, que não concordou. *“Ao principio não. (...) Mas depois convenceu-me”*. Os restantes entrevistados optaram por sublinhar o facto de agora estarem bem, considerando que foi uma boa opção.

Quatro das descendentes dos idosos institucionalizados, referiram que esta opção pela institucionalização foi uma decisão difícil e com a qual ainda têm

dificuldade em lidar: *“Foi muito (difícil). Ainda hoje me é difícil. Mas tem que ser”*. As razões apontadas para a dificuldade da decisão prendem-se com: (a) terem que afastar o pai/mãe da realidade a que eles estavam habituados, sabendo que eles não voltariam para lá com vida; (b) preconceitos relativamente à resposta social “lar para idosos”, por parte das próprias e de outros familiares; (c) a junção das duas razões anteriores; (d) e o sentimento de deslealdade por terem que afastar o pai do seio familiar dada a falta de condições para lhe prestar os cuidados necessários, como foi o caso da filha do Sr. João. *“Muito (difícil). Tremenda. (...) Foi terrível porque, sabe aquele sentimento de deslealdade que pesa na família quando tem que recorrer a uma situação dessas (à institucionalização)? E depois questionámo-nos se é justo, se fossemos nós como é que reagiríamos”*.

Para Pimentel (2005), decidir pela institucionalização pode ser complicado para os familiares, pois subsiste, por um lado, a pressão social, particularmente em meios mais pequenos como as áreas rurais, que condiciona negativamente esta escolha. Por outro lado, a consciência pessoal vê-se confrontada com a obrigação de reciprocidade e de solidariedade. Num estudo de Gubrium (*cit in* Pimentel, 2005) acerca do papel da família na prestação de assistência a doentes de Alzheimer, a situação de deixar de cuidar e de transferir esses cuidados para uma instituição, remete para a ideia de abandono, irresponsabilidade, perda e deslealdade.

As restantes descendentes viram a ida do pai/mãe para o Lar como um alívio, pois resolveram um problema que as estava a sufocar. *“Para mim não foi nada difícil. (...) Foi um peso que me tiraram de cima”*. Estas filhas enfrentaram esta solução de forma mais serena pois à partida também não tinham preconceitos relativamente à resposta social “lar para idosos”. As outras filhas, só agora, depois

dos pais estarem integrados, é que verificam os benefícios desta opção, para elas e para os pais.

No que respeita à integração, quatro idosos institucionalizados responderam que foi boa, dois sentiram alguma estranheza pois não estavam habituados ao ambiente institucional em que passaram a viver. Facto é que a institucionalização exige um processo de adaptação pois o idoso depara-se com uma realidade inteiramente nova e com a qual pode não ser capaz de lidar. A capacidade de adaptação vai diminuindo com a idade, por isso, as probabilidades de inadaptação são superiores (Carvalho e Dias, 2011).

Concluindo, o processo de institucionalização foi, por um lado, difícil e angustiante e, por outro, fácil e até mesmo considerado um alívio. Algumas filhas ainda não convivem muito bem com este facto, reconhecendo contudo que foi a melhor opção dadas as circunstâncias da altura. No geral, os idosos institucionalizados adaptaram-se bem embora não deixem de referir que estariam melhor nas suas próprias casas.

4.6. Relação com o pai/mãe na fase pós-institucionalização

O acompanhamento aos pais após a institucionalização continua a ser realizado por todas as filhas, em que umas mais regularmente do que outras, cumprem escrupulosamente tarefas como: visitas, passeios, idas ao cabeleireiro, idas a consultas, etc. Em alguns casos não saem com mais frequência porque os próprios pais não querem, ou por dificuldades de locomoção dos mesmos. Quando não podem ir visitar os ascendentes com tanta frequência, ou apenas como uma outra forma de estarem mais presentes, algumas filhas telefonam para conversar e avaliar se está tudo bem com o seu familiar, pois sentem essa necessidade.

Carvalho e Dias (2011) afirmam que a qualidade de vida dos idosos institucionalizados depende, para além do acolhimento na instituição, do convívio com pessoas próximas, como forma de prevenir a solidão e o isolamento que muitos idosos sentem aquando da ausência destas pessoas, por isso, é muito importante a manutenção de vínculos afetivos próximos.

Algumas das entrevistadas notam que a relação com pai/mãe melhorou após a institucionalização pois os conflitos anteriores dissiparam-se com a solução encontrada *“a relação com a minha mãe aqui no Lar, começou a ser diferente, melhorou”* enquanto que para outras a relação se manteve igual porque nunca foi má ou, simplesmente, porque não há possibilidade de haver qualquer relação como é o caso do Sr. Ludovico e da filha, D. Fernanda, pela inflexibilidade dele.

Quanto à participação dos idosos em reuniões familiares, como aniversários e casamentos, apenas três continuam a participar. Os restantes não participam porque já não o faziam anteriormente ou por razões de acessibilidade, no caso dos que estão limitados pela cadeira de rodas (um caso). *“Agora não, porque eu não posso andar, tenho que ir de cadeira (cadeira de rodas)”*.

Tal como nos pontos anteriores os relatos feitos pelos idosos institucionalizados foram ao encontro dos relatos feitos pelos descendentes. Todos os idosos frisaram a boa relação que mantêm com os filhos, evidenciando que estes são muito bons para eles. *“É muito boa. É a melhor (filha) que há. (...) A minha filha, para mim, é tudo”*. Nenhum dos pais relacionou a institucionalização com a melhoria das suas relações com os seus filhos, pois pelo discurso deles as relações sempre foram muito boas.

Em suma, após a institucionalização as relações entre pais e filhos mantêm-se e, em alguns casos até melhoraram. O acompanhamento continua a ser efetuado por parte dos filhos mas a convivência entre ambos, na maioria dos casos, é realizada na instituição, não havendo, nestes casos, grande convivência ao nível da família mais alargada nas ditas reuniões familiares.

Conclusões

O presente capítulo visa realizar o fecho da investigação desenvolvida. Este será efetuado mediante a exposição da síntese do trabalho desenvolvido, seguido das suas implicações, limitações e perspectivas de trabalho futuro.

Síntese dos resultados

O estudo iniciou-se com a identificação do problema a investigar que se traduziu nas relações familiares dos idosos do Lar de S. Vicente de Paulo, ou seja, quisemos conhecer as relações entre os idosos institucionalizados e os seus filhos, particularmente, aqueles que foram responsáveis pelo seu internamento no Lar.

Propusemo-nos conhecer as relações antes e após a institucionalização e, para isso, definiram-se objetivos que permitissem estudar, de forma transversal, as relações familiares de todo o percurso dos idosos institucionalizados. Deste processo de definição resultam os seguintes objetivos:

- Caracterizar as relações familiares dos idosos integrados no Lar de S. Vicente de Paulo da AASVP;
- Perceber se as interações familiares, ao longo do percurso de vida dos idosos, interferem na relação com os seus filhos na velhice;
- Apurar outros determinantes das relações que os idosos institucionalizados estabelecem com os seus filhos.

A partir da revisão da literatura podemos aferir a importância das relações familiares na velhice, as quais devem ser promovidas dado que fomentam a

satisfação com a vida por parte dos idosos, e devem ser encaradas como uma forma de prevenção de transtornos físicos e psicológicos provocados pela sua ausência. Tendo em conta que, para os idosos institucionalizados, as relações familiares são muito importantes, pois sendo uma situação sujeita a adaptação por parte dos idosos, convém que estes tenham uma retaguarda familiar sólida para que a institucionalização se realize de forma tranquila. Contudo, devido às alterações na estrutura familiar e da própria sociedade, verifica-se que as relações familiares na velhice podem deteriorar-se, apesar dos esforços dos técnicos que trabalham nas instituições, no caso dos idosos institucionalizados, para contrariar esta tendência. O período da velhice, pode ser encarado de forma positiva, como sendo o momento em que fazemos uma introspeção das nossas experiências, e que continua a ser passível de interação e relação com os outros.

Para o cumprimento destes objetivos, considerou-se que o Estudo de Caso seria o método de investigação mais apropriado utilizando como ferramentas a análise da documentação e a entrevista semi-estruturada.

O estudo de caso enquadra-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social que atende aos diferentes problemas das pessoas idosas que recorrem às suas respostas sociais, Lar para Idosos e Serviço de Apoio Domiciliário. Neste estudo cingimo-nos à resposta social Lar para Idosos.

Deste estudo resultou o conhecimento de sete relações entre pais e filhos, através de guião de entrevista que pretendeu aferir de forma transversal todo o percurso familiar destes sete casos. As relações estudadas são todas elas diferentes, mas todas assentes na obrigatoriedade do cuidado dos pais em situação de maior fragilidade, quer seja emocional, física, económica, ou outra. Este é um

determinante importante no estabelecimento das relações entre estes sete idosos e os seus filhos. Conseguimos apurar, através dos casos estudados, que as relações ao longo da vida podem não determinar as relações futuras estabelecidas entre pais e filhos, precisamente pelo determinante anunciado anteriormente.

Em conclusão, consideram-se cumpridos os objetivos definidos para esta investigação e o cumprimento destes objetivos conduz à constituição de uma base de conhecimento científico e prático válidos e úteis.

Implicações do estudo

A presente investigação visou o estudo das relações entre os idosos institucionalizados no Lar de S. Vicente de Paulo e os seus filhos cuidadores.

A literatura apresenta estudos que abordam as questões das relações entre pais e filhos, normalmente, depois da institucionalização, com o intuito de aferir como se efetuou esse processo e se o mesmo interfere nas relações. Outros estudos focam-se, exclusivamente, na realidade dos cuidados prestados a pessoas com uma elevada dependência. Mas, de acordo com a revisão de literatura efetuada, não encontramos nenhum estudo que tivesse como objetivo estudar se há uma dependência entre as relações atuais e as trajetórias familiares passadas.

Neste estudo, encontrou-se, portanto, um foco de conhecimento com carência de aprofundamento e considerou-se importante promover um estudo sobre as relações familiares na velhice, particularmente, se as mesmas são afetadas pelas relações familiares anteriores à velhice.

Face aos resultados, considera-se que os focos de conhecimento, anteriormente referidos, foram enriquecidos pelo presente estudo, constituindo aquilo que poderá ser a base de trabalho para futuras investigações.

As implicações deste estudo para a prática prendem-se com a possibilidade de, face aos resultados, promover a manutenção ou a melhoria das relações familiares dos idosos institucionalizados no Lar de S. Vicente de Paulo. Para além disso, estes resultados são fundamentais porque permitem aos técnicos da instituição ter uma posição crítica em relação aos conhecimentos que possuem, mas também porque permite a aquisição de novos saberes que possibilitam alcançar soluções capazes de responder aos problemas. Para qualquer técnico é elementar conhecer para intervir, pois só desta forma é que será possível ultrapassar o imediatismo que muitas vezes se torna regra nas respostas aos problemas.

Limitações do estudo

Considera-se que o enquadramento institucional deste estudo foi um meio rico de exploração das temáticas e objetivos que a investigação visava cumprir. Contudo, sem prejuízo da afirmação anterior, o estudo de caso aborda apenas uma realidade e entende-se esta como a principal limitação do estudo.

Crê-se que o estudo destas temáticas poderá ser enriquecido com a agregação de conhecimento derivado de outras investigações em novas realidades para além da estudada, constituindo uma das sugestões para trabalho futuro descritas de seguida.

Sugestões para trabalhos futuros

Como sugestões de trabalho futuro propomos a continuidade deste estudo noutras realidades, ou seja, noutros Lares para Idosos ou até mesmo, noutras respostas sociais, como por exemplo, Serviço de Apoio Domiciliário ou Centro de Dia.

Outra sugestão prende-se com a realização de estudos comparativos, tendo em conta variáveis como sexo, naturalidade, habilitações literárias, profissão e condições de saúde. Pois, neste caso em particular, não fizemos comparações entre variáveis, mas num estudo mais amplo, poderiam ser obtidos resultados interessantes fruto dessas comparações.

Por fim, o objetivo deste estudo era comparar duas versões sobre uma mesma história, mas noutra investigação poderia não haver essa preocupação, e então poderia alargar-se o estudo a outros idosos institucionalizados que não reúnam os critérios definidos nesta investigação e, por isso, embora só se pudesse reter uma versão da história, não significa que a investigação não seria também interessante e profícua.

Bibliografia

- BELL, J., (2002), *Como realizar um projeto de investigação*, Lisboa, Gradiva.
- BENGTON, V., ROBERTS, R., (1991), “Intergenerational solidarity in aging families: an example of formal theory construction”, *Journal of Marriage and the Family*, nº53, pp.856-870.
- BONFIM, C.; GARRIDO, M.; SARAIVA, M. e VEIGA, S., (1996), *Lar para idosos, condições de implantação, localização, instalação e funcionamento*, Lisboa, Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação da Direção-Geral da Ação Social.
- CALDAS, C., (2003), “Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família”, *Cadernos de Saúde Pública*, vol.19, nº3, pp.773-781.
- CARVALHO, P. e DIAS, O., (2011), “Adaptação dos idosos institucionalizados”, *Millenium*, nº40, pp.161-184.
- DEMARTIS, L., (2002), *Compêndio de sociologia*, Lisboa, Edições 70.
- FERNANDES, A., (2001), “Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida”, *Sociologia – Problema e Práticas*, nº 36, pp.39-52.
- FICHTER, Y., (1973), *Sociologia*, São Paulo, Editora Pedagogia e Universitária.

-
- FIGUEIREDO, D. e SOUSA, L., (2008), “Perceção do estado de saúde e sobrecarga em cuidadores familiares de idosos dependentes com e sem demência”, *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, vol.26, nº1, pp.15-24.
 - FOKKEMA, T.; BEKKE, S. e DYKSTRA, P., (2008), *Solidarity between parents and their adult children in Europe*, Amsterdam, NIDI – Netherlands Interdisciplinary Demographic Institute.
 - FONSECA, A., (2006), *O Envelhecimento: uma abordagem psicológica*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa.
 - GARCIA, A. e CATALÁN, C., (2009), “Solidariedad familiar y dependencia entre las personas mayores”, Madrid, *Informes Portal Mayores*, nº99.
 - GAULEJAC, V., (1995) *L'ingénieur sociale*, Paris, Syros.
 - INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, (2007), *Estatísticas demográficas – 2005*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
 - LIMA, M., (1981), *Inquérito sociológico. Problemas de metodologia*, Lisboa, Editorial Presença.
 - MAIA, R., (2002), “Institucionalização” in MAIA, Rui Leandro (coord.), *Dicionário de Sociologia*, Porto, Porto Editora.
 - MARTINS, R., (2005), “A relevância do apoio social na velhice”, *Educação Ciência e Tecnologia*, pp.128-134.
 - MAURITTI, R., (2004), “Padrões de vida na velhice”, *Análise Social*, vol.XXXIX, nº171, pp.339-363.
 - MITCHELL, G., (1998), *Novo dicionário de sociologia*, Porto, Rés Editora.

-
- PARDAL, L. e CORREIA, E., (1995), *Métodos e técnicas de investigação social*, Porto, Areal Editores.
 - PEREIRA, M. G. e RONCON, J., (2010), “Relacionamento familiar em pessoas idosas: adaptação do Índice de Relações Familiares (IFR)”, *Psicologia, Saúde & Doenças*, vol.11, nº1, pp.41-53.
 - PERLINI, G.; LEITE, T. e FURINI, C., (2007), “Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares”, *Revista Escola de Enfermagem USP* [online], vol.41, nº2, pp.229-236.
 - PIMENTEL, L., (2005), *O lugar do idoso na família*, Coimbra, Quarteto Editora.
 - QUARESMA, M., (1996), *Cuidados familiares às pessoas muito idosas*, Lisboa, Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação da Direção-Geral da Ação Social.
 - QUARESMA, M. e BERNARDO, M., (1996), “Cuidados a Idosos, Formação para apoio às famílias”, in BONFIM, C.; TELES, A. e SARAIVA, M., *População idosa, análise perspectivas: a problemática dos cuidados intrafamiliares*. Lisboa, Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação da Direção-Geral da Ação Social.
 - ROCHER, G., (1981), *Sociologia geral IV*, 3ª Edição, Lisboa, Editorial Presença.
 - RODRIGUES, M., (2000), “Já não tenho família”, Universidade de Coimbra, Actas do IV Congresso Português de Sociologia.

-
- SCHNEIDER, R. e IRIGARAY, T., (2008), “O envelhecimento na actualidade: aspetos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais”, *Estudos de Psicologia*, vol.25, nº4, pp.585-593.
 - SEQUEIRA, C., (2010), *Cuidar de idosos com dependência física e mental*, Lisboa, Lidel.
 - SILVERSTEIN, M. e BENGTSON, V., (1997), “Intergenerational solidarity and the structure of adult child – parent relationships in American families”, *AJS – University of Chicago*, Vol. 103, nº2, pp.429-460.
 - SILVERSTEIN, M.; GIARRUSSO, R. e BENGTSON, V., (1998), “Intergenerational solidarity and the grandparent role” in SZINOVACZ, M., *Handbook of grandparenthood*, EUA, Greenwood Press.
 - SOUZA, D.; ROSA, D. e SOUZA, M., (2011), “Representações do idoso asilado sobre os cuidados da família”, *Revista Temática Kairós Gerontologia*, nº14, pp.149-165.

Anexos

Anexo A – Guiões de Entrevista

- Guião de Entrevista – Idosos Institucionalizados
- Guião de Entrevista – Descendentes dos Idosos Institucionalizados

Guião da Entrevista – Idosos Institucionalizados

Caracterização do Entrevistado		
Objetivo	Tópicos	Observações
Caracterizar os/as idosos/as: características sócio-demográficas e de saúde	Nome: Género: Data de nascimento: Naturalidade: Freguesia onde residia: Estado Civil: Habilitações Literárias: Profissão: Valor da reforma: Condições de saúde:	A caracterização sócio-demográfica e das condições de saúde dos idosos será realizada a partir dos seus processos social e clínico que garantem uma maior fiabilidade da informação.
Apresentação do projeto e protocolo de divulgação da informação		
Objetivos	Tópicos	Observações
Legitimar a Entrevista: Informar sobre o âmbito do trabalho que conduziu à realização desta entrevista	Bom/Boa dia/tarde Sr./Sr. ^a (nome). No âmbito da minha tese de Mestrado em Gerontologia Social Aplicada, na Universidade Católica Portuguesa de Braga, gostaria de o/a entrevistar para poder conhecer melhor as relações familiares que os idosos do Lar S. Vicente de Paulo e os seus filhos, estabeleceram ao longo da vida.	<ul style="list-style-type: none"> • Frisar que se trata de um estudo. • Esclarecer o objetivo da entrevista.
Confidencialidade da informação	Para cumprir este objetivo preciso da sua colaboração, sendo que os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.	<ul style="list-style-type: none"> • Frisar que não há respostas corretas ou erradas • Garantir a confidencialidade e o anonimato do entrevistado, bem como a proteção e a não difusão de informação identificável. Solicitar o uso da maior sinceridade, sem qualquer tipo de preocupação com juízos de valor.

Questões sobre as relações familiares e sociais do idoso ao longo da vida		
Objetivos	Questões	Tópicos
<p>Pré Institucionalização: será composta por questões respeitantes às relações familiares anteriores à institucionalização</p>	Ao nível das suas condições de vida nesta fase, como as caracteriza?	<p>Infância e Juventude</p> <p>Perceber se havia dificuldades em satisfazer necessidades básicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alimentação; • Vestuário; • Condições de habitação.
	Ao nível das condições de saúde da família nesta fase, como as caracteriza?	<ul style="list-style-type: none"> • Aferir qual era a profissão dos pais. • Caracterizar a religiosidade da família. <p>• Perceber se teve algum problema de saúde que o/a impossibilitasse de ter uma vida normal para a idade.</p> <p>• Algum familiar tinha problemas de saúde graves que comprometiam a rotina da família.</p>
	Como era a relação com os seus pais?	<p>Perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O tipo de relação que tinha com os pais (mais autoritária, mais afetiva).
	Quantos/as irmãos/ãs teve?	<p>Caso tenha tido irmãos, perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Onde se situava em termos de idade: era dos/as mais novos/as ou dos/as mais velhos/as. • Relação que mantinha com os/as irmãos/ãs. • Se mantém alguma relação com algum/a dos/as irmãos/ãs (caso estejam vivos/as).
	Sei que estudou até ao ... ano. Porque motivo não continuou a estudar?	<p>Perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O motivo que o levou a abandonar os estudos. • Gostaria de ter continuado a estudar? • Tinha muito amigos nesta fase da sua vida? • Mantém alguma dessas amizades?

	<p>Nesta fase da sua vida há algum ou alguns acontecimentos familiar que o/a tenham marcado de forma positiva e de forma negativa?</p>	<p>Caso haja:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que acontecimentos? • Porquê?
Fase adulta (a partir do casamento)		
	<p>Ao nível das suas condições de vida nesta fase, como as caracteriza?</p> <p>Ao nível das condições de saúde da família nesta fase, como as caracteriza?</p> <p>Como caracteriza o seu casamento antes de ter filhos/as?</p> <p>Quantos filhos teve?</p> <p>Como era a relação entre o Sr./Sr.^a (nome) e os/as seus/suas filhos/as na infância e juventude dos/as mesmos/as?</p>	<p>Perceber se havia dificuldades em satisfazer necessidades básicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alimentação; • Vestuário; • Condições de habitação. <ul style="list-style-type: none"> • Perceber se teve algum problema de saúde que o/a impossibilitasse de trabalhar, ter filhos. Ter uma vida dita normal para um/a adulto/a. • Algum familiar tinha problemas de saúde graves que comprometiam a rotina da família. <p>Perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com que idade se casou. • Se há/havia diferença de idade relativamente ao cônjuge. • Como era a relação com o/a cônjuge (de subordinação ou de igualdade e cooperação). • Como era o dia a dia (saíam para passear, para férias, conviviam com amigos, etc.). • Quanto tempo esteve casado até ter o/a 1º/1ª filho/a. <ul style="list-style-type: none"> • N° de filhos. • Género. <ul style="list-style-type: none"> • Se era um/a pai/mãe presente no dia a dia dos filhos; • Que diferenças existiam entre a relação do pai com os/as filhos/as e da mãe com os/as filhos/as (por exemplo, quem fazia a higiene pessoal, quem levava à escola, quem levava ao médico, quem castigava, etc.). • Que valores quis passar para os/as filhos/as no processo de educação.

<p>O casamento dos/as seus/suas filhos/as alterou a relação com eles/as?</p> <p>Sei que tem netos, a sua relação com os/as seus/suas filhos/as alterou-se após o nascimento dos mesmos?</p> <p>Paralelamente às relações familiares, mantinha relações de amizade ou relações com colegas de trabalho?</p> <p>Nesta fase da sua vida há algum ou alguns acontecimentos familiar que o/a tenham marcado de forma positiva e de forma negativa?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a religiosidade da nova família. • Os filhos desempenhavam tarefas domésticas. • Participava com os filhos em atividades locais (membros de um grupo desportivo, grupo coral, grupo cultural, etc.) • Valorizava momentos importantes para os/as seus/suas filhos/as (aniversários, mérito escolar, etc.). Se sim, como? <ul style="list-style-type: none"> • Se afetou, a que níveis. • Como era a convivência com o novo casal (faziam atividades conjuntas). <ul style="list-style-type: none"> • Quantos netos tem? • Se afetou, a que níveis. <ul style="list-style-type: none"> • Se sim, perceber em que consistiam essas relações: se ocupavam muito do tempo livre do entrevistado e que tipo de atividades realizavam em conjunto. <p>Caso haja:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que acontecimentos? • Porquê?
Velhice	
<p>Ao nível das suas condições de vida nesta fase, como as caracteriza?</p> <p>Ao nível das condições de saúde da família nesta fase, como as caracteriza?</p>	<p>Perceber se havia dificuldades em satisfazer necessidades básicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alimentação; • Vestuário; • Condições de habitação. <ul style="list-style-type: none"> • Perceber se tem algum problema de saúde. Se sim, quais? • Algum familiar tinha problemas de saúde graves que comprometiam a rotina da família.

	<p>Antes de vir para o Lar o/a Sr./Sr.^a (nome) residia sozinho/a ou acompanhado/a?</p> <p>Como era o seu dia a dia?</p> <p>Relativamente a decisões importantes para a sua vida. Aconselhava-se com os/as seus/suas filhos/as?</p> <p>Antes de vir para o Lar tinha alguém (familiar ou amigo/a) que era importante para si?</p> <p>Nesta fase da sua vida há algum ou alguns acontecimentos familiar que o/a tenham marcado de forma positiva e de forma negativa?</p>	<p>Se vivia acompanhado:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por quem? • Havia conflitos com as pessoas com as quais residia. Se sim, quais as razões da sua origem. <ul style="list-style-type: none"> • O que fazia durante os dias. • Tinha algum/a amigo/a ou familiar com quem passava o dia. • Que tipo de necessidades tinha (tarefas domésticas, acompanhamento a consultas, etc.) • Quem o apoiava na satisfação das necessidades. • Gostava de promover reuniões familiares. • Recebia/Fazia visitas dos/aos seus familiares (periodicidade)? • Recebia/Fazia telefonemas dos/aos seus familiares (periodicidade)? <p>Se vivia acompanhado: participava nas atividades de lazer organizadas pela família fora de casa?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Decidia conjuntamente com os/as filhos/as. • Valorizava a opinião dos/as seus/suas filhos/as. <p>Se sim, perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem era; • Porquê? (razões emocionais, financeiras, companheiro/a de conversa, etc.) <p>Caso haja:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que acontecimentos? • Porquê?
Processo de	A opção de viver num Lar foi sua ou dos	Perceber:

<p>Institucionalização: aferir o que motivou a institucionalização e como se processou.</p>	<p>seus filhos?</p> <p>Como encarou a vinda para o Lar?</p> <p>Há alguns acontecimentos no seu processo de integração no Lar que o/a tenha marcado de forma positiva e de forma negativa?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que motivou esta opção? • Se o/a idoso/a concordou com ela? • Se haveria outra alternativa: considera que os seus filhos poderiam ter ficado a cuidar de si em casa deles? • Aceitou bem ou mal? • Como foi a integração no Lar? • Na sua opinião os/as seus/suas filhos/as ajudaram-no/a a ultrapassar esta nova fase? Como? <p>Caso haja:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que acontecimentos? • Porquê?
<p>Pós Institucionalização: incluirá questões relativas às relações com os filhos pós-institucionalização</p>	<p>Recebe visitas/telefonemas dos seus/suas filhos/as?</p> <p>Quanto a relações de amizade, mantém alguma(s)?</p> <p>Na sua opinião como classificaria a relação que mantém com os/as seus/suas filhos/as?</p>	<p>Perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Periodicidade; • Sai com os/as seus/suas filhos/as para passear? • Participa nas reuniões familiares (aniversários, casamentos, batizados, etc.); <p>Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visitam-se mutuamente. • Periodicidade. • Passeiam ou fazem programas/atividades juntos/as. <ul style="list-style-type: none"> • Se está satisfeito ou insatisfeito; • Que tipo de relação: emocional, financeira, etc. • Mudaria alguma coisa na relação que mantém com os/as seus/suas filhos/as;

Conclusão da Entrevista		
Objetivos	Questões	Tópicos
Averiguar as reações do entrevistado à situação de entrevista.	O que pensa desta entrevista?	Se gostou de responder às questões ou se pelo contrário lhe causaram algum desconforto ou tristeza. Se sim, porquê?
Concluir a entrevista: agradecimentos.	Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, fundamentais para a execução desta tarefa.	

Guião da Entrevista – Descendentes dos Idosos Institucionalizados

Apresentação do projeto e protocolo de divulgação da informação

Objetivos	Tópicos	Observações
Legitimar a Entrevista: Informar sobre o âmbito do trabalho que conduziu à realização desta entrevista	Bom/Boa dia/tarde Sr./Sr. ^a (nome). No âmbito da minha tese de Mestrado em Gerontologia Social Aplicada, na Universidade Católica Portuguesa de Braga, gostaria de o/a entrevistar para poder conhecer melhor as relações familiares que os idosos do Lar S. Vicente de Paulo e os seus filhos, estabeleceram ao longo da vida.	<ul style="list-style-type: none"> • Frisar que se trata de um estudo. • Esclarecer o objetivo da entrevista.
Confidencialidade da informação	Para cumprir este objetivo preciso da sua colaboração, sendo que os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.	<ul style="list-style-type: none"> • Frisar que não há respostas corretas ou erradas • Garantir a confidencialidade e o anonimato do entrevistado, bem como a proteção e a não difusão de informação identificável. Solicitar o uso da maior sinceridade, sem qualquer tipo de preocupação com juízos de valor.

Caracterização do Entrevistado

Objetivo	Tópicos	Observações
Caracterizar os/as filhos/as: características sócio-demográficas e de saúde	Nome: Género: Data de nascimento: Naturalidade: Freguesia onde residia: Estado Civil: Habilitações Literárias: Profissão: Situação Laboral: Composição do agregado familiar: Condições de saúde:	

Questões sobre as relações familiares e sociais entre pai/mãe-filho/filha ao longo da vida		
Objetivos	Questões	Tópicos
<p>Pré Institucionalização: será composta por questões respeitantes às relações com o/a pai/mãe anteriores à institucionalização</p>	Ao nível das suas condições de vida nesta fase, como as caracteriza?	<p>Infância e Juventude</p> <p>Perceber se havia dificuldades em satisfazer necessidades básicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alimentação; • Vestuário; • Condições de habitação. <p>• Aferir qual era a profissão dos pais.</p> <p>• Religiosidade da família.</p>
	Ao nível das suas condições de saúde nesta fase, como as caracteriza?	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se teve algum problema de saúde que o/a impossibilitasse de ter uma vida normal para a idade. • Algum familiar tinha problemas de saúde graves que comprometiam a rotina da família.
	Como era a relação entre o Sr./Sr. ^a (nome) e o/a seu/sua pai/mãe?	<p>Perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se tinha pais presentes no seu dia a dia. Se sim, qual estaria mais presente. • O tipo de relação que tinha com os pais (perceber se um era mais afetivo e outro mais autoritário, por exemplo). • Considera que os seus pais lhe proporcionaram tudo o que podiam? • Que valores os seus pais lhe passaram no seu processo de educação. • Realizavam atividades em conjunto (ex: passeios; férias; associados de algum clube, etc.) • O/a seu/sua pai/mãe valorizava momentos importantes para si (aniversários, mérito escolar, etc.). Se sim, como?
Quantos/as irmãos/ãs teve?	<p>Caso tenha tido irmãos, perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Onde se situava em termos de idade: era dos/as mais novos/as ou dos/as mais velhos/as. • Relação que mantinha com os/as irmãos/ãs. • Se mantém alguma relação com algum/a dos/as irmãos/ãs (caso estejam vivos/as). 	

	<p>Relativamente aos seus estudos até que ano frequentou a escola?</p> <p>Nesta fase da sua vida há algum ou alguns acontecimentos familiar que o/a tenham marcado de forma positiva e de forma negativa?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nível. • Caso tenha abandonado. Porquê? Gostaria de ter continuado a estudar? • Foi trabalhar a seguir? <p>Caso haja:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que acontecimentos? • Porquê?
Fase adulta (após o casamento)		
	<p>Ao nível das suas condições de vida nesta fase, como as caracteriza?</p> <p>Ao nível das suas condições de saúde nesta fase, como as caracteriza?</p> <p>O seu casamento afetou a relação que mantinha com o/a seu/sua pai/mãe?</p> <p>O nascimento dos seus/suas filhos/as afetou a relação que mantinha com o/a seu/sua pai/mãe?</p> <p>Como era a relação entre o/a Sr./Sr.^a (nome) e o/a seu/sua pai/mãe?</p>	<p>Perceber se havia dificuldades em satisfazer necessidades básicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alimentação; • Vestuário; • Condições de habitação. <ul style="list-style-type: none"> • Perceber se teve algum problema de saúde que o/a impossibilitasse de ter uma vida normal para a idade. • Algum familiar tinha problemas de saúde graves que comprometiam a rotina da família. <ul style="list-style-type: none"> • Se afetou, a que níveis. • Com que idade se casou. • Quando casou, vivia perto do/a pai/mãe? • Como era a convivência do novo casal com os seus pais (faziam atividades conjuntas) <ul style="list-style-type: none"> • Quantos filhos teve. • Se afetou, a que níveis. • Como era a convivência dos netos com os seus pais (faziam atividades conjuntas). <ul style="list-style-type: none"> • Concordavam em tudo ou pelo contrário tinham, constantemente, opiniões diferentes?

	<p>Nesta fase da sua vida há algum ou alguns acontecimentos familiar que o/a tenham marcado de forma positiva e de forma negativa?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Realizavam atividades em conjunto (ex: passeios; férias; associados de algum clube, etc.) • Aconselhava-se com o/a seu/sua pai/mãe acerca de decisões importantes para a sua vida. • Convidava-o/a a participar nas atividades da sua família no fim-de-semana? • Prestava-lhe algum apoio? Se sim, qual? • Caso prestasse algum apoio: o apoio que lhe prestava causava-lhe algum transtorno na sua vida familiar? • Porque razão prestava esse apoio? (razões emocionais, morais, etc.) • Se o pai/mãe vivesse sozinho/a: fazia visitas/telefonemas (periodicidade). <p>Caso haja:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que acontecimentos? • Porquê?
<p>Processo de Institucionalização: aferir o que motivou a institucionalização.</p>	<p>A opção do/a seu/sua pai/mãe viver num Lar foi de quem?</p> <p>Como acompanhou a integração do/a seu/sua pai/mãe no Lar?</p>	<p>Perceber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que motivou esta opção? • Se o/a pai/mãe concordou com ela? • Se haveria outra alternativa? • Considera que poderia ter ficado a cuidar dele/a em sua casa? • Foi uma decisão difícil? • Mudou alguma coisa na sua rotina diária aquando da integração do/a seu/sua pai/mãe no Lar?
<p>Pós Institucionalização: incluirá questões relativas às relações pai/mãe-filho/a pós-institucionalização</p>	<p>Como acompanha o/a seu/sua pai/mãe agora que está a residir no Lar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Visita-o/a (periodicidade); • Telefona-lhe (periodicidade); • Sai com o/a seu/sua pai/mãe para passear ou para fazer outras atividades? • Convida-o/a a participar nas reuniões familiares (aniversários, casamentos, batizados, etc.);

	<p>Agora que ele/a já está integrado/a porque continua a cuidar do/a seu/sua pai/mãe?</p> <p>Como classifica a relação que mantém com o/a seu/sua pai/mãe depois da institucionalização?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber a motivação do cuidado. • A relação com o/a seu/sua pai/mãe manteve-se igual, piorou ou melhorou?
Conclusão da Entrevista		
Objetivos	Questões	Tópicos
Averiguar as reações do entrevistado à situação de entrevista.	O que pensa desta entrevista?	Se gostou de responder às questões ou se pelo contrário lhe causaram algum desconforto ou tristeza. Se sim, porquê?
Concluir a entrevista: agradecimentos.	Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, fundamentais para a execução desta tarefa.	

Anexo B – Sintetização dos Contributos das Entrevistas

- Caso 1 – Eunice e Alice
- Caso 2 – Georgina e Maria Rita
- Caso 3 – Marcela e Francisca
- Caso 4 – Rosalina e Lúcia
- Caso 5 – Augusto e Aida
- Caso 6 – João e Carolina
- Caso 7 – Ludovico e Fernanda

CASO 1

Eunice

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 28/07/1919 (92 anos)

Naturalidade: Ferragudo – Lagoa

Freguesia onde residia: Ferragudo – Lagoa

Estado Civil: Viúva

Habilitações Literárias: 3ª classe

Profissão: Doméstica

Valor da reforma: 585,96€

Condições de saúde: Diabetes, Hipoacusia.

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/ filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“A alimentação era sopa e um prato. Os meus pais tinham fazendas e tinham animais e comíamos coelhos, galinhas, era tudo para a casa. (...) A habitação era boa. Uma casa nova que a minha mãe mandou fazer em Ferragudo. (...) No tempo dos meus pais o meu pai tinha quatro fazendas, vivíamos muito bem. Vivíamos a bem dizer daquilo. Tínhamos azeite, tínhamos amêndoa para vender, alfarroba para vender, figo para vender. E o meu pai comerciava trigo e cevada”.*

Condições de saúde. *“Eu sofri sempre muito da barriga, da menstruação. Todos os meses nunca me vinha sangue, às vezes estava dois e três meses sem vir. E depois tinha que ir à cama com muitas dores na barriga. Tive um tumor na barriga, fui operada em Lisboa, sofria muito, e fui operada no Hospital do Ultramar”. A restante família não tinha problemas de saúde.*

Profissão dos pais. *“A minha mãe era doméstica e o meu pai andava embarcado. Era pacote para África, França, para Inglaterra”.*

Religiosidade da família. *“O meu pai era muito religioso e a minha mãe também, mas o meu pai era especial. Não, nunca me obrigou (a ir à missa), fui de vontade, ia sempre. O meu pai ia todos os Domingos à missa e rezava todos os dias um rosário. Um rosário são três terços. O meu pai de joelhos no quarto dele, rezava de joelhos”. Depois de abandonar os estudos, “dediquei-me à Igreja, fui uma grande trabalhadora da Igreja. Ensinei catequese, fui filha de Maria do Apostolado da Oração. Pertencia-a ao grupo coral, fui uma grande trabalhadora. Limpava a Igreja e punha flores”.*

Relação com os pais. *“Era muito boa”. A mãe autoritária “era a minha mãe”. Quanto ao pai: “O meu pai era muito bom, e a minha mãe também. Mas o meu pai era um Santo. (...) O pai quase sempre estava por fora”. Durante quanto tempo esteve fora: “até aos sessenta anos”. Que idade tinha a entrevistada quando ele voltou: “eu era solteira, tinha vinte anos ou vinte e dois”.*

Irmãos. *“Tive uma irmã que era mais velha que eu, e tive outra que nasceu e morreu. São três irmãs”. Relação com a irmã: “Boa, boa éramos muito amigas. Ela tinha mais cinco anos do que eu. Morreu com oitenta e cinco anos”.*

Habilitações literárias. “*Eu estive até à 4ª classe na escola. Depois a minha mãe mandou-me ir aprender bordados e croché e rendas de bilro. (...) Eu queria ir para Portimão aprender costura, mas ela (a mãe) não queria. Não queria que as filhas sáissem de pé dela*”. Deixou de estudar “*porque a professora era muito má. E uma vez deu-me doze palmatoadas, levei doze. Fiquei com um medo tão grande que nem quis fazer o exame*”. Se gostaria ter continuado a estudar: “*gostava, mas com aquela professora não. Naquele tempo havia poucas professoras*”. Mas deixou de estudar porque não gostava da professora ou porque os pais não queriam? “*Não a minha mãe queria mas eu é que não quis*”. E agora arrepende-se: “*não me fez falta, nem foi preciso*”. Amizades. “*Tinha muitos amigos. As raparigas da minha idade que andaram comigo na escola eram todas minhas amigas. Mas tinha uma que era como minha irmã, morava na minha rua. (...) E então fui sempre muito amiga dela até morrer. Ela morreu há dez anos, morreu com oitenta e dois anos*”.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. “*Bem. Lá era uma dificuldade as casas. Eu morei numa cozinha. Era nova mas era uma cozinha. E uma dispensa que fazia de quarto*”.

Condições de saúde. “*Bem, estava tudo bem. Só tinha era de vez em quando a febre de lá. (...) Mas também sofria muito da barriga. (...) Uma vez ia ser operada a um Mioma. Fiz uma raspagem lá na Beira. O médico não me quis operar. Disse que eu era muito nova, tinha que ter mais filhos que ficava bem*”.

Casamento. “*Casei-me aos vinte e quatro. (...) Fui para África. Viajei quatro vezes. Peguei quatro paquetes: Serpa Pinto, Angola, Pátria e Império. (...) Casei-me em Portugal na minha Igreja. O meu marido não podia vir a Portugal e então mandou-me buscar por procuração*”. Qual era a profissão do marido? “*O meu marido era carpinteiro. Trabalhou numa companhia Inglesa. Depois numa certa altura passou para o Estado. Passou para os caminhos-de-ferro de Moçambique*”. Como se conheceram? “*Ele era da minha terra*”. Diferença de idades com o cónjuge. “*O meu marido tinha mais anos do que eu. Tinha trinta e cinco anos. (...) Tive a minha filha um ano depois de casada. (...) Depois da minha filha, nasceu um filho, dezassete meses mais tarde*”.

Relação com o marido. “*Bem. Ele era muito bom*”.

Quotidiano. “*Eu não fazia nada. Fazia muito croché. Fiz muitas colchas de cama. Não sei o número. Fazia muita renda*”. Férias. “*Depois de lá estar fui muitas vezes à Rodésia, na África do Sul. Pois nós tínhamos passagem de comboio para a Rodésia. Os comboios tinham camarotes. A gente ia deitada. (...) Lá tinha umas belas praias, na Beira*”. E ia lá com o marido? “*Sim. A última casa que eu morei era mesmo em frente à praia. Era numa urbanização nova*”. Quanto tempo viveu em Moçambique? “*Estive dez anos. (...) Aquela gente era muito boa. Eu dei-me lá muito bem*”.

Filhos. “*Só tive três*”. A filha: “*era muito bonita. Era a bebé mais bonita daquela terra. Diziam as pessoas*”.

Relação da filha com a mãe. Era uma mãe presente: “*Sim*”. As tarefas de levar à Escola, levar ao médico, fazer a higiene pessoal eram desempenhadas pela entrevistada.

Religiosidade da família. “*Iam à missa aos Domingos, confessavam-se. Todos fizeram a primeira comunhão*”.

Tarefas domésticas. “*A filha fazia, os filhos não*”.

Atividades locais. Não participavam.

Valorização de momentos importantes. “*Não eu nunca fazia festas. Não ligava*”. Quando os filhos tiravam boas notas a entrevistada dava-lhes os parabéns.

Casamento da filha. Um dos filhos é solteiro, os outros dois casaram. Quando o filho se casou: “*dei-lhe dez contos para ele se casar. E à minha filha também lhe dei muito. Dei-lhe o enxoval, tudo muito bom*”.

Nascimento dos netos. Tem cinco netos e seis bisnetos. Não notou diferenças nas relações com os filhos, dizendo que “*era a mesma coisa*”.

<p>Relações de amizade. Não mantinha.</p> <p>Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>
<p>Pré-Institucionalização: Velhice (após a reforma)</p>
<p>Condições de vida. “Graças a Deus tenho vivido sempre bem”.</p> <p>Condições de saúde. “Fui operada à perna porque cai. Mas fiquei curada, de maneira que não tenho nada. Fui operada em Portimão. (...) O pior problema que eu tive foram os diabetes e reumático. Isso é que eu tenho de pior”.</p> <p>Quotidiano. Vivia com o filho mais novo. Não havia conflitos entre eles. “Ela (a empregada que tinha em casa) é que fazia a comida mas eu é que lhe ensinava como havia de fazer”. Estava quase sempre sentada a ver televisão. Tinha pessoas amigas que a visitavam. Quanto a acompanhamento a consultas: “Bem eu durante alguns tempos fui sozinha. Mas, por fim ficou, a minha nora. Estava em Ferragudo ela é que me acompanhava. O meu filho estava a trabalhar”. Reuniões familiares: “Eu quase sempre é que ia lá, a Braga. E o meu sobrinho e a mulher iam lá a casa. (...) A minha família foi toda muito boa. O marido da minha irmã, o meu cunhado, ai... era uma joia de homem. E eu agora comparo o meu genro com o meu cunhado”. Telefonemas: “eu já há muito tempo que não posso falar” (porque não ouve).</p> <p>Aconselhamento com a filha. “Sim, aconselhava-me. Quando fazia qualquer coisa dizia: olha lá eu vou dar isto e isto a este, a fulano”. Respondeu que valorizava a opinião dos filhos.</p> <p>Pessoa importante para si. “A que era importante para mim foi sempre a minha filha. Porque ela foi sempre muito minha amiga, muito minha amiga. (...) Mandava-me roupas, lençóis, toalhas de banho, guardanapos”.</p> <p>Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. “Tive uma empregada, agora ultimamente que já não podia fazer tantas coisas. Roubou-me e foi tão má para mim. Ela falava com a minha filha pelo telefone, só a falar mal de mim, que eu era muito má. Eu fui tão boa para ela que lhe perdoei tudo. E ela foi tão má para mim. Até censurava as cartas que a minha filha me escrevia, que eu não era merecedora de ela me dar aquelas palavras. A minha filha só me contou agora. Depois de eu poder ler, que eu não via, não falava e não ouvia, não podia contar. Só agora é que ela me tem contado o que ela falava mal de mim. E o dinheiro que ela me roubou. Foi o pior que eu tive na minha vida foi agora”.</p>
<p>Processo de Institucionalização</p>
<p>Motivo da vinda para o Lar. “E agora vim parar a aqui. Porque eu estava mal e então o meu filho telefonou à irmã. Fui para o Hospital. E do Hospital de Braga é que me mandaram para cá para fazer tratamento. Falta só um mês para fazer dois anos. E aqui tenho sido muito bem tratada. E tem-me feito muito bem. E se não fosse eu estar cá, já tinha morrido”.</p> <p>Concordou com a decisão? “Eu nem sabia, eu nem tinha ideia”.</p> <p>Haveria alternativa? “Não podia, ela (a filha) não podia. Então eu tinha diabetes. Não podia, eu tinha que vir para aqui (para o lar) senão tinha morrido”.</p> <p>Integração ao Lar. “A minha filha está muito contente porque eu estou aqui muito bem, e é verdade. As empregadas daqui são todas minhas amigas, todas minhas amigas. (...) Hoje eu estou bem. Eu melhor não posso estar”.</p> <p>Acontecimento (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>

Pós-Institucionalização

Apoio da filha. *“Quando a minha filha está para fora telefona para aqui. Para mim não, que eu não oiço, mas para a D. Chantal (colaboradora do Lar) tem telefonado. (...) Ela (a filha) vem cá todos os dias, é muito raro o dia em que não me vem ver. (...) O meu filho casado (vive em Setúbal) quando vem para aqui está quatro, cinco dias. Mas ele ajuda muito a mulher. Porque a mulher para as filhas trabalharem tem que ela ficar com os meninos, são três netos, três meninos. E ela tem que ficar com os meninos. E então o meu filho não pode vir tanto porque tem que ajudar a mulher. E eu também acho bem ele ajudar a mulher, porque ela tem sido muito boa para ele e para mim. (...) O (mais novo que vive em Ferragudo) quando vem está aqui um dia. Está com a irmã e come aqui em Braga, almoça para ficar o dia todo”. Se sai para passear: “agora não, porque eu não posso andar, tenho que ir de cadeira (cadeira de rodas)”. Reuniões familiares: “já participei, agora já não, já não posso. Fui aos casamentos dos meus sobrinhos, dos meus filhos, do meu neto. Fui a isso tudo. Agora é que já não posso por causa da cadeira”.*

Relações de amizade. *“Lá na minha terra tenho muita gente minha amiga. Se isto fosse mais perto, aquelas pessoas todas minhas amigas vinham-me ver. Porque aquela gente toda é minha amiga”.*

Relação com a filha. *“Muito boa, muito boa. Com todos os três estou bem”.*

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? As perguntas não causaram nem desconforto nem tristeza. A entrevistada respondeu: *“Desafoguei, tirei tudo de cá de dentro”.*

Alice

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 04/06/1945 (66 anos)

Naturalidade: Beira – Moçambique

Freguesia onde reside: S. José de S. Lazaro – Braga

Estado Civil: Casada

Habilitações Literárias: Magistério do Ensino Primário

Profissão: Professora do 1º ciclo

Situação Laboral: Reformada

Composição do agregado familiar: Duas pessoas (entrevistada + marido)

Condições de saúde: tem um pequeno tumor na meninge; doença isquémica

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Não tinha dificuldade, nunca senti dificuldade. Porque o meu pai estava em África e tinha mais poder de compra que outras pessoas que trabalhavam cá”.* A entrevistada e os irmãos nasceram na Beira – Moçambique e quando ela e o irmão eram pequenos a mãe veio passar férias a Portugal e acabou por ficar um ano, após o qual voltou para Moçambique, e de onde regressaram quando a entrevistada tinha onze anos. O pai ficou em Moçambique a trabalhar. Em Portugal, tinham casa própria mas, a maior parte do tempo, viviam na casa dos avós maternos, juntamente com uma tia casada (que tinha o marido embarcado) e seus filhos. A tia gostava muito da entrevistada porque tinha dois filhos rapazes, portanto, a entrevistada era a menina da casa. Ao nível das condições de vida não sentiu dificuldades *“também pelo apoio dos meus avós. Porque os meus avós tinham tudo em casa. (...) Porque o meu avô tinha quatro fazendas (...) e ele colhia muita coisa, por exemplo, azeite não comprava, tinha porcos (...), e alguma fruta. Também fazia dinheiro com as coisas, vendia. (...) E recebia dinheiro que dava para o ano todo”.* Passados quatro anos o pai veio a Portugal de férias e, na altura deram conta que o filho do meio faltava às aulas e tinha perdido uns anos letivos, assim os pais decidiram que seria melhor ele ir para Moçambique, trabalhar de dia e estudar de noite, *“o meu pai achou que tinha mais futuro lá”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Profissão dos pais. O pai trabalhava como carpinteiro nos caminhos-de-ferro de Moçambique. A mãe era doméstica. O pai regressou de Moçambique doente, teria a entrevistada cerca de vinte e um anos. *“Ele começou com uns problemas na garganta e de lá mandaram-no embora, (...) para o Hospital do Ultramar. (...) Era um cancro na laringe e ele só viveu um ano. Um ano, a bem dizer, no hospital, porque ele ainda foi lá à terra (Ferragudo) mas começou a sentir-se mal (...) e regressou a Lisboa”.*

Religiosidade da família. A mãe obrigava os irmãos a irem para a missa, mas a entrevistada diz que *“a minha não me obrigava, que eu ia de vontade, nem era preciso dizer que eu ia”*. Mas ao irmão a mãe dizia *“se não fores à missa não te dou o dinheiro da semanada”*. A mãe não obrigava a rezar mas tinham que ir à catequese.

Pais presentes ou ausentes? O pai (quando viveu com ele na Beira)? *“Não. Ele não era por mal. Mas ele trabalhava o dia todo, e quando chegava a casa gostava de ler o jornal, beber uma cerveja”*. E a mãe? *“Eu acho que também não ligava muito, também não”*.

Relação com os pais. *“Mais autoritário era o meu pai. (...) Ele perguntava sempre da Escola, se nós estudávamos e assim. Agora a minha mãe não perguntava nada. (...) Não ia ver notas, nem nada. Só perguntava quando andava no liceu. (...) Mas a minha mãe não era nada assim de afetos, não era. Nem um, nem outro. A minha mãe era mais aquela coisa de nos ver bem vestidos, arranjadinhos. (...) Lanche para a escola. (...) Agora dar beijinhos e pegar ao colo, e abraços, não, nunca me lembro disso”*.

Os pais proporcionaram tudo o que podiam? *“Sim, eu acho que sim. Proporcionaram”*.

Valores transmitidos. *“Ser honesta com as pessoas e com o meu trabalho, com tudo. Ser amiga de toda a gente. Não ser mentirosa. Ser educada para as pessoas. Falar às pessoas. (...) Não admitiam que nos portássemos mal”*.

Atividades em conjunto. *“Fomos à Rodésia. (...) Íamos de comboio. (...) Íamos para a praia que era perto de minha casa. (...) Especialmente, íamos à noite a um bar, porque o meu pai gostava muito de camarão e cerveja (...) eles estavam sentados na esplanada virada para o mar (...) nós íamos brincar para a areia”*.

Momentos importantes. *“Em África não me lembro de ter nenhuma festa. (...) Cá era a minha tia que fazia um bolo, não era a minha mãe, ou mais qualquer coisa e o jantar era melhorado nesse dia e convidava umas primas, não era para jantar, era para apagar as velas”*. Os amigos da Escola não iam. A mãe *“não queria ter trabalho e não queria gastar. (...) A minha mãe comia, consolava-se com o bolo, mas não tinha trabalho nenhum”*. Relativamente ao mérito escolar, os pais não valorizavam *“achavam que tinha obrigação. (...) Mas gabavam-me de eu tirar um curso e os outros dois (irmãos) não aproveitarem”*.

Irmãos. São três irmãos, uma menina e dois meninos, sendo que a menina é a mais velha. Relativamente ao mais novo são onze anos de diferença. A relação com os irmãos era boa. Atualmente, mantém relação com os dois irmãos, embora vivam longe.

Habilitações Literárias. Frequentou o Magistério do Ensino Primário e tornou-se professora, começando logo a trabalhar em Torres Vedras.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Falecimento do pai e a morte do tio/padrinho (caiu num poço do elevador).

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. *“Sim. Porque eu trabalhava e ele (marido) também ganhava. Não eram más. Mas também não posso dizer que eram uma maravilha. Fartura, não”*.

Condições de saúde. *“Eram boas”*.

Casamento. Casou-se com vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Foi morar para Braga porque o marido morava lá. O pai já tinha falecido e a mãe continuava a morar em Ferragudo com a tia e a avó. As relações não se alteraram, *“eu ia lá uma vez no ano, (...) nas férias, passava lá um mês. E ela vinha cá aí umas duas vezes por ano, vinha sempre na Páscoa, ela e a minha tia. (...) Eu telefonava-lhe e escrevia-lhe. Tinha muito contacto com ela. (...) Eu embora viesse para longe era muito presente. (...) Qualquer coisa que eu via comprava para ela e depois mandava-lhe pelo correio. Eu a bem dizer é que a vestia. (...) Também mandava para a minha tia. Porque se eu não desse, a minha tia ficava com ciúmes”*. Atividades conjuntas com o novo casal. *“O meu marido mostrou o Algarve todo à minha mãe e à minha tia e aqui o Norte todo de Braga para cima, ali Porto também e Douro, até Santiago de Compostela, Vigo. (...) Elas passeavam muito. Mas eu notava que elas queriam, então eu pedia-lhe a ele para as levar. Ainda hoje ela diz que o meu marido é como o cunhado, que lhe fazia as vontades todas”*.

Nascimento dos filhos. Teve dois filhos, uma menina e um menino. Quanto à relação com a mãe era “*tudo igual. (...) Os meus eram mais agarrados à avó do que os do meu irmão. (...) Mas não era de fazer assim muitas festas (a mãe), como eu faço agora com o meu (neto)*”.

Relação com a mãe – opiniões: “*Eu dizia ámen com ela. (...) Senão ela ficava mal encarada*”.

Relação com a mãe – aconselhamento: “*Não pedia*”.

Relação com a mãe – apoio: “*Quando ela ficou assim a notarmos que ela já não podia fazer as coisas sozinha, pusemos lá uma pessoa dia e noite. (...) Porque ela nunca quis ir para um Lar, ela não queria. Mas ela depois começou a ficar muito doente e a ficar senil*”. A empregada começou a telefonar todos os dias para a entrevistada a pedir que ela lá fosse porque a mãe já não conhecia as pessoas, ia com o saco do dinheiro para a rua para as pessoas guardarem porque não queria que a empregada ficasse com o dinheiro e começou a fazer muita confusão com a empregada e o irmão. “*Nós não sabíamos, mas ela estava descompensada dos diabetes*”. Depois de cinco anos com a tal empregada, optaram pela integração da mãe num Lar.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda da mãe para o Lar. “*Eu disse-lhe a mãe está doente. Vou levá-la a uma clínica para ser vista. E então trouxe-a aqui. (...) Depois eu disse-lhe: olhe o Doutor diz que tem que fazer análises e precisa de ser tratada, vai ter que ficar aqui. Ela não gostou muito, mas acreditou. Mas depois começou uns quantos dias a ver que não ia embora e começou a não comer (...) até que entrou em coma diabética (...) e já não conhecia as pessoas. (...) Ela tinha uma infeção renal e tinha os diabetes altíssimos. (...) Correu bem (...) e graças a Deus cá a temos. Quando voltou escrevi-lhe no papel: olhe agora tem que ir para a clínica para ser tratada. (...) Aí já aceitou melhor. (...) Ela agora está normalíssima*”.

A mãe concordou? “*Ninguém da família dela, nem amigas tinham ido para um Lar. E ela não podia ouvir falar na palavra Lar. Agora está muito contente. E ela só descobriu que era um Lar quando foi operada às cataratas (à cerca de seis meses) e ficou a ver bem e viu escrito nas fardas das empregadas “Lar S. Vicente de Paulo”. E então disse-me: mas afinal eu estou num Lar*”.

Haveria alternativa? “*Não, porque eu não tenho saúde. Eu não aguentava pegar nela, nem puxar por ela. (...) Era muito difícil para mim porque eu não aguentava*”.

Foi uma decisão difícil para si? “*Muito difícil. Custou-me muito. Porque como toda a família morreu lá, nas casas delas, eu também me custou muito trazê-la sabendo que ela já não ia para lá com vida*”.

Alterou a sua rotina diária? “*Tento todos os dias vir. Como só sou eu e o meu marido dá perfeitamente. (...) Não me causa transtorno nenhum. Até fico aborrecida se não vier. (...) Gosto muito de vir e acho que ela está aqui muito bem*”.

Pós-Institucionalização

Acompanhamento à mãe. Visita quase todos os dias de tarde. Telefonar não o faz porque a mãe não ouve. Quanto a passear “*é difícil por causa de ela não andar. (...) Ela de repente dá-lhe a vontade de ir à casa de banho e é muito difícil*”.

Motivação do cuidado à mãe. “*Por tudo, por moral, afetividade e obrigação também tenho, porque acho que os filhos é que têm obrigação*”. Ajuda a nível financeiro também “*porque ela ganha duas reformas pequenas (...) só ajuda um irmão, o casado, o outro não ajuda*”.

Relação atual com a mãe. “*Eu acho que está melhor. (...) O feitio é o mesmo*”.

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? <i>“Gostei, até gostei. Foi uma recordação da minha vida e da dela”.</i>
--

CASO 2

Georgina

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 02/02/1931 (80 anos)

Naturalidade: S. José de S. Lázaro – Braga

Freguesia onde residia: Maximinos – Braga

Estado Civil: Viúva

Habilitações Literárias: 3ª classe

Profissão: Doméstica

Valor da reforma: 637,61€

Condições de saúde: HTA; dislipidémia, quadro depressivo recorrente, demência senil.

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/ filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Bem, conseguiam mas não era com grande fartura. (...) Não era fartura, era suficiente”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Profissão dos pais. O pai era metalúrgico e a mãe era doméstica.

Religiosidade da família. *“Religiosa. Evangélica. Sempre toda a vida. Já vem dos meus avós (...) segundos avós, terceiros avós. (...) O meu pai ensinava-nos e os pastores daquele tempo, vinham do Porto, para fazer os cultos. (...) E nós íamos todas as semanas, ali ao Campo da Vinha que havia uma Igreja Evangélica”.*

Relação com os pais. *“Bem, graças a Deus. Era trabalhar toda a semana e tínhamos o Domingo para irmos à Igreja. (...) O pai era melhor, era mais meigo, tinha muita paciência. A minha mãe já não era tão paciente como o meu pai era. (...) Sim, castigava, as vezes, castigava (a mãe). Eu levei um estalo na minha vida. Levei uma bofetada na cara, do meu pai, a primeira e única. (...) O meu pai entendia-se muito bem com a minha mãe, sempre se entenderam muito bem e o que ele fizesse estava bem feito. E o que a minha mãe fizesse também estava bem feito”.*

Irmãos. Eram duas meninas, sendo que a irmã é a mais nova. Quando eram novas davam-se bem. Atualmente, a irmã está muito doente e as relações entre ambas não são muito boas, devido ao facto da entrevistada ter criado a filha mais velha da irmã desde pequena. Quando a entrevistada casou esteve dois ou três anos sem ter filhos e pensando que não iria ter filhos, decidiu cuidar da sobrinha *“começou tudo por aí. Ela queria-me tirar a menina. E eu tinha um amor cego à menina. Quando a levei comigo eles consentiram. Mas depois começaram a haver essas desavenças. (...) Eu dizia: leva a menina para onde quiseres, ela é tua filha. Só é pena, ela é que perde. A tua filha é que vai ser a prejudicada”.* A irmã tinha oito filhos e, por isso, não tinha meios para dar à filha as mesmas condições que a entrevistada lhe proporcionava. *“Depois a minha irmã andava sempre em cima de mim por causa da pequena. (...) A pequena fugia para minha casa. E daí para cá nunca mais fomos aquelas irmãs que devíamos ser”.* Atualmente, já com a irmã doente, visitou-a mas a irmã rejeitou-a sempre.

Habilitações literárias. “*Eu não fiz a 4ª classe. (...) Só fiz a 3ª classe. (...) Não fiz a 4ª classe porque o tempo que existia era para ajudar a minha mãe em casa. (...) Os meus pais não tinham hipótese de me ter a estudar*”. Gostava de ter continuado a estudar? “*Eu gostava. Porque eu gostava de ter sido professora*”. Trabalho. “*Trabalhei numa camisaria na rua do Souto (...) estive lá três ou quatro anos*”. Não mantém qualquer amizade daquele tempo.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. “*Boas. Tudo o que eu quisesse. (...) Chegava e sobrava. (...) Tinha empregada para ajudar em casa*”.

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. Casou com vinte e cinco anos. O marido era conhecido da família e quando ficou viúvo, casou com a entrevistada. Tinham uma diferença de idades de trinta e um anos. O marido era contabilista e a entrevistada era doméstica. “*As coisas correram todas bem, graças a Deus e eu fui muito feliz*”.

Relação com o marido. “*O melhor possível. O melhor que podia haver. (...) Aquilo era uma joia. Era uma pessoa excepcional. (...) Tudo o que eu fazia estava bem. (...) Tudo o que eu dissesse, tudo se fazia*”.

Quotidiano. “*Íamos para férias, íamos para fora. (...) Íamos para onde calhava. (...) Fomos à Madeira e não fomos mais longe porque eu não gostava de andar de avião. (...) Depois o meu marido resolveu e comprou o apartamento na Póvoa do Varzim. (...) Íamos todas as semanas, ao fim de semana. (...) Passeávamos (...) íamos ao cinema, íamos ao teatro*”.

Filhos. Durante cerca de dois ou três anos não tiveram filhos biológicos. Cuidaram de uma sobrinha da entrevistada desde que ela era pequena. Foram viver para Guimarães quando nasceu a filha. “*O meu marido disse: a pequena vindo para aqui (...) ela vai ser criada como a nossa filha. O que dás a uma, dás a outra. Portanto, elas são irmãs*”. Passados uns anos voltaram para Braga.

Relação da filha com a mãe. Era uma mãe presente? “*Era. Sempre com ela*”.

Relação da filha com o pai. “*O melhor que podia haver. Então a minha filha comia o pai. E o pai comia a filha*”. As tarefas de cuidado da filha estavam ao encargo da empregada. E quem levava a filha a consultas era a entrevistada e o marido. Quem castigava? “*Era eu. O pai era: Deus me livre pôr o dedo na menina*”.

Valores transmitidos. “*Eu só lhe dizia que queria que ela estudasse. Que ela fosse alguém*”.

Religiosidade da família. “*Evangélica. Liam a bíblia sagrada. (...) Iam connosco (ao culto), não iam sempre, mas de vez em quando iam*”.

Tarefas domésticas. “*Sim, porque eu ensinei-as. (...) Ensinei-as a vida de casa. Quando elas casaram as sogras disseram: sim senhora, ensinou aquelas pequenas como deve ser, elas sabem fazer tudo*”.

Atividades locais. Não participavam.

Valorização de momentos importantes. Nos aniversários “*fazíamos festas, sempre. (...) Fazia-se para pessoas de família. Fazia-se sempre almoços e jantares*”. Vinham familiares e amigos da escola. Quanto ao mérito escolar “*isso ainda era melhor. Porque o pai adorava-as. (...) Dava-lhes um prémio. Dizia: mereceu, mereceu*”.

Casamento da filha. Entretanto a sobrinha casou e foi viver para Cascais, “*vem muitas vezes (...) e telefona*”. Depois casou a filha também. Quanto à relação “*altera sempre um bocado. É diferente. E a minha filha casou com um garoto, infelizmente. (...) Alterou um bocadinho (...) por causa do primeiro marido. (...) Nunca gostei dele*”. A filha divorciou-se do primeiro marido e depois, passados uns anos, casou de novo. Contudo, passados uns anos, o segundo marido faleceu. A entrevistada gostava do segundo marido da filha. Entretanto, a filha começou uma nova relação, que mantém até hoje, mas a mãe não aprovou “*nunca me caiu*”.

Nascimento das netas. Tem três netas, duas do primeiro casamento da filha e outra do segundo casamento. A sobrinha tem um casal. A relação não se alterou com o nascimento das netas.

Relações de amizade. *“Tínhamos alguns amigos. (...) Fazíamos umas festinhas em casa. (...) Íamos para todos os lados, passeávamos muito”.*

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Velhice (após a reforma)

Condições de vida. Entretanto, o marido reformou-se aos setenta anos, embora tenha continuado a prestar serviços de contabilidade a empresas. A partir, sensivelmente, desta altura a entrevistada começou a acompanhar o marido, pois ele já não estava capaz de conduzir. Assim, com quarenta anos tirou a carta de condução e levava o marido para onde ele precisasse. *“Ele trabalhou até aos noventa anos”.* Quanto às condições de vida. *“Diminuiu sempre um bocado. Era muito menos (dinheiro)”.*

Condições de saúde. A entrevistada foi acompanhada por um psiquiatra *“eu andei muito doente do sistema nervoso”.* O marido *“nunca esteve doente. Depois os anos foram passando e a saúde também foi faltando”.* O marido faleceu com cento e dois anos, *“faleceu, pronto, acabou tudo”.* Porque é que acabou tudo? *“Foi o melhor. O melhor que tive na vida, foi o meu marido”.*

Quotidiano. Depois do marido falecer a entrevistada vendeu a casa e foi viver para um apartamento sozinha. No dia a dia saía para fazer umas compras, para ir ao culto, para visitar amigas e tinha uma empregada que ia algumas horas ajudar nas tarefas domésticas. Tinha alguns familiares e amigos que a visitavam e telefonavam. Para ir a consultas ia com a filha. O Natal passava com a família de um tio.

Aconselhamento. *“Muito com o meu primo (...) pastor da Igreja Evangélica. É uma joia de um rapaz. (...) E com a minha filha. (...) Somos amicíssimas”.*

Pessoa importante para si. Não referiu ninguém.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. O falecimento do marido, *“foi o pior que me podia ter acontecido”.*

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda para o Lar. Quem decidiu? *“A minha filha”.* Porquê? *“Porque viu que eu não andava contente. (...) Andava triste. (...) Depois começaram a falar no Lar que era muito bom. Pessoas que conhecem. E eu vim”.*

Concordou com a decisão? *“Ao principio não. (...) Mas depois convenceu-me”.*

Haveria alternativa? A entrevistada diz que caso a filha propusesse ficar a tomar conta dela, ela não queria devido ao facto de não gostar do actual companheiro da filha.

Integração ao Lar. *“Não me adaptei bem”.* Porquê? *“Porque não estava habituada. (...) Mas não tenho nada que dizer. Eu tenho tido tudo que tenho precisado. Eu sou uma pessoa simples, gosto de conviver e gosto de falar muito”.* A filha ajudou na sua integração? *“Sim, ajudou. (...) A minha filha todos os dias vem aí. Se não é todos os dias, é dia sim, dia não”.*

Acontecimento (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pós-Institucionalização

Apoio da filha. A filha visita-a em dias intercalados e o primo, de vez em quando, vem buscá-la ao Domingo para a levar ao culto e passar o dia com ele e respetiva família. Passeiam pelas redondezas do Lar quando a filha a vem visitar. E há um mês foi convidada e aceitou ir ao casamento de uma familiar. Outros apoios da filha. *“A nível de dinheiro para já não. Até ver não”.*

Relações de amizade. Não mantém.

Relação com a filha. “Estou satisfeita. (...) Porque sou bem tratada. (...) É muito boa. É a melhor que há. E com as minhas netas”. Mudaria alguma coisa na relação que mantém com a filha? “Não. A minha filha, para mim, é tudo”.

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? As perguntas não causaram nem tristeza, nem desconforto à entrevistada.

Maria Rita

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 27/09/1954 (57 anos)

Naturalidade: Braga

Freguesia onde reside: S. João do Souto

Estado Civil: Viúva

Habilitações Literárias: Bacharelato

Profissão: professora Ensino secundário

Situação Laboral: Pediu reforma antecipada

Composição do agregado familiar: duas pessoas (entrevistada + companheiro)

Condições de saúde: Depressão

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Eu acho que éramos classe média e, portanto, não nos faltava nada. Tínhamos tudo. Vivíamos numa casa. Tínhamos empregada. (...) Ia sempre uma senhora lá a casa arranjar as unhas à minha mãe. Ia ao cabeleireiro”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Profissão dos pais. A mãe era doméstica e o pai contabilista. Até aos cinco anos viveu com os pais numa aldeia perto de Guimarães (Pedome) e depois foram viver para o centro de Guimarães até ao primeiro ano do liceu. Nessa altura vieram viver para Braga.

Religiosidade da família. A mãe era evangélica e o pai católico, embora o pai se tenha convertido com o casamento. *“Fui batizada numa Igreja Católica. Depois fui para o colégio, em Guimarães, e fascinou aquele ambiente católico, de freiras. Com a minha mãe em casa não se podia falar muito disso, porque era evangélica. Embora nessa altura eu acho que ela não era praticante porque não havia Igreja evangelista perto. Íamos, às vezes, ao Porto ao Mirante, aos Domingos. A minha mãe não permitia que se falasse em Santos. (...) O meu pai era uma pessoa muito aberta. (...) Eu lembro-me de ter falado de fazer a primeira comunhão e a minha mãe reagiu muito mal. (...) Depois houve um dia da mãe em que eu pedi dinheiro ao meu pai para comprar uma lembrança para a minha mãe. (...) E comprei-lhe um quadro pequenino com a nossa senhora e o menino no colo. (...) A minha mãe reagiu muito mal”.*

Pais presentes ou ausentes? A mãe *“era muito presente e ausente ao mesmo tempo. Presente na sua figura, ausente na transmissão de afeto. A minha mãe tinha o mundo dela”.*

Relação com os pais. *“A nossa relação nunca foi muito boa, entre mim e a minha mãe. O afeto era todo dado pelo meu pai. A minha mãe dava muita sapatada (...) Eu tinha muito medo à minha mãe. Muito rigorosa, muito autoritária. (...) Amor mesmo, nunca senti na minha mãe. Era muito severa. (...) Havia uma diferença de trinta e um anos do meu pai e, portanto, ele fazia todas as vontadinhas dela”.* A filha considera que era o “escudo” da mãe, devido à diferença de idades que a mãe tinha do pai,

não era bem visto uma senhora tão nova casar com um senhor trinta e um anos mais velho. A filha servia para que não houvessem comentários. “A minha mãe era um impedimento a eu ser feliz. Porque tudo o que nós fazíamos, eu e a minha prima, (...) a minha mãe reprimia logo, era horrível. Quando fazia alguma coisa, era às escondidas, porque sabia que se ela soubesse era terrível”.

Os pais proporcionaram tudo o que podiam? “Sim, em termos materiais sim. (...) Tive ausência de afeto”.

Valores transmitidos. “Transmitiram aqueles clássicos: honestidade, verdade, ser boa pessoa, praticar a bondade. (...) Transmitiam e praticavam e nós aprendíamos pela prática deles”.

Atividades em conjunto. “Sim, o meu pai gostava muito de sair e fazíamos muitos passeios. Ao fim de semana, na altura da Páscoa. (...) Nas férias fazíamos um mês na praia na Póvoa do Varzim. (...) Um ano o meu pai resolveu mostrar-nos o Algarve (...) Íamos ver espetáculos”.

Momentos importantes. Aniversários: “sim, fazíamos festa ou íamos comemorar fora, a Espanha, por exemplo. (...) Não me lembro de fazer nenhuma festa, para comemorar os meus anos, que fossem os meus amigos”. Mérito escolar: “sobretudo o meu pai. O meu pai ficava sempre muito babado quando tirávamos boas notas. A minha mãe achava, acho eu, que aquilo era uma obrigação, ela queria é que nós passássemos de ano”.

Irmãos. É filha única, embora tenha uma prima, que considera como irmã, pois quando nasceu ela já estava a ser cuidada pelos pais (devido a dificuldades económicas dos pais biológicos). “Mas acho que a minha mãe, embora gostasse muito dela, sempre a tratou não propriamente como filha. (...) O meu pai não fazia distinção. (...) Eu era a menina dos olhos do meu pai, mas nunca discriminou”. Atualmente mantêm uma ótima relação “ela está longe (Lisboa) mas é uma irmã para mim”.

Habilitações Literárias. Fez um bacharelato e começou a trabalhar como Professora do Ensino Secundário. Não prosseguiu os estudos porque entretanto engravidou e casou e depois não conseguiu concluir. Não teve pena de deixar os estudos, porque o que podia aproveitar do curso aproveitou e em termos de profissão não sentiu necessidade.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. “Continuaram medianas. Vivi primeiro com uma pequena mesada do meu pai, (...) até eu começar a trabalhar. (...) Não tinha dinheiro para tudo o que eu queria, mas tinha dinheiro para o que era estritamente necessário”.

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. Casou-se com vinte e dois anos. Estava ansiosa por sair de casa e começou a desenvolver o complexo de “que ia ficar naquele antro, embora adorasse o meu pai, mas a minha mãe, xô, xô, xô. (...) Comecei a namorar (quando entrou para a Universidade), com uma pessoa que a minha mãe detestava. Era um vizinho nosso. (...) Esse meu complexo (...) levou-me a apostar naquele casamento, aquele namoro, na altura. (...) Acabei por engravidar (terceiro ano da Universidade) (...) e depois seguiu-se um casamento, para remendar a situação. (...) Os meus pais fizeram-me o casamento, mas a minha mãe sempre contra. (...) Os meus pais propuseram que eu fosse viver para a Póvoa de Varzim, onde eles tinham o apartamento de Verão (...) depois nasceu a minha filha estava eu na Universidade, no quarto ano”. Entretanto, começou a trabalhar, primeiro na Póvoa de Varzim, depois em Vila Nova de Famalicão, por fim, veio para Braga para um apartamento cedido pelos pais. Entretanto nasceu outra filha.

Posto isto, a relação com a mãe não foi afetada pelo casamento porque a mesma, anteriormente, já não era boa. “Eu agora estava numa nova vida, em que a minha mãe interferia na mesma, porque a minha mãe não gostava deste casamento. (...) Para mim tinha sido uma luz, porque me tinha libertado daquela senhora. (...) Os meus pais

visitavam-nos muito na Póvoa, e eu suportava. (...) Porque sabia que só a tinha que ver quando ela fosse lá. Eu vinha a Braga algumas vezes também. Já havia uma criança e essa criança estimulava a minha mãe também. E, portanto, ela desviava a atenção para a neta e já não me massacrava tanto”.

Entretanto o casamento acabou com um divórcio e os pais deram-lhe todo o apoio, “a minha mãe ficou contente por eu me ter libertado de uma pessoa que ela nunca gostou, mas ao mesmo tempo triste porque na altura um divórcio era horrível. E aí começou a querer exercer sobre mim aquilo que fazia na infância, por ela eu teria ido viver em com eles (...) e estava sob o domínio dela. Coisa que eu não fiz, mantive-me no meu apartamento, com aquela ajuda do meu pai”. Casou-se novamente “e a minha mãe aprovou completamente. Porque era uma pessoa excepcional. Muito educada. Que viu bem logo quem era a minha mãe. (...) Não lhe era difícil a ele ser muito simpático, e ser cavalheiro. Ele era assim (...) e, portanto as atitudes dele para com a minha mãe levaram logo a minha mãe a gostar muito dele”. A relação com a mãe melhorou? “Melhorou porque ele gostava muito de estar com os meus pais. E, portanto os meus pais começaram a ser uma visita habitual lá de casa. (...) O meu marido adorava estar com o meu pai, e obviamente a minha mãe também estava (...) Fizemos férias juntos (com os pais) (...) e chegamos a ir para o Algarve. Tudo rolava muito bem (...) quer dizer a minha mãe não era de confiança, para mim e, portanto, eu punha a minha mãe a entender-se com o meu marido e ele dava-lhe a volta e eu punha-me como observadora”. Esteve casada com o segundo marido durante sete anos, “depois ele teve um acidente brutal, e eu de repente achei-me viúva. (...) Foi fatal para mim. (...) Mas o meu pai ajudou-me muito. (...) Um dia o meu pai chamou-me lá a casa, tinha noventa e um anos, e deu-me muito alento (...) disse-me: filha, se eu pudesse ir buscar o teu marido ao fim do mundo, eu ia, mas isso não é possível. Portanto, tu tens de andar para a frente e tudo o que precisares eu estou aqui para te apoiar. Isso foi um incentivo”. Ficou viúva com trinta e sete anos e com três filhas, a última nascida fruto do último casamento. Entretanto, a filha mais velha tornou-se toxicod dependente e esse facto contribui ainda mais para um afastamento entre mãe e filha, e as outras netas, porque ela (a mãe) ia contra as atitudes tomadas pela filha e restantes netas “nós andávamos para um lado e a minha mãe andava para o outro”. Entretanto refez a vida mas a mãe não aceita o novo companheiro da filha.

Nascimento das filhas. Teve três filhas. “Eu estava no meu mundo e a minha mãe visitava, ia ver a neta e pronto. (...) A mãe era diferente da avó, porque a avó necessitava de ter cuidados com aquela neta (primeira neta). Empenhava-se muito que não faltasse nada à menina”.

Relação com a mãe – opiniões: “A minha mãe era do género, que ainda mantém, de reprovar sempre tudo. Muito pessimista. O meu pai não, era aquela pessoa que se podia dizer, que se podia falar porque raramente ele tecia uma crítica, apoiava. Era mais um homem dotado para apoiar”.

Relação com a mãe – aconselhamento: “Não, não. Nunca pedi conselhos. O meu pai não era preciso pedir conselhos porque eu já sabia o que ele pensava. À minha mãe se eu pedia algum conselho, ele era reprovado sempre, era sempre visto ao contrário daquilo que eu pensava. E, portanto, nunca pedia conselho à minha mãe”.

Relação com a mãe – apoio: “normalmente eu ia com ela ao médico. Quando ela me pedia. Quando não ia com o meu pai eu ia com ela”. A mãe com a doença do pai, que faleceu com cento e dois anos, foi começando a ficar mais dependente da filha, “a minha mãe começou a demonstrar um certo cansaço por cuidar de uma pessoa idosa (...) e já ia dizendo coisas, relativas ao meu pai, que nos (à filha e às netas) magoavam muito. (...) O meu pai deixava cair qualquer coisa e a minha mãe agredia-o verbalmente. Nós ficávamos muito tristes de ela tratar assim o meu pai, porque ele tinha sido um bom homem, uma boa pessoa. (...) Ela se calhar dizia aquilo, coitada, desesperada, com certeza, mas devia ter cuidado”. Depois do pai falecer o apoio prestado à mãe era pouco “achava que ela andava muito bem. (...) Nós estávamos na retaguarda”. Era um apoio “de simplificar a vida dela”.

Porque prestava o apoio? “A nossa educação portuguesa leva a ter obrigações e não conseguimos livrar-nos delas. E, portanto obviamente eu nunca poderia abandonar a minha mãe. Porque a minha consciência não ficaria tranquila. Só que comecei a tratá-la como, imagine, uma enfermeira, ela dizia que era preciso isto e eu fazia-lhe isto. Ela dizia que era preciso pagar não sei o quê e lá ia eu fazer. Agora o melhor da família, das pessoas, que são as emoções e o afeto, e que levaria, numa

mãe diferente, a eu ir buscar a minha mãe, andar com ela, nem que fosse estar sentada ao meu lado em casa a conversar, isso não foi possível, porque ela só perturbava a minha cabeça”.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. O falecimento do pai e do marido.

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda da mãe para o Lar. A neta toxicodependente abandonou o companheiro com quem vivia e mudou-se, juntamente com a filha pequena, para a casa da avó. A entrevistada deixou andar a ver no que ia dar, *“só que a minha mãe todas as semanas me telefonava a dizer que não tinha dinheiro, comida. (...) Com a ida da minha filha lá para casa da minha mãe as coisas não duravam nada. (...) E a pensão da minha mãe também não é assim tão grande. (...) Materialmente não estava a dar”* para sustentar a situação. Entretanto algumas pessoas, telefonaram à entrevistada a dizer que a mãe estava a ser maltratada, *“e realmente, a minha mãe nessa altura parecia amedrontada, mesmo ao telefone parecia completamente amedrontada. (...) Mas ela não queria dizer mal da neta, mas eu notava que ela não estava bem, estava cheia de medo. (...) Foram tantos os telefonemas e a constatação de que a minha mãe não estava bem, que eu resolvi tirar a minha mãe de casa, e pu-la, durante duas ou três semanas, em casa da minha empregada, da senhora que fazia a limpeza na casa da minha mãe. (...) E depois cheguei aqui, graças a Deus”.*

A mãe concordou? *“Ela deixou-se ir. Eu não a obriguei também a nada. A minha mãe começou a vir passar o dia (ao Lar) e à noite ia dormir a casa. (...) As coisas parecem que se encaixaram. (...) Quando foi para ficar cá a dormir ela estava um pouco confusa e cansada, e ficou. Não foi preciso eu estar a forçar. (...) A minha mãe o que queria mesmo é que eu estivesse vinte e quatro horas com ela ao lado, é isso que ela quer desde sempre”.*

Haveria alternativa? *“Não há alternativa para a minha mãe (...) eu já tive a minha vida, não me quero vitimizar, mas a minha vida não foi fácil (...) este desejo de viver longe da minha mãe mantém-se hoje (...) ela não gosta de nada, de nada do que eu gosto. (...) É uma discórdia total, não dá. (...) Só houve duas vezes na minha vida, em que a minha mãe esteve do meu lado (...) em que a minha mãe por horas esteve do meu lado. Mas tanto esteve ali, a mãe que eu desejaria sempre, como se ausentou logo. (...) Não há nadinha, nadinha de comum com a minha mãe”.*

Foi uma decisão difícil para si? *“Não. Eu pensei que fosse. (...) Não, porque eu sei que ela está bem”.*

Alterou a sua rotina diária? *“Mudei. (...) Fiz uma coisa que não sei se me vou arrepender. Que foi, talvez eu vindo cá muitas vezes ela não notasse tanto, e talvez não se acharia sozinha. Ela teve-me mais como filha nestes últimos meses que está no lar do que para trás. (...) Não sei se me vou arrepender, porque estou a mimá-la demasiado. (...) Nestes dois dias não vim cá e ela já foi a mãe desagradável de sempre”* a reclamar a visita.

Pós-Institucionalização

Acompanhamento à mãe. Visita a mãe, pelo menos, em dias intercalados. Leva-a a lanchar, só as duas ou com as netas. Em Junho foram passar o dia à praia *“mas ela estava muito inquieta porque ela quer ir, mas depois de estar lá não está bem”.* Telefonam-se mutuamente.

Reuniões familiares. Não participa. *“No aniversário dela fazemos questão de estarmos com ela, para um lanche. Neste ano até foi um jantar”.*

Motivação do cuidado à mãe. *“Continua sempre a ser por obrigação. É horrível o que lhe vou dizer, mas é assim, se estivesse nas minhas mãos eu há muitos anos que não contactaria com a minha mãe. Mas não pode ser assim. Nunca abandonaria a minha mãe. (...) A minha mãe aqui está bem e, se eu tivesse força eu então retirar-me-ia um bocado. Um bocado, não era totalmente. (...) Porque acho que também tenho direito a descansar”.*

Relação atual com a mãe. *“A relação com a minha mãe aqui no Lar, começou a ser diferente, melhorou, (...) ela está uma coisa fofíssima, amável, afetiva, a mãe que eu gostaria toda a vida de ter. Só com uma diferença, é que completamente dependente de mim, como se eu fosse a mãe e ela a filha. Portanto, aí os papéis teriam que se*

inverter. A mãe que eu gostaria de ter tido sempre surgiu agora aqui no lar. (...) Já valeu a pena o convívio com a minha mãe nestes últimos tempos. (...) todos os anos do passado compensaram, porque eu acho que quando as pessoas são de uma determinada forma mas depois mudam para melhor, nem que seja um mês, ou dois, ou três, acho que já valeu a pena virem cá a este mundo”.

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? *“Gostei (...) são coisas, que uns dias melhor do que outros, mas com as quais consigo conviver”.*

CASO 3

Marcela

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 14/10/1926 (85 anos)

Naturalidade: Ferral – Montalegre

Freguesia onde residia: Braga

Estado Civil: Viúva

Habilitações Literárias: Analfabeta

Profissão: Doméstica

Valor da reforma: 737€

Condições de saúde: Quadro depressivo, dislipidémia, osteoartrose.

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/ filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Eram fracas. Porque era outro tempo. Trabalhar no campo de sol a sol com a enxada na mão. E era o meu trabalho. E juntar as folhas no monte”.* Os pais *“Tinham dificuldade”* em satisfazer as necessidades da família. Quanto à habitação: *“Uma casa antiga. Uma casa de lavradores”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Profissão dos pais. *“O meu pai era marchante (dono de um talho)”. A mãe fazia “a vida de casa e cuidar dos filhos”.*

Religiosidade da família. Iam todas as semanas à missa, ao Domingo, e rezavam todos os dias à noite antes de dormir.

Relação com os pais. A entrevistada respondeu que tanto o pai como a mãe castigavam, *“era tudo igual”.* Quanto a afeto responde *“naquele tempo era o que se podia”.*

Irmãos. *“Éramos nove”,* sendo que a entrevistada era das mais novas. Alguns já faleceram. Os que estão vivos vêm visitá-la de vez em quando. Relação com os irmãos: *“era como calhava”.*

Habilitações literárias. Não andou na escola, mas gostava de ter andado. Nenhum irmão frequentou a escola. Diz que *“naquele tempo era assim, era trabalhar no campo com uma enxada na mão de sol a sol. Era a vida dos lavradores, era essa”.* Gostava de ter andado na escola porque *“gostava de aprender”.* Tinha amigos, mas pouco tempo para brincar devido ao muito trabalho. Atualmente, não mantém contacto com nenhum amigo, diz que *“cada um foi para a sua vida, lá para fora. Emigraram”.*

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. As condições de vida melhoraram porque o marido trabalhava na EDP na Barragem de Vila Nova, *“era electricista”.* Viviam no bairro da EDP numa casa da Companhia. A vida no bairro *“era boa”.* A entrevistada no dia a dia cuidava da casa e dos filhos. Havia escola, todos os filhos estudaram. *“Tínhamos médico, passeios, tudo. Era uma família só”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. Casou-se com vinte anos. O marido tinha mais dois anos (talvez, a entrevistada não tem certeza).

Relação com o marido. *“Havia de tudo. Havia chatices”*. Zangavam-se de vez em quando por causa dos filhos. *“Havia de tudo na vida”*.

Quotidiano. *“Passear não, férias não. Era trabalhar no campo. Antigamente não havia passeios. Íamos de férias para a terra dele, para Fafe”*. Conviviam com os amigos da Barragem, mas apenas no quotidiano. Não se lembra de quanto tempo esteve casada antes de ter o primeiro filho.

Filhos. Teve seis filhos. Cinco meninas e um menino.

Relação com os filhos. Estava com os filhos no dia a dia. *“Eu trabalhava para eles e eles iam para a Escola estudar”*. Diz que brincava com os filhos. Ia buscá-los à Escola e fazia as restantes tarefas relativas aos filhos. Não passeavam, no fim-de-semana trabalhavam no campo, pais e filhos. Quanto a castigos: *“as mães puxam sempre para trás”*. O pai deixava-os fazer o que eles queriam. A entrevistada queria que os filhos fossem: *“pessoas como são agora, que são formados todos”*. Para isso, a entrevistada, a certa altura, foi com os filhos para Braga para que estudassem, visto que em Vila Nova não havia muitas escolas. O marido passava os fins-de-semana com a família. Depois dos filhos acabarem de estudar o casal voltou para Montalegre.

Religiosidade da família. A entrevistada obrigava os filhos a irem à missa e a rezar em casa à noite antes de dormirem.

Tarefas domésticas. *“Às vezes mandava-os lavar a louça, limpar o chão. Como calhava”*. E era igual para todos os irmãos.

Atividades locais. Para além das Festas de Natal, promovidas pela Companhia, não havia atividades que juntassem pais e filhos. Depois as restantes atividades eram dirigidas aos filhos. A família participava sempre nas Festas de Natal.

Valorização de momentos importantes. Nos aniversários fazia *“o que podia. Uma festinha, uma coisa leve. Só para a família”*, os amigos não iam. Quando tiravam boas notas *“era uma alegria. Acarinhava-os mais e dizia-lhes aquilo que era bem”*.

Casamento dos filhos. Não alterou.

Nascimento dos netos. Tem nove netos e quatro bisnetos. Não alterou a relação com os filhos.

Relações de amizade. Não convivia.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Velhice (após a reforma)

Condições de vida. Mantiveram-se iguais.

Condições de saúde. *“Graças a Deus não eram assim coisas por ai além”*. O marido tinha diabetes. A entrevistada vê mal, foi operada mas ficou com a vista sempre a chorar.

Quotidiano. Depois do marido falecer a entrevistada ficou a viver sozinha em Montalegre. *“Trabalhava em casa na vida”*. Passava o dia sozinha, de vez em quando iam as irmãs visitá-la. A filha que morava perto ajudava-a nas tarefas domésticas. Recebia visitas dos filhos que vivem em Braga.

Aconselhamento. Quando tinha que decidir algum assunto importante na vida diz *“falava com eles”* e valorizava a opinião deles.

Pessoa importante para si. Pessoas importantes para a entrevistada eram as irmãs porque *“eram minhas amigas”*. Porquê? *“Porque me faziam tudo. O que era preciso”*.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. A nível negativo *“foi ficar sem o meu marido”*.

Processo de Institucionalização
<p>Motivo da vinda para o Lar. A opção de viver no Lar <i>“Foi dos meus filhos. Porque estava mais perto deles e eles foram-me buscar”</i>.</p> <p>Haveria alternativa? <i>“Não podia, eles trabalhavam e eu ficava sozinha e eu não queria”</i>.</p> <p>Integração ao Lar. <i>“Aceitei bem”</i>. Os filhos: <i>“Ajudaram em tudo. No que podiam. Faziam o que era preciso”</i>.</p> <p>Acontecimento (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>
Pós-Institucionalização
<p>Apoio da filha. Diz que recebe visitas de pessoas amigas e familiares. Diz que todos os filhos vêm visitá-la, com exceção das filhas do Brasil. Não sai para passear porque diz que não pode andar e vê mal. Acrescenta que os filhos não a convidam a passear. Não participa nas reuniões familiares porque os filhos não a convidam, mas diz que também não quer.</p> <p>Relações de amizade. Mantém apenas com as pessoas que a vão visitar ao Lar.</p> <p>Relação com os filhos. Relação com os filhos: <i>“É boa. Em tudo”</i>. Não mudava nada na relação que tem com os filhos. Diz que se dá bem com todos.</p>
Conclusão da Entrevista
<p>O que pensa desta entrevista? Não causaram desconforto nem tristeza.</p>

Francisca

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 30/06/1967 (44 anos)

Naturalidade: Montalegre

Freguesia onde reside: S. José de S. Lázaro

Estado Civil: Casada

Habilitações Literárias: Licenciatura (Professora de Ensino Secundário)

Profissão: Doméstica

Situação Laboral: Doméstica

Composição do agregado familiar: Três (entrevistada + marido + filho)

Condições de saúde: Nada de relevante

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Eu acho que eram normais. O meu pai tinha um bom emprego trabalhava para a EDP, nunca tivemos dificuldades em nada. Eu pelo menos, que sou a filha mais nova, nunca tive dificuldades em absolutamente de nada”.* A EDP promovia várias atividades para os filhos dos funcionários.

Condições de saúde. *“O meu pai. Ainda eu era bem pequena (sete ou oito anos). Teve um problema cardíaco, que eu lembro-me que me perturbou bastante e ele esteve internado, uns tempos, numa clínica aqui em Braga (...) e depois uns anos a seguir, ainda vivíamos na aldeia, andava eu no 8º ano, devia ter treze ou catorze anos e o meu pai teve um problema muito sério no estômago, teve uma perfuração do estômago, uma ulcera que lhe perfurou o estômago e ele esteve mesmo às portas da morte, ele esteve mesmo muito mal”.* De resto a família não teve problemas relevantes de saúde.

Profissão dos pais. O pai era eletricista na EDP e era chefe de turno. A mãe era doméstica.

Religiosidade da família. Católica mas pouco praticante. Os pais não obrigavam a ir à missa, nem a rezar.

Relação com os pais. *“A minha relação com a minha mãe sempre foi um bocado atribulada, agora não, é pacífica. Desde que casei e fui mãe as coisas mudaram completamente. Na minha adolescência era conturbada porque eu era rebelde e a minha mãe é uma pessoa muito dura com os filhos. Não era uma pessoa meiga e afetuosa. O meu pai tinha melhor relação. Era completamente diferente”.* Quanto a castigos: *“não me lembro do meu pai me castigar nem de me levantar a mão sequer”.* Contudo a entrevistada acha que os pais foram, a todos os níveis, mais rigorosos com os irmãos e mais benevolente com ela, talvez por ser a mais nova.

Os pais proporcionaram tudo o que podiam? *“Passaram-me tudo que eu precisei e o que eu quis, sempre tive”.*

Valores transmitidos. Os valores que os pais passaram no processo de educação foram a honestidade, a retidão, e, sobretudo, a ideia de que os filhos deveriam seguir

sempre os seus princípios.

Atividades em conjunto. Quanto a férias “*geralmente eu ia de férias com os meus irmãos, como era a filha mais nova*”. Passeios: “*todos os anos fazíamos um piquenique a Espanha*” que ia a família toda. “*Faziam festas (a EDP), Natal, Páscoa, Carnaval. (...) O meu pai sempre fez questão de me levar a sítios que ele achava que era importante eu conhecer (Batalha, Fátima, Lisboa, Cascais, Sintra, Estoril)*”.

Momentos importantes. Aniversários. “*O meu pai dava mais valor do que a minha mãe. (...) Tentavam fazer uma festa, sempre que possível. (...) A nível escolar dava mais importância o meu pai. O meu pai sempre quis que a gente fosse além do que ele foi. (...) Tinha sempre uma prenda no final do ano*”.

Irmãos. São seis irmãos. Cinco meninas e um menino. A diferença de idades da entrevistada para a irmã mais velha, será de aproximadamente vinte anos. A irmã que tem a seguir a ela tem uma diferença de doze anos. “*A relação com os meus irmãos era esquisita, porque eu fazia uma grande diferença deles. Eu era como um estorvo para os meus irmãos, literalmente. Quando os meus pais lhes disseram que a minha mãe estava grávida, aquilo foi um drama, pelos vistos, lá em casa. Toda a gente a chorar, e que vergonha, que vergonha. Depois aceitaram mas sinto que houve sempre aquela diferença de idades. (...) Os meus irmãos eram muito unidos, e eu nunca tive essa cumplicidade com eles*”. Atualmente, “*agora a relação melhorou, não tem nada a ver*”. A entrevistada dá-se bem com todos os irmãos com exceção do irmão, com o qual se chateou pouco antes do pai falecer. Obviamente, convive mais com as duas irmãs que vivem perto (Montalegre e Braga) do que com as que estão no Brasil, devido à proximidade geográfica.

Habilitações Literárias. Estudou até ao 9º ano no liceu de Montalegre e depois teve que vir residir para Braga com a mãe, para um apartamento que os pais tinham, para continuar os estudos. O pai vinha visitá-las ao fim de semana. Os restantes irmãos também passaram por este processo. Licenciou-se e começou a trabalhar de seguida. Trabalhou durante cinco anos como professora do ensino secundário.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. A doença do pai.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. “*Continuavam bem. É claro que não tinha a vida que tenho agora. Mas não tinha grandes dificuldades também*”.

Condições de saúde. O filho nasceu surdo profundo. A doença do pai que o levou ao falecimento.

Casamento. Casou-se com vinte e oito anos. Quando casou vivia durante a semana com os pais, porque trabalhava em Montalegre, e ao fim de semana vinha para Braga ter com o marido. Relação com os pais? “*Mudou. Comecei a compreendê-los melhor, porque entretanto fui mãe também. E a minha mãe sempre me disse: quando tu fores mãe é que tu vais ver como é que é. E realmente é verdade. (...) Dizia-me muitas vezes que desde que nós somos mães a nossa filosofia de vida muda completamente*”. A relação com a mãe melhorou muito e com o pai manteve-se “*excelente, mais cumplicidade ainda*”. Relação do novo casal com os pais. “*Não havia conflitos. Até porque é assim: a minha mãe é uma pessoa muito difícil. E se lhe dermos asas ela ocupava espaço. Eu de antemão sabia isso e mantive as minhas barreiras. (...) Porque senão era muito provável que houvesse problemas. (...) Pelo que eu vi dos meus irmãos ela quando podia, dava o palpite e metia-se*”.

Nascimento do filho. Teve um filho, um ano após casar. O nascimento do filho “*alterou para melhor*” a relação que tinha com os pais. Porquê? “*Os outros netos já estavam crescidos, e ele era bebé, havia muita atenção. E depois alterou porque o meu filho nasceu com um problema de auditivo, nasceu surdo profundo. E então isso ainda uniu mais os meus pais comigo*”. Os pais apoiaram-na nessa fase difícil? “*Sempre, sempre. (...) O meu filho adorava o meu pai*”. Depois do filho nascer, a entrevistada deixou de trabalhar para cuidar do filho.

Relação com a mãe – opiniões: “*Concordávamos em bastantes coisas. Não concordávamos em tudo, tudo, claro que não. Mas concordávamos em muita coisa*”.

Relação com a mãe – aconselhamento: *“eu sempre fui muito dona do meu nariz. Se tomei as decisões boas ou erradas, a minha o devo. (...) Nesse aspeto houve sempre um certo distanciamento”*.

Relação com a mãe – apoio: *“eu ia bastantes vezes a Montalegre e eles vinham cá também muitas vezes. (...) Emocional, físico tudo o que eles precisassem. Dentro das minhas possibilidades tudo o que precisassem”*. Causava-lhe transtorno? *“Algum. Porque o meu pai ficou muito dependente. E muitas vezes eu tinha que deixar o meu marido e o meu filho para ir ajudar o meu pai”*. Quando o pai ficou doente, eles saíram de Montalegre e estiveram seis meses na casa do filho em Braga, onde contrataram uma empregada exclusivamente para tratar do pai. E as duas filhas, que também residem em Braga, todos os dias iam lá, uma das filhas de manhã e a outra de tarde. Depois o filho *“não os quis mais em casa. Pegou neles e foi pô-los à minha irmã. (...) Disse: o pai e a mãe são impossíveis, principalmente a mãe, e eu não estou para enterrar a minha mulher primeiro que os meus pais”*. Entretanto, encontraram uma senhora que tomava conta dos dois (família de acolhimento) e o pai acabou por falecer lá. A mãe continuou lá até ser integrada no Lar.

Porque prestava o apoio? *“Porque são meus pais”*.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. O falecimento do pai e a doença do filho.

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda da mãe para o Lar. *“As pessoas têm uma ideia errada dos lares. Porque eu acho que os idosos chegam a uma fase da vida deles, em que o melhor para eles é estarem mesmo num sítio, onde tenham companhia, onde possam conviver, onde tenham tratamento vinte e quatro horas por dia e com pessoas que saibam lidar com eles. E por muito que as pessoas pensem que ter uma empregada em casa é muito bom e que vai funcionar, não funciona. Porque eu tentei e não funcionou. (...) Pôr em casa de pessoas a tomar conta, também não. Funciona até um certo ponto mas depois aquilo começa a descambar, e se uma pessoa não está atenta passa-se por situações complicadas. (...) A minha mãe não podia estar sozinha, não podia estar em Montalegre sozinha, não havia ninguém para tomar conta dela lá”*.

A mãe concordou? *“Não concordou, mas a fase em que ela foi institucionalizada também facilitou as coisas. Porque ela estava (...) acamada, porque tinha dado uma queda, tinha fratura a bacia. E logo a seguir teve que ser operada à cabeça por causa da queda (...) Portanto, não houve tanta confusão e tanta revolta”*.

Haveria alternativa? *“Eu não posso deixar a minha família, nem as minhas irmãs. (...) Tê-la a viver connosco é muito difícil, porque ela é uma pessoa muito difícil e era capaz de dar cabo de um casamento”*.

Foi uma decisão difícil para si? *“Não, para mim não foi nada difícil. Para mim (...) foi um peso que me tiraram de cima”*.

Alterou a sua rotina diária? *“Sim. Mudou um bocadinho. Também não mudou muito porque como sabe eu não trabalho. Por isso, posso encaixar a minha vida com a da minha mãe. Os horários do meu filho encaixam perfeitamente com os horários de visita aqui”*.

Pós-Institucionalização

Acompanhamento à mãe. *“Telefonei-lhe logo de manhã, às nove horas para ver se está tudo bem. Depois entre as três e as três e meia venho vê-la, estou sempre aqui até às quatro e meia. (...) Depois ao fim de semana não venho cá, vêm as minhas irmãs, mas telefonei-lhe de manhã e à noite. (...) Gerimos de maneira a que ela tenha sempre uma filha, mesmo nas férias”*. Porquê? *“Porque nos sentimos melhor assim”*. Leva-a a passear? *“Eu queria, ela é que não quer. (...) Porque diz que não vê, que não anda bem e que tem medo de cair”*. As únicas vezes em que a mãe sai são: *“Para ir ao médico, depois engano-a que temos que ir aqui ou que temos que ir acolá, para ela sair. Para ir ao cabeleireiro”*.

Reuniões familiares. *“Agora menos, agora não. Porque reconheço que lhe custa um bocado. O barulho mete-lhe confusão e já não tem paciência para um certo número*

de coisas”.

Motivação do cuidado à mãe. *“Porque é minha mãe e porque eu sou assim. (...) É porque eu quero e se não fizer não me sinto bem”.*

Relação atual com a mãe. *“Está bem. Agora ela não faz nada sem mim. Para qualquer coisa ela não faz nada sem eu dizer, faz, não faz”.*

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? *“Gostei”.* As perguntas causaram-lhe *“tristeza e saudade”.*

CASO 4

Rosalina

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 02/02/1928 (83 anos)

Naturalidade: Rio Tinto – Gondomar

Freguesia onde residia: Campanha – Porto

Estado Civil: Viúva

Habilitações Literárias: Analfabeta

Profissão: Brunideira

Valor da reforma: 656,52€

Condições de saúde: Demência de Alzheimer; HTA

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/ filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“A minha mãe tinha uma ilha de casas no Porto. Era uma casa de lavoura e aos poucos o meu falecido pai e um irmão, que também já morreu, é que arranjaram aquilo tudo. A casa era de um irmão da minha mãe que morreu e a minha mãe tomou conta dele e depois entregaram-lhe a casa. Eram lavradores mas o gado morria todo. A minha mãe tinha muitos filhos e lutava com muita dificuldade. (...) Agora há de tudo e quando éramos pequenos era só feijão moleiro e couves do quintal. E depois a minha mãe acendia o fogão com carvão e depois fazia aquela panela muito grande”.*

Condições de saúde. *“Pelos vistos quando eu era pequena tive qualquer doença, que tenho aqui no rabiote umas costuras, e a minha mãe diz que eu estive a morrer. Não sei o que era”. A entrevistada conta que o pai, certo dia em que vinha de trabalhar, “calcou qualquer coisa que não era bom. E depois berrava de noite e de dia. A minha mãe chamou o médico a casa. E queriam levar o meu pai para o hospital”. A mãe respondeu que não queria que o marido saísse de casa e que “eu não tenho dinheiro, mas posso pedir emprestado e depois dou-lhe”. Mas a mãe da entrevistada não tinha possibilidade de pagar os juros e esteve na iminência de perder a casa, mas um genro endinheirado que morava em Lisboa, foi ao Porto e pagou tudo. Quando o pai ficou mais velho virava-se para a mãe da entrevistada e dizia “oh Maria, eu não sei que tenho, que parece que me falta o ar” (talvez alguma doença por inalação do carvão). Uma irmã também esteve muito doente dos intestinos. Mas morreram também muitos irmãos, mas a entrevistada diz “não sei quantos eram, era chavalita pequena”. Tinha também uma irmã deficiente.*

Profissão dos pais. *“O meu falecido pai trabalhava no Monte Aventino, naquelas cestas que andam com carvão. O carvão vinha para esse sítio e depois vendiam”. O carvão vinha das Minas de S. Pedro da Cova através de um teleférico. “A minha mãe fazia a vida de casa”.*

Religiosidade da família. Os pais não obrigavam a ir à missa nem a rezar. *“Eles não iam à missa mas também não faziam asneiras”.*

Relação com os pais. *“Eu dava-me bem” com os pais. “O meu pai era um santo homem, era uma boa pessoa. Porque era muito amigo dos filhos, não ralhava nem nada”. E quem ralhava mais? “Ralhava mais a mãe. Eu um dia lembro-me de bater nessa minha irmã que era doente e a mãe deu-me uma coça”.*

Irmãos. “Éramos nove, fora os que morreram em pequenos”, sendo que a entrevistada era a segunda mais nova. “Com os meus irmãos dava-me bem. Não nos dávamos mal mas às vezes pegávamo-nos à porrada uns com os outros”. Atualmente, tem apenas uma irmã viva, embora pense que tem duas, mas uma já morreu e os filhos optaram por não lhe dizer, continuam a dizer-lhe que está muito doente. A irmã que está viva vê-a algumas vezes quando vai ao Porto.

Habilidades literárias. “Não fui à Escola. Eu fui a uma escola particular, assim uma senhora que ensinava, mas não gostava de aprender, não me apetecia ir”. “Eu também não tinha assim muito gosto de aprender. Eu não quis ir mais. (...) Eu era assim mais burra, e então fui servir”, com cerca de doze anos para uma casa particular, tinha como tarefas: “acendia o fogão, punha as panelas ao lume, ia a recados, e limpava a casa e esfregava”. Depois daí casou e foi trabalhar para uma fábrica de malhas, como brunideira. Não mantém amizades desse tempo.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. Quando casou foi viver para a ilha, mas a certa altura a Câmara mandou deitar todas as casas a baixo e realojou-os num bairro camarário. A mãe nessa altura disse: “eu vou viver para aquelas ilhas ao alto”. Nessa altura o pai já tinha falecido. Quanto a satisfação de necessidades básicas: “Tinha pouco dinheiro para cozinhar. A minha mãe também me dava coisas”. O marido trabalhava na construção civil e, por causa dos diabetes passava algum tempo em casa, porque tinha tonturas e os patrões tinham medo que ele caísse. A entrevistada para ganhar mais dinheiro nos tempos livres começou a vender plantas na rua.

Condições de saúde. O marido tinha diabetes.

Casamento. Não se lembra com que idade casou. O marido era mais velho dois anos. A entrevistada conheceu o marido através das sobrinhas dele, porque eram suas amigas.

Relação com o marido. “Dávamo-nos bem, o que eu era muito ciumenta. (...) Ele aparecia às tantas, e eu tinha muitos ciúmes e fazia-lhe a vida negra. (...) Chorava e tudo. (...) Uma vez estava a dar a ferro em casa e ele mandou-me ir abrir a cama, e eu não fui, e ele deu-me uma chapada na cara.”

Quotidiano. “Eu não gostava muito de ir passear, gostava de ir comer fora”, mas só iam às vezes porque o dinheiro não chegava. Não se lembra quanto tempo esteve casada sem ter filhos.

Filhos. Teve dois filhos.

Relação com os filhos. “Eu já andava a trabalhar e a minha mãe é que tomava conta deles”, a entrevistada só os via à noite quando vinha do trabalho. O marido ralhava quando era preciso, e os filhos para a Escola “iam à balda. (...) O filho fez a quarta classe, e a filha. E eu não tinha possibilidades de os pôr a estudar e foram trabalhar. (...) Eu queria pô-la (filha) a aprender a costura” numa prima. Mas a filha não quis ir e acabou por ir trabalhar na mesma fábrica da entrevistada, primeiro nas férias e depois definitivamente. “E depois eu comprei-lhe uma volta (de ouro) com o dinheiro que ela ia ganhando nas férias. (...) Ela depois ficou lá, cresceu, e então aprendeu a maquinista”. Passeavam? “Íamos às Fontainhas no S. João cada um com o seu às costas”.

Religiosidade da família. Os filhos iam para a catequese, embora o filho fosse malandroco e em vez de ir para a Igreja ia para o estádio do Dragão. Ambos fizeram a primeira comunhão.

Tarefas domésticas. “Quem fazia era a filha”.

Atividades locais. Não participavam.

Valorização de momentos importantes. “Festa de anos não fazíamos”.

<p>Casamento da filha. A filha quando casou morava perto. A entrevistada diz que não mudou nada na relação com os filhos. Quando o filho casou disse à entrevistada: <i>“Oh mãe, deixe-me ficar a viver a sua casa”</i>. A entrevistada respondeu-lhe que não se importava, mas disse-lhe que se davam melhor as sogras com os genros do que com as noras. Assim, o filho foi morar para os sogros.</p> <p>Nascimento das netas. Tem três netos e uma bisneta. Cuidou da neta até ela ir para o Infantário.</p> <p>Relações de amizade. <i>“Se quisesse sair havia amigas. Agora algumas estão doentes, algumas já morreram”</i>.</p> <p>Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>
<p>Pré-Institucionalização: Velhice (após a reforma)</p>
<p>Condições de vida. O marido entretanto faleceu, já depois de a entrevistada ter a reforma.</p> <p>Condições de saúde. <i>“Tinha problemas da cabeça, dos nervos”</i> e uma senhora que era enfermeira pediu ao médico para reformar a entrevistada. O médico um dia disse-lhe <i>“Se a senhora não melhorar eu espeto consigo no Conde Ferreira”</i>.</p> <p>Quotidiano. Vivia sozinha depois do marido falecer. Depois do sucedido, durante uns tempos, comia na casa da filha, mas a filha a certa altura disse que a mãe tinha que se habituar a estar na casa dela. Frequentava um Centro de Dia. Tiveram um professor de ginástica e outras atividades. Faziam muitos passeios, <i>“a camioneta era de graça, tínhamos que pagar o que comíamos”</i>. A entrevistada no Centro de Dia punha as mesas para as várias refeições, lavava a louça e fazia trabalhos para oferecer. Quanto às tarefas de casa <i>“eu ia fazendo”</i>. Reuniões familiares: <i>“Eu gostava de ver lá os filhos, todos à minha volta, e os netos. A minha filha dava as coisas e depois eu tinha uma mesa grande, abria, punha uma toalha e depois comíamos. Fazia farrapo velho no Natal, cozia as batatas e o bacalhau, íamos comer todos na minha casa”</i>. Quanto a visitas os filhos viviam perto e, por isso, viam-se com frequência.</p> <p>Aconselhamento. <i>“Ai, eu não contava nada, fazia e desfazia”</i>.</p> <p>Pessoa importante para si. Não respondeu.</p> <p>Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>
<p>Processo de Institucionalização</p>
<p>Motivo da vinda para o Lar. <i>“Porque o meu neto veio para Braga, tem uma casa dele. E então a minha filha também. E foi aí que ela veio pedir para eu vir para aqui”</i>.</p> <p>Haveria alternativa? <i>“Eu acho que não”</i>. Porquê? <i>“Porque a minha filha entendeu que eu estava melhor aqui”</i>.</p> <p>Integração ao Lar. <i>“Eu gosto de estar aqui”</i>. A adaptação correu bem? <i>“Sim”</i>.</p> <p>Acontecimento (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>
<p>Pós-Institucionalização</p>
<p>Apoio da filha. Os familiares (cunhada, irmã), filhos e netos vêm visitá-la quando podem. Às vezes vai passar o Domingo com os filhos e netos. A filha sai com a entrevistada para ir com ela à cabeleireira, ou lanchar, mas a entrevistada diz <i>“parece que ainda gosto de comer aqui (no Lar) mais as minhas sopas”</i>. No aniversário da entrevistada a família costuma levar um bolo para o Lar e reúnem-se lá para festejar. Há cerca de um ano foi ao casamento do neto.</p> <p>Relações de amizade. Às vezes vêm alguns amigos visitá-la. Vieram um dia os colegas do Centro de Dia.</p> <p>Relação com a filha. <i>“Agora sou sincera, tenho uns filhos que são um espetáculo. Tanto a minha filha como o meu filho são muito meus amigos. (...) Agora a filha é que</i></p>

tomou conta de tudo. A filha é que paga os medicamentos, é que paga aqui (o Lar). A filha é que tomou conta de tudo, eu não tenho nada a ver com isso”.

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? A entrevistada gostou de responder às questões e não lhe causaram nenhum desconforto.

Lúcia

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Gênero: Feminino

Data de nascimento: 03/12//1952 (59 anos)

Naturalidade: Cedofeita – Porto

Freguesia onde reside: Campanha – Porto

Estado Civil: Casada

Habilitações Literárias: 4ª classe

Profissão: Doméstica

Situação Laboral: Doméstica

Composição do agregado familiar: Duas pessoas (entrevistada + marido)

Condições de saúde: Depressão

Questões sobre as relações familiares e sociais entre mãe/filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Razoáveis. Dentro das possibilidades dos meus pais, que eram pessoas pobres. Mas nunca fui descalça para a escola, levei sempre lanche. Fartura não, mas nunca tivemos necessidade. A minha mãe tudo que podia, era no Natal, era na Páscoa tinha sempre uma roupinha nova, um brinquedo que tínhamos sempre. Também fui sempre uma pessoa assim cuidadosa com as coisas. (...) Tive uma infância razoável. (...) Dentro das possibilidades dos meus pais nunca nos faltou nada”.*

Condições de saúde. Quando o pai tinha quarenta anos foi-lhe diagnosticado diabetes e como ele não se cuidava muito, comia mal, fumava muito, com o passar dos anos começou a ficar debilitado e sem capacidade para trabalhar. Reformou-se e, nessa altura, a mãe é que teve de fazer face às despesas da casa e da família. A entrevistada diz que a família toda ajudou e nunca faltou nada nesses momentos mais difíceis. A mãe *“foi sempre uma pessoa muito direita, de ganhar dinheiro e ter as coisas dela. Teve sempre muito gosto na casa e nos filhos”.* A entrevistada com cinco anos esteve doente com lombrigas, mas foi medicada e ficou boa. O irmão teve uma sombra no pulmão, mas também foi tratado.

Profissão dos pais. A mãe era brunideira de malhas e para ajudar um bocadinho mais às contas da casa *“eu e ela íamos para a casa dos patrões fazer limpeza à casa. Ela lavava roupa. E tudo para angariarmos dinheiro para comprarmos o enxoval e assim coisas que a minha mãe gostava. E havia poucas possibilidades e eu então ajudava”.* Quanto à profissão do pai *“trabalhava numa fábrica de tecidos”* mas começou na construção civil e depois foi para uma casa de anúncios.

Religiosidade da família. *“A minha mãe não era, mas eu fui sempre muito religiosa. (...) Quando éramos pequenos íamos para a catequese. (...) Nunca fomos obrigados, íamos de boa vontade”.*

Relação com os pais. *“Muito severo o meu pai. (...) Só o olhar dele. (...) A mãe não era aquela mãe como hoje eu vejo, mas era uma boa mãe. (...) Não havia tempo para*

isso (para carinhos). Eu não me lembro assim de muitas (...) criquices. Lembro de ir com o meu pai e a minha mãe ao S. João (...) e o meu pai ir comigo às cavalitas. (...) Qualquer coisa sem importância nenhuma, o meu pai era muito severo”.

Os pais proporcionaram tudo o que podiam? “Sim, fizeram tudo o que puderam. Disso não me posso queixar, nem eu nem o meu irmão. (...) Deram-nos um casamento, dentro das possibilidades deles, uns casamentos bonitos, tanto a um como a outro. Deram-nos um bom enxoval. (...) A minha mãe viveu o meu casamento, sei lá, como se fosse o casamento dela”.

Valores transmitidos. “Que a gente fossemos pessoas dignas, que respeitasse as pessoas (...) foram sempre pessoas que nos ensinaram a ser atenciosos, carinhosos para as outras pessoas. (...) Sermos sempre muito unidos. (...) A gente não sentia falta de nada, porque tinha muito, muito amor, muito carinho uns pelos outros”.

Atividades em conjunto. A entrevistada e o irmão nunca foram de se associar a um grupo. Passeio com os pais não faziam muito, mas tinham um tio, que já faleceu, que passeava com alguns sobrinhos, levava-os a ver os barcos no Douro, a Braga ao Bom Jesus. “Os meus pais, não saíam muito”.

Momentos importantes. Aniversários. “Não éramos muito de festejar. (...) Às vezes fazíamos, sei lá, um chá e bolachas mas era muito raro. (...) Lembravam-se e davam os parabéns. Prendas não me lembro assim muito de darem, no Natal sim. Nos aniversários não tenho grandes recordações”. Mérito escolar. “Não, nada”.

Irmãos. São dois irmãos. A entrevistada é mais velha cinco anos que o irmão. Quanto à relação de ambos “era muito boa mesmo. Porque eu protegia muito o meu irmão. Era a protetora”. Ele ia para a Escola e a entrevistada dizia a um colega do irmão, que tinha dificuldades “toma conta do meu irmão, que eu tiro um bocadinho de bacalhau à minha mãe para te dar”. Atualmente, a relação mantém-se muito boa.

Habilitações Literárias. Andou até à quarta classe e depois abandonou os estudos para ir trabalhar pois havia muitas dificuldades naquele tempo. “Os meus pais não tinham possibilidades”. Começou por ajudar a mãe a fazer limpeza na casa dos patrões, depois nas férias foi para a fábrica onde a mãe trabalhava, alinhar obra e depois foi para outra empresa trabalhar como maquinista de malhas exteriores, onde ficou até casar. Não sentiu pena de ter abandonado os estudos porque, entretanto, arranjou logo emprego e gostava do que fazia.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. A morte do avô quando a entrevistada tinha cinco anos.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. Normais.

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. A entrevistada casou com vinte anos, ou seja, há trinta e nove anos. Ficou a viver junto aos pais. “Íamos comer todos os dias com eles. A minha mãe sentiu um bocadinho (a saída de casa da entrevistada)”. O pai faleceu há cerca de dezassete anos, tinha setenta e dois anos. Relação com o novo casal: “muito boa. O meu pai era como se fosse pai dele (do marido). Davam-se muito bem. Sempre uma relação muito boa, muito boa”. Quando casou deixou de trabalhar porque o dinheiro que ganhava era pouco, por isso, compensava mais que ficasse em casa a cuidar da família.

Nascimento do filho. Teve um filho. A relação com os pais não se alterou com este nascimento “nada. Muito boa sempre. (...) O meu pai ia com ele no comboio, levava-o muitas vezes à baixa. (...) A minha mãe brincava muito com ele, chamava-lhe “vó brinca”. Muito boa, foi sempre. Ainda hoje é”.

Relação com a mãe – opiniões: Nunca tiveram conflitos de opiniões, a entrevistada até refere que “talvez devia ser um bocadinho mais independente” porque o marido queixava-se dessa dependência em relação à mãe. “Optava muito por aquilo que a minha mãe também dizia”.

Relação com a mãe – aconselhamento: “Sim, sim”.

Relação com a mãe – apoio: A mãe “foi sempre uma pessoa forte, muito alegre. Gosta muito de festas. Gostava muito de ir aos bailes. Gostava muito de ir no Carnaval e na Passagem de Ano. (...) Foi sempre uma pessoa muito divertida, gostava muito de fazer piqueniques. (...) Fazíamos muitos convívios, com família e não família. (...) Muitos, para muitos lados. (...) Íamos num mini cinco pessoas”. Quanto a Natal, por exemplo, passou-o sempre com os pais e, desde que o pai faleceu, continuou a passá-lo com a mãe. Entretanto, a mãe ficou viúva com cerca de sessenta e nove anos. Passeava muito, e chegava tarde a casa, porque se distraía nas horas, e a entrevistada ficava preocupada. Até que sugeriu à mãe que se inscrevesse como associada do centro de dia de Campanhã. “Ela começou a gostar. Que cheirava muito bem. (...) Depois começaram a ir para a praia. (...) Onde a minha mãe esteve dez anos. Ela foi ativa (...) e gostava muito de ajudar”. Nessa altura a mãe não precisava de grande apoio, ao fim-de-semana fazia as refeições com a família e durante a semana entretinha-se no centro de convívio. Entretanto, a entrevistada foi morar para junto do filho em Braga e a mãe ia todos os Domingos de comboio ter com ela. O tempo foi passando até que a mãe “começou a não saber o que fazer. Não saber se ali era a sanita ou era o bidé. Não comer. (...) Não queria ir para o Centro de Dia, porque não queria que a vissem assim. (...) Eu levava-a e passada, nem meia hora, telefonavam-me a dizer que ela queria ir embora. (...) E depois implicava com as coisas. (...) Foram dois meses horríveis (a entrevistada durante estes meses foi viver para o Porto, junto com a mãe). (...) Ela estava sempre com a cabeça tapada a olhar para o chão. (...) A situação dela era muito complicada. Eu nunca pensei que a minha mãe chegasse assim”. Foram a um psiquiatra que os encaminhou para um neurologia, que disse “isto agora não há nada a fazer”, diagnosticando-lhe a Demência de Alzheimer. Causava-lhe transtorno? “Muito mesmo. Emagreci sete quilos nesse tempo que estive lá. (...) Comecei a tomar anti-depressivos. (...) O meu marido não compreendia, não entendia, nada”.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda da mãe para o Lar. Devido à demência de Alzheimer e suas consequências, que não permitiam que continuasse a viver sozinha.

A mãe concordou? “Quando a minha mãe veio aqui para o lar, a minha mãe arrebitou um bocadinho. (...) Nunca protestou por estar aqui, nunca chorou”.

Foi uma decisão difícil para si? “Fui muito criticada. Família que me virou a cara (...) foi assim uma decisão que, fui quase, eu sozinha que a tive de tomar. O meu filho é que me apoiou mais, que andou aqui em Braga à procura. (...) Eu só tenho que dizer bem daqui, a minha mãe melhorou muito e é como o meu irmão disse: foi a cozinha melhor, foi a gente metê-la aqui. (...) Isto é muito melhor que o totoloto. (...) Está melhor a minha mãe aqui do que estava comigo, porque a minha mãe tem outro apoio aqui que eu não lhe podia dar. (...) Aquilo que ela esteve, agora está muito bem”.

Alterou a sua rotina diária? Na altura em que a mãe foi integrada no Lar a entrevistada residia em Braga e visitava com mais regularidade. Levava-a a todos os fins-de-semana.

Pós-Institucionalização

Acompanhamento à mãe. A entrevistada voltou a residir no Porto e, por isso, visita a mãe uma vez por semana. Leva-a, sempre que pode, nos fins-de-semana. Entretanto, está à procura de casa em Braga para ficar perto do filho e da mãe e quando conseguir poderá levá-la todos os fins-de-semana. Quando vai visitar a mãe dão um passeio pelas redondezas, vão às compras, ao cabeleireiro.

Reuniões familiares. No ano passado foi ao casamento do neto e no Natal, Ano Novo e Páscoa vai ser sempre a casa da filha. A filha compra um bolo para festejar os anos da mãe no Lar e depois no fim-de-semana a seguir festejam com a família toda junta.

Motivação do cuidado à mãe. “Ai Deus me livre. (...) Então ela fez tanto por nós, e a gente não havia de fazer por ela. Eu até devia fazer mais, tomar conta dela (em

casa). (...) Afetividade, amor, carinho. (...) Não é uma obrigação. Acho que é uma grande humanidade que a gente tem que fazer”.

Relação atual com a mãe. *“Manteve-se sempre boa. A gente era a mesma coisa. Não piorou, nem melhorou”.*

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? *“Fiquei um bocadinho emocionada por algumas coisas que recordei. (...) Não incomodou. Foi muito bom recordar muitas coisas”.*

CASO 5

Augusto

Caracterização do Entrevistado (características sócio-demográficas e de saúde)

Gênero: Masculino

Data de nascimento: 12/03/1930 (81 anos)

Naturalidade: Vila Pouca de Aguiar – Vila Real

Freguesia onde residia: Amares – Braga

Estado Civil: Viúvo

Habilitações Literárias: 3ª classe

Profissão: Operário da construção civil; agricultor; comerciante

Valor da reforma: 398,95€

Condições de saúde: HTA, demência senil

Questões sobre as relações familiares e sociais entre pai/ filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“A casa era de pedra e madeira. (...) Quando partia as telhas algumas vezes chovia (...) graças a Deus nunca passei fome. (...) Graças a Deus nunca me faltou nada em casa”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Profissão dos pais. *“O meu pai nunca o vi. (...) Não o conhecia. (...) Foi para o Rio de Janeiro e para lá esteve. Só conheci o meu pai já quando tinha vinte anos”.* Quando nasceu, vivia com a mãe e o irmão e o pai mandava dinheiro para a mãe. O pai era comerciante de legumes no Mercado Municipal do Rio de Janeiro. A mãe trabalhava na agricultura e era doméstica. Tinha os avós que os apoiavam.

Religiosidade da família. *“Católica. Praticávamos na missa, na doutrina, andava na cruzada. (...) Rezávamos à noite antes de dormir”.*

Relação com os pais. *“Era boa mãe”. Porquê? “Porque nos educava bem”.*

Irmãos. Eram dois rapazes sendo que o entrevistado era mais velho, dois anos. O irmão já faleceu.

Habilitações literárias. Estudou até aos doze anos, não fez a 4ª classe *“porque fui para fazer e fiquei mal. (...) Lá os professores eram beras, diziam que eu fazia muito erros e não sei quê, e reprovaram-me”.* Se gostava de ter continuado a estudar: *“estava morto por deixar a escola”.* Depois foi trabalhar na agricultura para ajudar a mãe, nas terras da família. Passados uns anos emigrou para o Rio de Janeiro, Angola, Alemanha e Estados Unidos, porque diz que lá se ganhava mais. Trabalhou no Mercado Municipal com o pai e nos outros países trabalhou na construção civil. Tinha amigos mas *“agora maior parte deles já não existe”.*

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. Andou emigrado e a esposa ficava em Portugal. Ao nível de condições de vida diz que esteve sempre bem. Quando regressou definitivamente ocupou-se da lavoura e do comércio que tinha, de mercearia e vinhos.

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. Casou com uma prima. Tinha vinte e dois anos e a esposa era mais nova quatro anos.

Relação com a esposa. Quanto à relação com a esposa diz que se davam bem: *“então não dávamos. Ela é que mandava. Ela é que punha e dispunha. Eu trabalhava e o dinheiro que arranjava, ela é que ficava com isso tudo”*.

Quotidiano. Quanto a férias não havia: *“trabalhava em casa noite e dia”*. Logo depois de casar começou a ter filhos.

Filhos. Teve cinco filhos, quatro meninos e uma menina, sendo que a menina era a mais nova. A filha vive em Braga e os quatro filhos estão nos EUA.

Relação com os filhos. *“Era boa”*. Quanto a castigar *“quando eles eram garotos davam-se dois açoites naquele rabo. (...) Ela (a esposa) nunca lhes batia, eu batia. Quando eles faziam asneiras tinha-se que cortar, dar educação”*. A filha não era castigada: *“A menina era pequenina, coitadinha”*. *“Eu nunca dei mimo aos filhos. Nada”*. Porquê? *“Porque não era bom dar-lhe. Dava-lhes a comida e tudo. Quando faziam maroteiras dava-lhes no rabo”*.

Valores transmitidos. *“Ensinei-os para o bem, a não fazerem maroteiras, e para aprenderem. (...) Estudaram até à quarta classe e só não estudaram mais porque não quiseram. Só a minha filha é que se formou professora”*. Os quatro filhos quando deixaram de estudar foram trabalhar para ajudar os pais.

Religiosidade da família. *“Eram sim senhor. Lá isso. Confessavam-se, iam à Igreja todos os Domingos à missa”*.

Tarefas domésticas. *“Nas horas vagas trabalhavam também no campo”*.

Atividades locais. Não participavam.

Valorização de momentos importantes. Quando os filhos faziam anos faziam um jantar melhor para a família. Quando os filhos tiravam boas notas o entrevistado elogiava-os.

Casamento da filha. Respondeu que não se lembra. Diz que a filha ia de vez em quando a Vila Pouca de Aguiar. Os outros filhos estão nos Estados Unidos da América.

Nascimento dos netos. Respondeu que não se lembra.

Relações de amizade. *“Tinha, rapazes do meu tempo”*. O que faziam? *“Encontrávamo-nos durante o dia e aos Domingos juntávamo-nos. Íamos para os copos. Para aqueles tascos”*.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Velhice (após a reforma)

Condições de vida. *“Tudo igual”*.

Condições de saúde. Nada de relevante.

Quotidiano. Entretanto a esposa faleceu e o entrevistado ficou a morar sozinho em Vila Pouca de Aguiar. Durante o dia ocupava-se do comércio e da lavoura. Quando precisava que alguém o ajudasse chamava alguém da terra. A filha telefonava sempre para Vila Pouca. Entretanto, foi morar para a casa da filha, mas diz que já não se recorda desse período.

Aconselhamento com a filha. *“Nunca pedi nada a ninguém, não precisava de nada disso”*. Diz que *“não ligava nada”* à opinião dos filhos.

<p>Pessoa importante para si. Não referiu ninguém.</p> <p>Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>
<p>Processo de Institucionalização</p>
<p>Motivo da vinda para o Lar. “<i>Porque sim. (...) Vim para aqui para Braga e aqui me puseram</i>”. Diz que está bem no Lar mas que não conhece ninguém. “<i>Eu por acaso preferia estar em Vila Pouca</i>”. Porquê? “<i>Porque era a minha terra. (...) Tenho para aqui a filha e ela trouxe-me para aqui para ao pé dela. (...) Até já lhe falei: para que é que me trouxeste para aqui? (a filha respondeu) Aqui está mais perto e eu não tenho vida e tempo para lá ir</i>”. E ficou zangado com a filha? “<i>Eu até nem gostei muito</i>”.</p> <p>Concordou com a decisão? “<i>Eu aqui bem estou graças a Deus</i>”.</p> <p>Acontecimento (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.</p>
<p>Pós-Institucionalização</p>
<p>Apoio da filha. Diz que a filha a cada passo o visita. Todos os Domingos leva-o para casa dela.</p> <p>Relações de amizade. Não mantém. Diz que não tem mais ninguém, para além da filha, que o visite.</p> <p>Relação com a filha. Se está satisfeito com a relação com a filha: “<i>Então não estou. Graças a Deus</i>”. É boa filha? “<i>Sim</i>”. Porquê? “<i>Porque é boa. Faz o que é preciso</i>”. Quanto a dinheiro: “<i>eu, para que é que eu quero dinheiro? Não preciso de dinheiro. A minha reforma é ela (a filha) que a recebe, a pensão é ela que a paga, eu não sei nada disso, está tudo entregue a ela</i>”. Não mudava nada na relação que tem com a filha, está satisfeito.</p>
<p>Conclusão da Entrevista</p>
<p>O que pensa desta entrevista? “<i>Nem gostei, nem desgostei. Se souber responder respondo, se não souber não respondo. E não têm interesse nenhum</i>”.</p>

Aida

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 15/09/1965 (46 anos)

Naturalidade: Soutelo de Aguiar – Vila Real

Freguesia onde reside: Lago – Amares

Estado Civil: Casada

Habilitações Literárias: Licenciatura

Profissão: Professora do Ensino Secundário

Situação Laboral: Empregada

Composição do agregado familiar: Quatro pessoas (entrevistada + marido + dois filhos)

Condições de saúde: Nada de relevante

Questões sobre as relações familiares e sociais entre pai/filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Eram boas. Sempre tive aquilo que foi necessário. Nunca tive aquelas coisas supérfluas, mas tive o necessário”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Profissão dos pais. *“O meu pai foi emigrante e a minha mãe tinha um café. (...) “Trabalhava (o pai) na construção civil”.*

Religiosidade da família. *“A minha mãe obrigava (a ir à missa). O meu pai nunca teve muito a ver com isso. Como era emigrante, nunca estava muito connosco. (...) A minha mãe muito, muito religiosa”.*

Pais presentes ou ausentes? *“Ele (o pai) foi para a Alemanha precisamente quando eu nasci e veio quando eu tinha doze anos”.* Durante este período só contactava com o pai quando ele vinha de férias.

Relação com os pais. A partir dos doze anos, *“era o meu pai que era mais autoritário”.* Depois aos treze anos foi para os Estados Unidos da América (EUA) com os pais. Os irmãos só foram passado um ano. *“E aí é que eu comecei a conhecer mais o meu pai. Era sempre muito presente, sempre muito amigo. (...) Nunca me castigaram (...) quem dava os mimos eram os dois. O meu pai nunca foi aquela pessoa de manifestar afetos”.*

Os pais proporcionaram tudo o que podiam? *“Sim, tudo o que podiam e o que sabiam”.*

Valores transmitidos. *“Respeitar os outros, principalmente”.*

Atividades em conjunto. *“Não. Nós estivemos sozinhos, os três, mais ou menos um ano. E nesse ano, foi para arranjar tudo para os meus irmãos chegarem. Eu e o meu pai fomos comprar as coisas (...) a minha mãe estava um bocado frágil (estava com saudades dos filhos) e ficava em casa”.* Esteve nos EUA durante cinco anos. Quando

os irmãos foram para lá, o pai voltou para Vila Pouca de Aguiar para cuidar dos terrenos e do café. Portanto, a entrevistada ficou com a mãe e os irmãos, com exceção do mais velho que já tinha casado e só foi para lá muito tempo depois. A mãe arranhou emprego, a trabalhar numa fábrica de costura. Porque é que a mãe ficou nos EUA sem o pai? *“Porque a minha mãe queria ficar com os meus irmãos e estabelecer-lhes ali uma boa base, para eles poderem ficar lá sozinhos. (...) Quatro rapazes, todos maiores (...). Não havia grandes hipóteses de futuro. Não quiseram estudar. A solução era a agricultura. O meu pai quando regressou da Alemanha queria-se dedicar à agricultura e era bastante rigoroso com eles. (...) E a minha mãe não queria isso para eles. (...) Porque os meus irmãos não quiseram estudar. Ele (o pai) tentou tudo para eles estudarem. Pô-los no Vidago. (...) Naquela altura em Vila Pouca não havia nada. Pagou uma pensão para o meu irmão mais velho estar lá (no Vidago), mas ele só fez asneiras”*. Regressou dos EUA com a mãe quando tinha dezassete anos e os restantes irmãos mantêm-se lá até hoje.

Momentos importantes. Aniversários. *“Não nunca fez. (...) Às vezes comento com os meus filhos que nunca tive, não valorizavam muito. A minha mãe (...) fazia um leite-creme, que me lembre. Pronto assim umas coisinhas. (...) Nunca convidei amigos”*.

Irmãos. São cinco irmãos. Quatro meninos e uma menina, a qual era a mais nova. O irmão mais velho faz uma diferença da entrevistada de doze anos e os irmãos gémeos, que são a seguir a ela, fazem uma diferença de oito anos. Relação com os irmãos. *“Com o meu irmão mais velho, não conheço muito, porque ele casou muito cedo, com vinte e um anos. Por causa desta relação conflituosa com o meu pai. (...) Eu tenho uma vaga ideia dele em casa. Porque eu teria dez anos, menos até. (...) Tenho dois gémeos, um deles (...) lembro-me dele quando era pequenina, era ele que me levava ao colo. Tenho essa afeição, uma afeição muito grande por ele”*. Mantém relação com os irmãos? *“Mantenho. (...) Comunicamos sempre”*.

Habilitações Literárias. Iniciou os estudos em Portugal e depois continuou-os nos EUA. *“Com muita dificuldade. Porque não conhecia a língua e os meus pais não me podiam apoiar. Eu insisti sempre, porque não queria ter a vida dos meus irmãos”*. Fez o primeiro ano da licenciatura nos EUA e depois concluiu-a em Portugal.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. *“Eram razoáveis. O meu marido já trabalhava. (...) Eu ainda continuei a estudar mais um ano, arranhei logo emprego”*.

Condições de saúde. *“Boas, ótimas”*.

Casamento. Casou-se com vinte e quatro anos e teve o primeiro filho aos vinte e oito anos. Se a relação com os pais alterou? *“Não, porque eles sempre gostaram muito do meu marido. Eu acho até que melhorou, porque eles vinham muito a minha casa e eu ia lá. (...) Passeávamos muito, eu levava sempre os meus pais a passear. Eles não tinham carro, nunca tiveram. (...) Descobriram coisas lá (Trás os Montes), que não tinham nunca visitado. (...) Enquanto eu era solteira evitava ir para lá (Vila Pouca de Aguiar) porque era uma aldeia e eu não queria estar numa aldeia. (...) Porque o meu pai e a minha mãe eram muito, muito rigorosos. Não me deixavam sair. Aliás isso foi uma das coisas que me afetou bastante, bastante (...) isso prejudicou-me muito a nível social. (...)”*.

Nascimento dos filhos. Tem dois filhos, um casal. Alterou a relação com os pais após nascimento dos filhos? *“Não. Continuou sempre a melhorar porque eles adoravam os meninos. E vinham sempre vê-los cá. Depois eu deixei de ir lá porque era mais frio (...) Eles passavam cá mais tempo. (...) Os meus pais adoravam, adoram os meus filhos e os miúdos também”*. O pai conhece os outros netos mas não convive com eles porque os filhos vêm pouco a Portugal, *“agora não têm vindo, quando a minha mãe era viva vinham mais. A última vez que estiveram cá foi há três anos”*.

Relação com o pai – opiniões: *“Ele falava muito de política. E então, às vezes, tínhamos discussões sobre política. Ele, nesta fase, bebia um bocado, e a minha mãe não queria. O meu pai sempre bebeu um bocadinho. E a minha mãe dizia que lhe tinha que estar sempre a ralhar para não beber. Pronto, e às vezes, havia assim estes*

conflitos entre mim e ele”.

Relação com o pai – aconselhamento: *“Sim, aconselhava-me com a minha mãe e com o meu pai também. Aliás, sempre que havia qualquer coisa que me acontecia (...) era logo a primeira coisa que eu fazia, era telefonar à minha mãe. (...) E essa necessidade que eu sinto, ainda hoje, de telefonar e ouvir a voz da minha mãe. Eu às vezes venho aqui e tento comunicar com o meu pai, mas ele não me entende tão bem. Mas é a ele que eu venho dizer. (...) Tento preencher aquele vazio”.*

Relação com o pai – apoio: Há cerca de oito anos, a mãe faleceu e foram todos para os EUA passar férias, para junto da restante família. O Sr. Amândio ficou lá até Dezembro e depois regressou a Vila Pouca de Aguiar, onde ficou a viver sozinho. A filha ia lá quinzenalmente e levava-lhe mercearia *“porque ele começou-se a abandonar (...) não fazia nada. Deixou de prestar atenção às coisas (...) não pagava o IMI. (...) E depois arranjei-lhe de maneira a que lhe fossem levar comida a casa no almoço (Serviço de Apoio Domiciliário) (...) que lhe dava para a noite. E foi assim durante três ou quatro anos. (...) Tinha uma senhora que lhe ia lá sempre fazer limpeza, que já era da altura em que a minha mãe estava doente. (...) Perdi imenso tempo, foram anos mesmo de desgaste para mim. Eu ia lá porque se eu não fosse ele não ia a consultas, não fazia análises, não fazia nada. (...) E começou a alucinar, começou a dizer que me via (...) deu-me muito trabalho. (...) Os cheques da reforma perdidos (...) no meio da lista telefónica”.* Causava-lhe transtorno à vida familiar? *“Causava, porque todos os quinze dias tinha que lá ir. Os miúdos deixaram de ir a festas de aniversário. (...) Na altura que a minha mãe estava doente ela veio para aqui (para Braga durante seis meses), esteve aqui, mas quando a médica a mandou ir para lá, dois meses antes de falecer, também ia lá todos os oito dias, gastei imensa gasolina, os miúdos deixaram a catequese, deixaram tudo”.* Por outro lado, quando os pais estiveram em Braga *“foi um momento doloroso”,* porque a entrevistada tinha um T3 e acomodou os pais no seu quarto, e ela dormia com a filha e o marido com o filho. E o pai sempre a insistir que queria ir para Vila Pouca de Aguiar, não entendia que a esposa estava melhor em Braga.

Porque prestava o apoio? *“Afetivo. Porque eu tenho muita afetividade por ele. Sinto isso mesmo”.*

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Falecimento da mãe.

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda do pai para o Lar. Entretanto o pai estava sozinho em Vila Pouca de Aguiar *“mas a partir do momento que comecei a ver comida no chão, já começava a ver ratos em casa (...) entretanto a senhora deixou de ir para lá porque ele não a largava, dizia-lhe: não me limpe isso, deixe lá, não quero que limpe. Desconfiava das pessoas, tinha medo que lhe roubassem as coisas. Então eu meti-o no Centro de Dia, lá em Vila Pouca, só que a maior parte do tempo ele não ia para lá. Andava nos cafés, a beber, para ali para acolá. O diretor do centro disse que ele podia lá ir comer aos fins-de-semana também. (...) Raramente almoçava lá. (...) Telefonava e perguntava: ao pai já comeu? E ele dizia: já comi um bife. Não comia porque ele não comprava nada, era só as coisas que eu lhe levava. Levava-lhe leite, iogurtes, coisas assim. Às vezes telefonava para um senhor da aldeia para lhe levar leite. Nesta fase ele começava a pedir dinheiro a toda a gente, porque ele fumava muito. Ia à máquina com cinquenta euros e pegava nos cigarros e deixava o troco. O senhor do Banco começou-me a telefonar, bloquearam-lhe as contas. Porque ele depois dava dinheiro para as festas, para os foguetes. Ele gastou tudo. Eu aí trouxe-o para cá. E viveu comigo. Entretanto arranjei-lhe um Centro de Dia lá à beira da minha casa que é em Amares. Ele não gostava muito de ir. Vinha muito cedo para casa e não estava ninguém em casa. (...) Abria a porta e como tinha aquele vício, lá da Aldeia de sair e deixar a porta aberta, aqui fazia a mesma coisa. Ia para longe e deixava a porta aberta. (...) Uma vez ligou o recuperador de calor e quando o meu marido chegou a casa (...) estava tudo cheio de fumo. Comecei a ter conflitos com o meu marido. Porque ele sujava tudo (...) as casas de banho, sujava tudo (...) de noite abria as portas e estava completamente perdido, abria a porta do meu quarto, ia para lá e queria sair. Chegou a fazer xixi no escritório atrás de um candeeiro. (...) E aí a relação com o meu pai piorou (...) porque eu já estava tão farta, cansada, já não aguentava. Porque tinha que me levantar de manhã e lavar logo as casas de banho,*

que ele sujava as três (...) à noite, antes de nos deitarmos, tínhamos de tapar o corredor para ele não ir para a sala porque nós ligávamos o alarme naquela parte. Ele ia para lá e aquilo começava a disparar de noite. (...) Acordava os miúdos sempre. O meu marido estava já a ficar farto, saturado”. Perante este cenário a filha decidiu integrar o pai no Lar “porque achei que era a melhor opção, porque eu já não estava a conseguir aguentar”.

O pai concordou? “Concordou, porque ele via que eu tinha muito trabalho. E via que eu não estava em casa, que não estava ninguém em casa. Ele começou-se a sentir também com medo. Porque no Inverno (...) chegávamos tarde. Ele estava sozinho em casa, cheio de fome, sem ninguém, com as luzes apagadas”.

Foi uma decisão difícil para si? “Foi muito. Ainda hoje me é difícil. Mas tem que ser. Não podia ser de outra forma, fiz aquilo que foi possível para ele ter dignidade, para ter uma vida com mais qualidade”.

Alterou a sua rotina diária? “Sim. Agora não venho tanto, mas no início tentava vir mais vezes. Nessas alturas eu ficava completamente bloqueada. Aliás esquecia-me sempre das chaves do carro. A escrever os cheques (...) não conseguia escrever Associação, bloqueava. Coisas assim do género”.

Pós-Institucionalização

Acompanhamento ao pai. Visita-o, pelo menos, uma vez por semana. E leva-o aos Domingos para casa. “Às vezes saio com ele. Agora não tenho saído tanto porque não tenho muito tempo. Mas no início saía bastante. Alias, levava-o muito ao café (...) coisa que deixei de fazer porque ele depois aprendeu a ir”. Reuniões familiares. “Sempre. Vai sempre a casa. (...) Sempre. Aliás até hoje eu nunca festejei o Natal com os meus sogros. E os meus filhos dizem-me isso (...) ainda hoje é. Por exemplo, a passagem de ano eu convido os meus cunhados e o meu sogro para minha casa, mas no Natal é só com o meu pai. Porque sempre, sempre, sempre foi com o meu pai”. Os aniversários também passavam sempre em família.

Motivação do cuidado ao pai. “Porque sim. Porque gosto muito dele”.

Relação atual com o pai. “Melhorou bastante (relativamente à relação que mantinham antes do pai vir para o Lar). (...) Como tinha conflitos com o marido, com os meus filhos. (...) porque a relação entre os meus filhos e o meu pai, nessa altura piorou. (...) Começaram a ter uma visão diferente do avô. (...) A miúda desde pequenina adorava o avô e depois começou a ver que o avô me dava muito trabalho, que fazia aquelas asneiras”.

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? “Gostei. Causa-me sempre tristeza reviver estas coisas. Porque me lembro da minha mãe, e dessas coisas todas, e é sempre doloroso”.

CASO 6

João

Caracterização do Entrevistado (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Masculino

Data de nascimento: 28/06/1935 (76 anos)

Naturalidade: Maximinos _ Braga

Freguesia onde residia: Fraião – Braga

Estado Civil: Casado

Habilitações Literárias: 6º ano

Profissão: Chefe de Fabricação (Central de Cervejas e Bebidas, SA)

Valor da reforma: 823,20€

Condições de saúde: diabetes, sequelas de AVC

Questões sobre as relações familiares e sociais entre pai/ filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Na minha infância os tempos eram difíceis. (...) Obrigava aqueles artistas que tinham várias profissões (...) a desempenhar várias funções. E assim fazia face às dificuldades da vida. Como era o caso do meu pai. Para que as dificuldades não aparecessem obrigavam-no (ao pai) a trabalhar demasiado”.*

Condições de saúde. O entrevistado recorda-se de ter garrotilho, contudo, com medicação própria a doença passou. A mãe para além das *“operações próprias das senhoras”* foi acometida por *“um ato de demência que deu a toda a família da minha mãe, (...), acabando por ser internada em Nogueiró no manicómio”*, por um período impreciso (poucos meses).

Profissão dos pais. O pai do entrevistado começou por ser comerciante de vestuário e de outros produtos, contudo, como o velho ditado anuncia *“loja de esquina ou é morte ou é ruína”*, neste caso foi ruína. Depois como a avó do entrevistado era feirante cedeu ao filho parte da mercadoria para fazer as feiras, contudo, depois acabou por desistir deste negócio devido a conflitos entre ele e a família. Entretanto, foi para uma cutelaria em Caldas das Taipas e, por fim, estabeleceu-se com uma empresa de venda de oleados *“e aí é que ele singrou”*. A mãe do entrevistado era doméstica, cuidava da casa e dos filhos.

Religiosidade da família. Segundo o entrevistado, *“naquele tempo os padres dominavam”*, diz que *“a nível de paroquianos sofriram pequenas vinganças se não praticassem”*, pois se precisassem de alguma coisa da Igreja o padre ia ver primeiro o “currículo” e só depois prestava ou não a ajuda solicitada. A religiosidade era, portanto, uma obrigação para a família.

Relação com os pais. Define a mãe como *“daquelas mães que por tudo e por nada molhava a sopa”*, era ela que castigava os filhos, e o pai era uma pessoa *“excecional, um grande pai”* deixando os filhos fazer tudo, recordações que levam o entrevistado a dizer que *“ainda hoje tenho saudades dele”*. Embora reforce que não diria que a mãe era muito castigadora, mas *“pedia respeito, e nós éramos dois malandros”*.

Irmãos. São três. O entrevistado fica no meio de uma irmã mais velha e um irmão mais novo. Contudo, a irmã *“derivado às dificuldades que existiam nesses anos, vivia*

mais com a minha avó e com as minhas tias solteiras”, não se recordando em que data é que a irmã voltou para junto deles. Os dois irmãos eram brincalhões, já a irmã “tinha a mania da autoridade”. Atualmente, mantém relação embora os irmãos vivam longe, o irmão em Maputo e a irmã em Lisboa, e as condições de saúde da irmã já não lhe permitem deslocar-se.

Habilitações literárias. Estudou até ao sexto ano, tendo abandonado os mesmos devido à sua ida para África, no final da década de quarenta. Teve pena de abandonar os estudos pois achou que lhe fizeram falta ao longo da sua vida profissional, pois podia ter progredido na estrutura empresarial onde trabalhou. Relativamente às amizades que mantinha naquele tempo diz que *“com África perdi tudo”*.

Na ida para Moçambique, para Vila Pery, inicialmente, foi ele e o pai e, passado um ano a mãe e os irmãos juntaram-se a eles. Depois o entrevistado foi para Lourenço Marques para a tropa, onde um dia viu um anúncio de emprego num jornal onde pediam alguém com a profissão do pai. Candidatou-o e, desta forma, arranjou um emprego para o pai em Lourenço Marques, o que permitiu que a família se reunisse novamente.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. A doença da mãe quando teve que ser internada em Nogueiró.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. *“Eram ótimas. Eu tinha uma posição muito boa na empresa”*. O emprego na Sociedade Central de Cervejas permitiu que a sua família tivesse condições de vida razoáveis. Na altura ao nível de tarefas domésticas a vida era facilitada, pois em África naquele tempo era habitual terem criadas.

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. Casou-se com vinte e um anos, a mesma idade da esposa, e afirma que tinham uma relação cooperante, ela trabalhava na costura e ele foi trabalhar para um armazém de mercearia. Entretanto, conseguiu o emprego na Sociedade Central de Cervejas e Bebidas, onde depois do período de adaptação em Lourenço Marques, foi transferido para a Beira. Contudo, antes de ir para a Beira aconselhou-se com o pai que lhe disse *“filho, candeia que vai à frente ilumina duas vezes. Vai e se for preciso tens o teu pai aqui que te poderá ajudar à distância. Mas vai!”*, e foi, e agora afirma *“abençoada hora em que eu fui”*.

Quotidiano. Nas férias viajavam durante longos períodos para a África do Sul e Rodésia e no quotidiano, antes de terem filhos, quando o entrevistado vinha do trabalho ia com a esposa passear na praia.

Filhos. Passados nove meses de ter casado em 1957 nasce a primeira filha e passados dez anos a segunda.

Relação com as filhas. Na infância e juventude das filhas não conseguiu ser um pai presente pois trabalhava em horário noturno, o que só lhe permitia estar mais tempo com as filhas ao fim-de-semana. Castigos *“era mais o pai, talvez, a mãe tinha mais paciência”*.

Valores transmitidos. Importância dos estudos, *“terem um curso superior, que fossem umas boas donas de casa, bem comportadas com as amigas”*.

Religiosidade da família. Eram uma família católica pouco praticante, embora as filhas tenham sido educadas na Beira em colégios religiosos, porque o casal achava que *“era a educação ideal para elas”*.

Tarefas domésticas. Eram facilitadas porque tinham criadas, *“o que facilitava um pouco”*.

Atividades locais. Ao fim de semana arbitrava jogos de futebol cooperativo, diferentes empresas umas contra as outras, levava as filhas com ele e *“no fim elas diziam à mãe o que se tinha passado”*. A filha mais velha praticava ténis, e o entrevistado ia ver os jogos dela, sempre que podia.

Valorização de momentos importantes. Aniversários ou mérito escolar das filhas eram sempre valorizados, *“nos aniversários não podiam falhar as festinhas com os amigos”*.

Quando se deu o 25 de Abril de 1974, perante as incertezas vieram para Portugal, para Alverca, onde o entrevistado foi integrado na fábrica de lá da Sociedade de Cervejas. Depois de arranjam casa em Braga, o que ainda demorou algum tempo, a esposa foi viver para Braga e ele manteve-se em Alverca e só ia a Braga nos fins-de-semana. A esposa dedicou-se à casa e às filhas e iniciou uma nova atividade como vendedora de produtos e as filhas entretanto licenciaram-se.

Casamento da filha. A filha mais velha casou-se quando o entrevistado ainda residia em Lisboa. Depois, uns anos mais tarde, casou-se a filha mais nova. Contudo, apesar de todas estas mudanças à família inicial, o entrevistado afirma que a relação que mantém com as filhas não foi afetada pelos seus casamentos

Nascimento dos netos. Tem cinco netos, com os quais a relação “*é ótima*” e os seus nascimentos não alteraram a relação que mantinha com as filhas.

Relações de amizade. Não mantinham amizades, até porque o facto de cada um dos membros do casal estar numa cidade diferente complicava essa tarefa.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. “*De positivo é o carinho com que a gente se entende, eu, a minha mulher e as minhas filhas*”.

Pré-Institucionalização: Velhice (após a reforma)

Condições de vida. “*Continuavam boas*”. Quando perfez trinta e dois anos de serviço o entrevistado reformou-se e foi viver definitivamente para Braga. Em Braga, ainda durante uns anos, continuou a trabalhar numa empresa de baterias para automóveis, depois permaneceu no mesmo ramo mas numa empresa do genro, a qual foi o seu último local de trabalho.

Condições de saúde. Estava tudo bem “*excetuando o que me deu, o AVC*”.

Quotidiano. Vivia com a esposa e tinham uma relação “*serena, amistosa, tudo de bom*”. Viveu durante cerca de dez anos em pleno a sua categoria de reformado, vivendo o dia a dia passeando por Braga e arredores, indo visitar amigos a Lisboa e convivendo com a família mais próxima, aos fins-de-semana reunia as filhas e os netos para almoçarem ou jantarem. Como eram autónomos as filhas não prestavam muito apoio, para além do afetivo. “*Eles estão sempre em contacto, quer filhas, quer mãe, quer netos*”.

Aconselhamento com a filha. “*Primeiro era a mãe a ter conhecimento do que se ia passar, depois a mãe passava a palavra às filhas aí era a segunda passagem no crivo*”. Diz que valorizava a opinião das filhas.

Pessoa importante para si. A esposa era e é a pessoa mais importante para o entrevistado, “*foi sempre ela*”.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. O AVC que teve, como acontecimento negativo.

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda para o Lar. A seis de Outubro de 2010 o entrevistado sofreu um Acidente Vascular Cerebral que o deixou limitado na sua mobilidade e, segundo palavras do mesmo, “*limitou a que eu não conhecesse ninguém, que eu pudesse tratar mal tudo e mais alguma coisa*”,

Concordou com a decisão? O AVC impossibilitou-o de ter qualquer opinião no processo de institucionalização que se seguiu, pois refere “*eu daí não participei nada porque não estava com capacidades. Tudo o que foi realizado foi pela mãe e pelas filhas*”.

Haveria alternativa? Neste momento, o entrevistado tem consciência de que as filhas para poderem cuidar dele teriam que perder a sua atividade profissional, o que é impensável nos dias de hoje.

Integração ao Lar. Nos primeiros tempos de institucionalização o entrevistado sentiu estranheza. Diz que as filhas o ajudaram a ultrapassar estes primeiros tempos.

Acontecimento (positivo/negativo) marcante. Nada de relevante.

Pós-Institucionalização

Apoio da filha. A filha mais nova (a filha mais velha trabalha no estrangeiro) e a esposa levam-no a passar o fim-de-semana a casa. Durante a semana vão vê-lo à clínica de fisioterapia. Continua a participar nas reuniões familiares. Ao fim-de-semana quem trata da higiene do pai é a filha mais nova.

Relações de amizade. Não mantém.

Relação com a filha. “*Nas ações que elas praticam estou satisfeito. (...) Na relação comigo está tudo bem*”. O entrevistado discorda de algumas opções tomadas pelas filhas, relativas à vida delas. Mudaria alguma coisa? “*Não, nunca. Nem com elas nem com a mãe*”.

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? “*Desconforto não me causou, tristeza alguma derivado ao meu estado atual de saúde*”.

Carolina

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 05/10/1967 (44 anos)

Naturalidade: Beira – Moçambique

Freguesia onde reside: Lamações – Braga

Estado Civil: Casada

Habilitações Literárias: Licenciatura

Profissão: Professora do Ensino Secundário

Situação Laboral: Empregada

Composição do agregado familiar: Quatro elementos (entrevistada + marido + dois filhos)

Condições de saúde: Nada de relevante.

Questões sobre as relações familiares e sociais entre pai/filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. Viveu até aos sete anos em Moçambique “*era normal. Uma casa normal. (...) Lá em Moçambique havia empregados para ajudar na lida da casa. (...) Com saneamento. (...) Não era bolsa larga para comprar roupa, sapatos (...) o essencial havia. Havia os sapatos para sair com a mãe, havia os sapatos para brincar, os sapatos para ir para a Escola*”.

Condições de saúde. “*O meu pai tinha um problema cardíaco que aparece nessa altura, por volta dos quarenta anos. (...) E eu, nesta fase de transição, tive um problema de fígado e um sopro cardíaco, coisas que foram tratadas pontualmente. Mas, houve uma fase também assim um bocado depressiva por falta dos pais. Por estar no colégio (...) eu sofri bastante por essa ausência do pai e da mãe, nessa fase dos dez aos treze anos*”.

Profissão dos pais. O pai geria uma secção da fábrica da cerveja (secção da brassagem) e a mãe era modista.

Religiosidade da família. “*Católicos, mas não praticantes. Praticantes ocasionais. (...) Mas mandava à catequese as filhas. Fizemos a primeira comunhão. A minha irmã até a comunhão solene fez. Que eu não fiz porque na altura não morava com os pais, estava num colégio*”. Na transição de Moçambique para Portugal a entrevistada e a irmã foram morar para um colégio interno em Braga, até os pais organizarem a vida em Portugal. Começaram por viver em Lisboa, numa zona periférica, onde a entrevistada estudou mas depois não conseguia progredir porque não tinha 2º ciclo. Os pais ponderaram se a entrevistada ficava em Lisboa ou se ia para junto da irmã, que já residia no tal colégio porque, entretanto, tinha entrado na Universidade do Minho em Braga. E assim foi, a entrevistada foi estudar para Braga e residiu no tal colégio. Braga era uma zona menos conturbada do que Lisboa “*a minha mãe tinha muito medo que fizessem mal às meninas. Achou que eu estava mais segura (em Braga). E porque também estavam num processo de conseguir casa em Braga. (...) Eu fiquei três anos no colégio*”. A partir daí as duas irmãs foram viver com a mãe para a casa de

Braga e o pai vinha ao fim de semana de Lisboa, onde trabalhava.

Pais presentes ou ausentes? “*Quer em África, quer aqui o meu pai trabalhou sempre muito. E aproveitava muito os turnos da noite, que eram pagos a dobrar. Portanto, tínhamos assim uns horários um bocado trocados. (...) O pai presente, acordado, era mais ao fim de semana. (...) Portanto, não convivíamos muito*”.

Relação com os pais. *Quem tomou sempre as decisões importantes foi sempre a mãe. (...) A mãe é que decidia, cortava, riscava e geria. O pai era um bom trabalhador, um bom marido, um bom pai, mas sem ser disciplinador. O pai, no meu caso, era aquele que me levava a passear ao parque ao fim de semana, com quem conversava, depois já mais crescida, de cinema, de política (...) mas isso já mais adulta, porque em criança os horários andavam muito trocados por causa do trabalho do pai. A mãe sempre presente. (...) E sempre muito atenta*. A disciplina vinha da mãe? “*A gente nunca teve medo do pai, sempre teve medo da mãe. (...) A mãe é que nos pedia contas das coisas. O pai não. (...) Eu lembro que no nono ano disse-lhe (ao pai): passei de ano. Não me queres dar uma bicicleta? E ele pega em mim e fomos comprar uma bicicleta sem dizer nada à mãe. Chegamos a casa com a bicicleta e a minha mãe ralhou horrores porque eu tinha tido duas negativas, a Matemática e a Físico-química. Que não merecia a bicicleta porque tinha tirado duas negativas. Mas ele nem perguntou. Foi comprar a bicicleta. Eu não tinha e ele queria que eu tivesse*”.

Os pais proporcionaram tudo o que podiam? “*Sim, sim. Sempre, aquela coisa de ser importante estudar, e tirar um curso, arranjar uma defesa para o futuro. (...) Trabalharam imenso para poder pagar essas coisas todas. Quando eu entrei para a Universidade eles não tinham dinheiro, que eles tiveram um percalço na vida e eu fui para a Universidade dos Açores com dinheiro emprestado. Eles depois trabalharam horas e horas a fio para pagarem a quem deviam*”.

Valores transmitidos. “*Os valores familiares. Os meus pais sempre viveram muito connosco, não saíam com pessoas de fora. As férias foi sempre connosco, nunca foi os dois sozinhos e deixarem as filhas com familiares. Não é que eu ache isso errado, mas nunca fizeram. Tudo aquilo que faziam nos tempos livres, era connosco, sempre. (...) Essas coisas da solidariedade, de ser importante não pisar os outros (...) aliás eu acho que tenho um grande senso de justiça e isso foi, naturalmente, passado pelos meus pais*”.

Atividades em conjunto. “*Lá em África ele chegou a ter uma atividade extra, que era árbitro de futebol. (...) Não sei se era de interempresas, não sei bem. (...) E havia convívios, mas de grupo de amigos. Como eles estavam muito sós, juntavam-se muito em churrascadas. (...) As pessoas juntavam-se ao fim de semana, na casa uns dos outros*”.

Momentos importantes. Aniversários. “*Havia festas de anos (em África), que foi uma das coisas que me chocou imenso quando cheguei cá a Portugal, que não se fazia festas de anos, não se celebrava. (...) Aqui não se fazia. E vinham aos anos (já em Portugal) e não traziam (os convidados) prenda, que era uma das coisas que eu também não percebia quando era pequena*”. Mas quer em África, quer em Portugal os pais sempre festejaram os aniversários das filhas.

Irmãos. São duas irmãs. A entrevistada é mais nova dez anos. A relação entre ambas “*nunca foi muito próxima. Eu era sempre a miúda pequena, a chata. Foi sempre uma relação um bocado distante*”. Atualmente, a relação mantém-se mas “*mais próxima do que, como é óbvio, nessa época. (...) A proximidade veio com a idade adulta, com os filhos e com a formação da própria família nuclear*”. A irmã atualmente está a trabalhar no estrangeiro o que a impossibilita de estar tanto tempo presente.

Habilitações Literárias. Licenciou-se, assim como a irmã. Logo de seguida foi trabalhar e iniciou um mestrado, o qual deixou a meio porque, entretanto casou e teve filhos e foi-lhe difícil conciliar tudo.

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. “*O facto de ter ficado no colégio foi uma coisa que me marcou negativamente. (...) Mas a minha mãe não tinha muitas alternativas, teve mesmo que ser. E dadas as circunstâncias e as opções em aberto, essa foi a melhor, porque, provavelmente, se tivesse ficado lá (Lisboa) (...) tinha-me perdido*”. Como acontecimento positivo “*talvez uma ida a Paris*”, porque quando vieram de Moçambique trouxeram bilhete de ida e volta, devido às incertezas

da altura, mas como nunca chegaram a regressar, trocaram esse bilhete por uma viagem a Paris, onde foram visitar uma tia materna.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. Quando casou estava a fazer a licenciatura, estava no 3º ano da licenciatura e, por isso, não tinha condições para morar sozinha com o marido. Entretanto, começou a trabalhar e depois teve o primeiro filho. Só depois é que compraram uma casa própria para a nova família. *“Na altura (quando casou) não tinha ordenado, mas depois já tinha e já era possível, com dois ordenados, pagar uma renda de casa e tudo aquilo que se pressupõe quando duas pessoas se casam”.*

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. Alterou a relação? *“Com o pai não. Com a mãe, talvez. A mãe é uma pessoa muito forte. (...) E o facto de eu ficar dividida entre a minha casa e a atenção, porque eu dava-lhe imensa atenção. Eu acho que ela sofreu com isso. Eu passei a ocupar mais tempo com aquele novo núcleo que surgiu na minha vida e tenho necessariamente menos tempo para ela. (...) O meu pai sempre foi muito (...) resignado, compreensivo, acha que tudo são fases da vida e que as coisas são naturais e têm que ser assim. Ele não é uma pessoa que se queixe, não é uma pessoa que se lamenta (...) a gente até é capaz de perceber que ele está mais calado e mais introspetivo, mas que ele verbalize isso, ele não o faz. E até pode ter sentido alguma coisa mas nunca deixa notar. (...) Tem a ver com o facto também de poucos afetos na infância dele. Mas a mãe também teve poucos afetos, mas exige dos filhos, por exemplo. Ela reclama muito mais os afetos e atenção do que ele”.* Quando casou moravam com os pais, depois compraram uma casa a cem metros da casa dos pais. Quanto a atividades partilhadas, *“como eles moram com a minha irmã (a irmã reside no R/C e os pais no 1º andar) precisavam também de ficar um bocado afastados daquela exaustão, que às vezes, o convívio diário provoca. E eles faziam férias muitas vezes comigo. Quando íamos passar férias alugávamos uma casa”.*

Nascimento dos filhos. Tem dois filhos, um casal. A relação não foi afetada *“foi uma alegria para o meu pai. O meu pai, acho que consegue mostrar muito mais a sua afetividade (...) o meu pai é daquelas pessoas que não toma a iniciativa de ser afetivo, mas se alguém tomar ele corresponde sempre”.* Quando à convivência com os netos *“eu acho que o meu pai gosta muito das meninas. A única exceção é com o meu filho. O meu filho é um Deus. Eu acho que quer um quer outro têm uma asa caída pelo meu filho”.*

Relação com o pai – opiniões: *“Concordávamos em muitas coisas. Concordávamos mais do que discordávamos. Mas o meu pai não é daquelas pessoas que impõe a opinião dele. É capaz de ouvir e dizer não é bem assim, e depois contrapõe com argumentos válidos”.*

Relação com o pai – aconselhamento: *“Mais com a mãe. Isso tem a ver com a forma como fomos criados, de perceber que ela é que geria (...) ele tinha tendência para ser negativo, cauteloso, não arriscar (...) ele é mais medroso”.*

Relação com o pai – apoio: *“Eram autónomos e independentes, mas precisavam daquela converseta. E eu tinha aquela preocupação de lanchar uma ou duas vezes por semana com eles. (...) Como o meu marido gostava de trabalhar muitas vezes ao Domingo de manhã, eu ia com eles até ao Bom Jesus tomar café, que é o passeio favorito deles”.* Causava-lhe transtorno? *“Agora ultimamente já me estava a causar, porque quando nós éramos três a coisa era mais fácil (...) a minha filha é exigente de toda a minha atenção e do meu tempo e às vezes não queria ir, mas também não queria que eu fosse. E, portanto, ficava eu ali naquele dilema de ter que dar atenção ao pai e à mãe (...) quando era pequenina ia sempre agora para o fim já não”.* Atualmente, apoia também a nível económico.

Porque prestava o apoio? *“Eu acho que os filhos têm obrigações com os pais. E têm de lhes dar atenção. E é preciso estar com os pais e ter tempo para os pais. Às vezes as conversas era muito à volta daquilo que lhes interessava a eles e não tanto daquilo que me interessava a mim. Mas isso faz parte de ser filho”.*

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Um acontecimento negativo foi o Acidente Vascular Cerebral do pai. De forma positiva *“foi o facto de ter*

<i>construído um casamento jeitoso e de ter filhos, até ao momento saudáveis, acho que é a coisa mais positiva que me podia ter acontecido na vida”.</i>
Processo de Institucionalização
Motivo da vinda do pai para o Lar. <i>Devido ao AVC “tivemos que o institucionalizar e isso foi tremendo para nós. Foi terrível porque, sabe aquele sentimento de deslealdade que pesa na família quando tem que recorrer a uma situação dessas? E depois questionámo-nos se é justo, se fossemos nós como é que reagiríamos. E há sempre aquela sensação de que não fazemos o suficiente. (...) E há medida que ele foi melhorando em termos de cognição e da noção do que lhe aconteceu, apercebemos que isso o amachuca emocionalmente, e nós não gostamos de sentir isso. É a brutalidade que aconteceu à família de o ter que afastar de nós, porque em casa não temos hipótese. Todos temos que sair para os empregos. A minha mãe fisicamente está muito debilitada e incapacitada para tomar conta dele e quando ele foi institucionalizado ele estava muito dependente. Ele depois de estar cá recuperou alguma mobilidade e conseguiu ficar um bocadinho mais autónomo, mas é uma pessoa muito dependente para tudo”.</i>
O pai concordou? <i>“Ele na altura não teve capacidade. Ele pensou que estava a ser transferido para mais um hospital”.</i>
Haveria alternativa? <i>“Hoje se calhar haveria uma alternativa de arranjar uma pessoa a tempo inteiro, só que isso é um custo, eu nem sei quanto é que isso custa”. Poderia ter ficado a tomar conta dele em sua casa? “Não. Primeiro tinha que fazer obras nas casas de banho para meter uma cadeira higiénica, por exemplo. E depois a minha casa tem três pisos, como é que eu o deslocava de uns para os outros?”.</i>
Foi uma decisão difícil para si? <i>“Muito. Tremenda. (...) Só quem está na situação é que sabe avaliar plenamente o que é ter um idoso dependente e ter que o institucionalizar. (...) Nós as três sofremos horrores, eu, a minha mãe e a minha sobrinha porque fomos nós que tomamos a decisão. (...) E graças a Deus que vocês nos ajudaram, porque nós tínhamos ali um problema enorme que não estávamos a conseguir dar solução”.</i>
Alterou a sua rotina diária? <i>“Para trazer a minha mãe. Depois ela conseguiu ficar um bocado mais autónoma, com os autocarros, os táxis. Mas no início tinha que fazer alguma ginástica para as boleias e para vir visitá-lo”.</i>
Pós-Institucionalização
Acompanhamento ao pai. <i>O pai está a fazer fisioterapia, por isso, as visitas ficam mais limitadas, embora vá ter com ele à fisioterapia e quando pode ao Lar. Mas vê-o com mais frequência nos fins-de-semana, quando ele vai para casa. Quanto a passear “já passei mais do que agora. No início a minha mãe fazia o almoço e eu ia com ele ao café de manhã e depois aparecia para almoçar. Depois começou a ser muito complicado e eu optei por fazer o almoço em casa e comer com a minha família em casa. E ou estou a passear com ele ou estou a fazer almoço, não dá para fazer as duas coisas”. (...) Agora a neta mais velha que veio dos EUA faz os passeios com ele. Causava-lhe algum transtorno? “Sim, porque implica muitas ausências. Eu saio às 9h30 da manhã e regresso ao meio-dia agora ao Domingo. Quando saio eles (marido e filhos) estão a dormir e quando venho já acordaram, já tomaram o pequeno-almoço e eu não estive ali e é Domingo”.</i>
Reuniões familiares. <i>“Houve uma época que os perdeu todos. O acidente aconteceu no dia a seguir ao meu aniversário. Foi a minha prenda”. Após a institucionalização retomou a participação nas reuniões familiares e não ponderam sequer que o pai/avó não esteja presente nessas ocasiões.</i>
Motivação do cuidado ao pai. <i>Ver resposta na parte da pré-institucionalização.</i>
Relação atual com o pai. <i>“Eu acho que é igual ao que era antes. É igual. Há coisas que ele não percebe, temos que lhe explicar mais do que uma vez”.</i>
Conclusão da Entrevista
<i>O que pensa desta entrevista? “Há bocado quando falei da prenda ia-me deslizando mas depois lá me recompus. Porque é uma coisa que ainda me custa bastante falar</i>

(AVC do pai). (...) Porque acho que é injusto, porque ele sempre foi uma pessoa correta, sempre fez tudo direitinho. Foi um bom marido, um bom pai, um bom trabalhador e acontecer-lhe esta estupidez quando ele agora já tinha algum tempo (...) porque eles passaram muito, porque mudar de vida aos quarenta e dois anos é uma brutalidade (quando vieram de África). Eles conseguiram recompor-se, arranjar os trabalhos, formar os filhos e agora quando podia desfrutar um bocado de lazer e de coisas boas acontece esta brutalidade que o limita imenso fisicamente. Acho injusto, e quando penso nisso às vezes aparece a água nos cantos dos olhos, é inevitável”.

CASO 7

Ludovico

Caracterização do Entrevistado (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Masculino

Data de nascimento: 31/01/1935 (76 anos)

Naturalidade: S. Vicente _ Braga

Freguesia onde residia: S. José de S. Lázaro – Braga

Estado Civil: Divorciado

Habilitações Literárias: Analfabeto

Profissão: Metalúrgico

Valor da reforma: 574,33€

Condições de saúde: HTA, Fibrilhação auricular, doença de paget

Questões sobre as relações familiares e sociais entre pai/filha ao longo da vida

O Sr. Ludovico recusou responder à entrevista.

Fernanda

Caracterização da Entrevistada (características sócio-demográficas e de saúde)

Género: Feminino

Data de nascimento: 24/07/1962 (49 anos)

Naturalidade: Braga

Freguesia onde residia: Dume – Braga

Estado Civil: Casada

Habilitações Literárias: 12º Ano

Profissão: Administrativa

Situação Laboral: Desempregada

Composição do agregado familiar: Quatro (entrevistada + marido + dois filhos)

Condições de saúde: Problemas de coluna

Questões sobre as relações familiares e sociais entre pai/filha ao longo da vida

Pré-Institucionalização: Infância e Juventude

Condições de vida. *“Sim, dentro dos limites de comodidade conseguiam. (...) Conseguíamos não passar fome e viver dentro dos limites normais”.* O pai emigrou para a Alemanha, onde trabalhava numa empresa de estampagem de tecidos e *“mandava algum dinheiro”* para a família que deixou em Portugal.

Condições de saúde. *“Tive um problema renal. Comecei a inchar de um momento para o outro e estive hospitalizada cerca de três meses”.* A restante família não teve nada de relevante.

Profissão dos pais. O pai emigrou quando a entrevistada tinha, talvez, seis anos e regressou quando ela tinha dez, embora durante estes quatro anos tenha voltado para Portugal e depois tenha ido, novamente, para a Alemanha. A entrevistada e os irmãos ficaram em Braga com a mãe que era doméstica. O pai quando regressou da Alemanha foi trabalhar para uma irmã que tinha uma empresa de metalurgia, até atingir a idade da reforma. A mãe, quando a entrevistada tinha onze anos, foi trabalhar, em *part time*, para um café. Quanto ao casamento dos pais *“era um casamento que começou muito mal, porque o meu pai era mais velho dez anos que a minha mãe. A minha mãe teve que casar com o meu pai porque senão ia preso. Porque eles tiveram um relacionamento, a minha mãe tinha dezasseis anos e o meu pai vinte e seis. (...) Isso foi descoberto, a minha mãe teve que ser analisada na altura, pelos médicos e tudo mais. E se a minha mãe não casasse com ele, ele ia preso porque ela era menor. (...) Foi um casamento arranjado”.*

Religiosidade da família. *“Era normal. Católica. (...) Íamos à missa porque a mãe obrigava. (...) Íamos à doutrina”.*

Relação com os pais. *“Sempre foi um pai ausente, em todos os sentidos. Aliás, quando eu fui para o Hospital, a minha mãe é que pegou em mim à meia-noite, (...) e o meu pai ficou na cama a dormir. Portanto, já vê o tipo de pessoa. O meu pai é o tipo de pessoa que sempre se importou com ele. Primeiro ele, depois ele e sempre ele. E*

depois os amigos. E só posteriormente é que viria a família. A única preocupação que ele tinha, de vez em quando, e porque tinha um irmão lá (na Alemanha) que o ajudava muito em relação a isso, era mandar o dinheiro para o mínimo sustento dos filhos. (...) Afetividade não tinha nenhuma. Aliás o meu pai bebia e o que eu me lembro do meu pai é sempre mau. Porque o meu pai chegava a casa, eu já conhecia os passos dele, e destruía tudo. O meu pai era do género, se a vassoura estivesse para baixo, teria que estar para cima e se estivesse para cima, teria que estar para baixo. Portanto, ele era uma pessoa problemática. (...) Carinho não dava nenhum, só dava mesmo maus-tratos e provocava distúrbios. (...) A minha mãe era uma mulher que tentava levar o barco porque tinha sete filhos. Não era uma mãe que fosse muito carinhosa. Em determinada altura teve que ir trabalhar, fazer um part time (...) num café, e quem ficou a tomar conta da casa, com onze anos, fui eu. Portanto, não tinha muito tempo para nos disponibilizar e também não tinha muita aptidão para isso. A minha mãe era uma pessoa um bocadinho fria”.

Os pais proporcionaram tudo o que podiam? *“Não. Considero que os meus pais me deram um ser, por isso é que eu cá estou. (...) Até aos dezasseis anos, com muito tumulto à mistura, fui tendo o necessário para viver, nunca passei fome. A partir dos dezasseis anos fiquei sozinha. Portanto, fiquei com o meu pai, mas sozinha, entregue a mim própria porque o meu pai não dava nada em casa”. Quando a entrevistada tinha dezasseis anos a mãe encheu-se da vida que levava e foi com cinco filhos para Lisboa. A entrevistada e outro irmão ficaram em Braga a morar com o pai. Porque não foram com a mãe? “Porque eu já namorava e não quis ir. (...) O meu irmão ficou comigo, nós éramos os dois mais velhos, e decidi ficar comigo”.*

Valores transmitidos. *“Não. (...) A minha mãe era uma pessoa que não gostava muito de falar de outras pessoas, mas depois perdeu esses princípios. Portanto, se há algum valor, possivelmente, seria esse só. De resto, nem um nem outro me passaram valores nenhuns”.*

Atividades em conjunto. *“Nada disso. As férias que eu tinha, as atividades que eu tinha era com os meus irmãos nesse tal colégio, que organizava idas ao rio, ensinaram-me a mim a fazer croché, tricô, a cozinhar, fazia lá os deveres (...) porque em casa não havia ambiente familiar, não havia nada mesmo”.*

Momentos importantes. Aniversários. *“Não. A minha mãe ainda se lembrava, o meu pai nunca se lembrou do meu aniversário. Eu acho que ele nem sabe em que dia é que eu nasci. (...) Não havia nem bolo, nem festa, nem essas coisas”.*

Irmãos. São sete irmãos, sendo que a entrevistada é a mais velha. São três meninas e quatro meninos. Andaram todos, durante o dia, num colégio de freiras gratuito. Relação com os irmãos. *“Era de proteção. (...) Eu era a irmã mais velha, eu é que cuidava deles, principalmente das duas mais novinhas e do rapaz (...) eu tentava colmatar aquilo que eles não tinham em relação aos pais. Porque a minha mãe trabalhava e o meu pai trabalhava, quando trabalhava. Quando não trabalhava embebedava-se, ou ia jogar às cartas, e era assim”. Atualmente, mantém alguma relação com os irmãos? “Não. Os meus irmãos foram para Lisboa. O relacionamento que eu tenho com eles é: se eu ligo eles respondem, se eu não ligo, ninguém liga. Tenho algum relacionamento com o que ficou cá. (...) Até porque ele é um bocadinho fugidio, não se relaciona assim muito bem, tem muita mágoa, não fomos habituados”. A entrevistada tem um irmão toxicodependente que em 2001 regressou de Lisboa, porque vivia nas ruas, e já tinha tentado fazer várias desintoxicações que não resultaram. Nessa altura, *“decidiu mudar de vida, e até hoje está no decidir mudar de vida. (...) Há bem pouco tempo, ele foi fazer um tratamento, que eu arranjei. Ficou na minha casa duas semanas, foi o único tempo em que se portou bem, porque eu estava vinte e quatro horas com ele. Depois arranjei um curso (...) está a tirar o curso de jardinagem. Mas ele não pode ter dinheiro (...) porque não consegue superar o vício. (...) Arranjei-lhe a casa toda, pus-lhe mobílias novas. (...) A relação que tenho com ele, é a que sempre tive que é de protetora, mais nenhuma”.**

Habilitações Literárias. Frequentou até ao décimo primeiro ano e depois foi trabalhar para a empresa da tia, onde o pai também trabalhava. *“Trabalhei lá vinte anos, tive alguns problemas porque trabalhar com a família é muito complicado. E depois decidi sair, porque não aguentava mais. (...) Quando sai fui fazer o décimo segundo ano à noite. (...) Entrei na Universidade Aberta. Estou neste momento a tirar Ciências Sociais”. Gostaria de ter prosseguido os estudos? “Muito. Fez-me falta porque eu sou*

uma pessoa que adoro o conhecimento, adoro estudar, adoro saber e na altura não foi possível mesmo. (...) O meu namorado ainda me propôs pagar a continuação dos estudos, mas como éramos namorados achei que não era justo. (...) Se soubesse o que sei hoje tinha aceite aquela oferta”, porque entretanto casou com o namorado, e estão juntos há trinta e cinco anos (entre namoro e casamento).

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Com a separação dos pais, a mãe foi embora e esse facto marcou-a muito, de forma negativa. Logo a seguir, o pai teve um acidente muito grave que a obrigou a tomar conta dele, e foram três meses muito complicados.

Pré-Institucionalização: Fase adulta (após o casamento)

Condições de vida. “Casei com a minha casa toda mobilada, toda. Tinha um T2. (...) fui pagar onze contos de aluguer. Eu ganhava sete e meio (...) e o meu marido ganhava seis e meio. (...) O meu marido jogava futebol, ganhava um dinheirinho no futebol e, pronto, conseguimos levar o nosso barco a bom porto”.

Condições de saúde. Nada de relevante.

Casamento. Dois anos antes de casar foi viver para a casa da irmã do namorado, atual marido, “porque era incomportável viver com o meu pai, porque a minha mãe foi embora, o meu pai transitou toda a raiva e o ódio que tinha em relação à minha mãe para mim, porque eu sou muito parecida com a minha mãe. (...) disse sempre que eu não era filha dele, porque eles tiveram um problema” e o pai disse sempre que ela era filha do dono da casa onde a mãe dela foi servir e não dele. “Foi um inferno. Eu fui aguentando conforme pude. Houve uma determinada altura que não aguentei mais e sai. Não aguentei mais quando o meu pai tentou fazer o que não devia comigo. O meu pai tentou violar-me e eu disse aqui não fico mais. Eu ficava também, de certa forma, para ajudar o outro irmão porque no fundo estávamos os dois desamparados”. Casou-se aos vinte e dois anos e apesar de toda a história anterior convidou o pai para o casamento, ao qual ele foi. “Na altura eu também não sabia o que fazer, sinceramente, porque quem se educa a si própria tem muitos défices. E pronto decidi convidar o meu pai”. Os irmãos que viviam em Lisboa também vieram, mas a mãe não porque não conseguia estar junto com o pai. Depois de casar não mantinha qualquer relação com o pai, via-o apenas no trabalho. “O meu marido não gosta do meu pai e fica admirado com o que eu faço por ele”.

Nascimento dos filhos. Teve dois filhos, um casal. Nunca houve convivência entre os netos e o avô materno.

Relação com o pai. “Eu com o meu pai era assim. Passava por ele na rua, se ele estivesse embriagado eu fazia de conta que não o via. Decidia ir lá a casa limpava tudo, pintava tudo, chamava a AGERE (...) passados dois meses estava tudo igual. O pouco relacionamento que eu tinha com o meu pai baseava-se nisto. (...) Fui eu que lhe tratei da reforma”.

Relação com o pai – apoio: O irmão toxicodependente vivia com o pai “na altura em que viviam junto, é assim, só visto. Era lixo com um metro de altura. Tudo destruído, desde a parte elétrica, até à parte de canalizações. (...) Não tinham cobertores, não tinham aquecedores, não tinham nada. Naquela casa só entrava vinho e bolachas. (...) Eu comecei a prestar apoio ao meu pai em 2009. Todo o tipo de apoio, desde limpeza, levar mercearia lá para casa, cozinhar, roupas, tudo. (...) No início foi três vezes por semana, depois passou para duas”. Causava-lhe transtorno? “Todo o tipo de transtorno, nem imagina. (...) Sair de casa e abandonar os meus, e chegar a casa com a cabeça completamente tresloucada, com o que via. Foi muito complicado, muito complicado mesmo. Eu reconheço que abandonei a minha família. Muitos conflitos, inclusive com o meu marido. Com os meus filhos também, apesar de eles já serem crescidos. (...) A minha vida passou a ser em função do meu pai e do meu irmão. (...) Gastei uma fortuna com eles, uma fortuna mesmo. Posso-lhe dizer que nunca precisei do meu marido, fui sempre uma pessoa independente, tive sempre o meu dinheiro, nunca precisei do meu marido para ir ao cabeleireiro, para comprar uma peça de roupa e a partir daí foi um bocadinho complicado. Todo o pé-de-meia que eu tinha, gastei com eles os dois. Até aos dias de hoje ainda continuo a gastar”.

Porque prestava o apoio? *“Não sei. Olhe é assim, não sei e sei. Porque a minha maneira de ser é assim mesmo. Eu apoio pessoas que não conheço de lado nenhum (é voluntária). Entretanto, fiz um teste de ADN para saber se era filha dele ou não. (...) Sou filha dele. Nunca lhe disse a ele. (...) Como sou filha tenho uma obrigação moral, porque se ajudo os de fora, que não me são nada, tenho uma obrigação moral maior para com ele. E ajudo por causa disso. Só por uma questão humanitária e um sentimento moral que eu tenho”.*

Acontecimento familiar (positivo/negativo) marcante. Teve um problema muito grave com a família do marido, há cerca de dez anos (não referiu qual). A doença (demência de Alzheimer) da sogra, da qual a entrevistada cuidou até falecer. *“Foi mau e foi bom ao mesmo tempo”.*

Processo de Institucionalização

Motivo da vinda do pai para o Lar. *“O meu pai recebia a reforma, o meu pai não sabe ler, só assinava os cheques. O meu irmão levantava a reforma e estoiravam tudo em vinho. E depois o meu pai ficava num caos total. Desde má alimentação, até pouca higiene. Ele tem problemas pulmonares, tem a doença de Paget, que é uma doença dos ossos progressiva, e como não tinha uma alimentação equilibrada, como bebia muito passava a vida no hospital. Acabou por ir para a Unidade de Cuidados Continuados e depois acabou por vir para aqui, para o Lar. (...) Para mim foi uma felicidade conseguir um Lar para ele estar”.*

O pai concordou? *“Não. O meu pai nunca concordou com nada porque o meu pai nunca teve ninguém a mandar nele. E mandar nele é muito complicado. E num Lar que trabalham sobretudo mulheres. (...) O trauma que ele tem da minha mãe, transpôs para tudo o que é mulher, seja quem for. Aliás ele é muito depreciativo a falar das mulheres, aos homens ainda tem algum respeito. (...) Eu consegui controlar a vida dele e tomar conta do meu pai, quando o meu pai se sentiu sozinho, sem comida, sem apoio de ninguém, porque o meu irmão saía de manhã e chegava à noite. O meu irmão chegava e destruída tudo. (...) Vivía num sótão, não tinha janelas, era no quarto andar, não tinha elevador. (...) Atualmente, já está bem, já não quer estar aqui (no Lar), porque ele já está bem. Portanto, já não precisa disto para nada e a ideia dele é retornar à vida que tinha. Mas se retornar, volta tudo ao mesmo. E isso não, eu não permito”.*

Alterou a sua rotina diária? *“Eu fiz questão, porque eu sabia que ele ia reagir muito mal e ia provocar mau ambiente, porque eu conheço-o, eu fiz questão de vir cá, quase todos os dias, de o levar ao café, de o acompanhar, tentar mesmo dar-lhe a melhor assistência possível. Continuei a deixar a minha família de lado para o apoiar a ele. Entretanto, ele começou a fazer asneiras em cima de asneiras, comecei a chamá-lo à razão e o meu pai chegou ao cúmulo de dizer que eu é que era a culpada disto tudo, e deixou-me a falar sozinha, a mim e ao meu irmão, e foi-se embora e disse que não queria mais ver-nos. Eu decidi que ele tinha que ter um castigozinho, não é que ele vá aprender alguma coisa, porque não aprende, bem pelo contrário, mas eu senti uma necessidade de me afastar um bocadinho, de me reconstruir, de me reestruturar, porque isto é um bocado complicado a nível psicológico.*

Pós-Institucionalização

Acompanhamento ao pai. *“Entretanto, vim cá entregar a medicação para ele e pedi para o porem pronto para irmos lanchar os dois, e ele fez questão de dizer que estava ali só para me dizer que não queria ir, e que só iria quando lhe apetecesse, portanto, como não lhe apetecia nesse dia não ia. Logo, ele recusou-se a sair” e eu também deixei de vir.*

Reuniões familiares. *“O meu marido nunca aceitou que o meu pai fosse, no Natal e no Ano Novo, a minha casa. O meu marido nunca tolerou o meu pai. (...) Um ano pedi-lhe, com muito jeitinho, e o meu pai e o meu irmão foram passar a Passagem de Ano a minha casa. Foi um caos porque o meu pai já estava embriagado, o meu irmão já estava embriagado e com droga. Começaram a pegar-se um com o outro, a lavar roupa suja. (...) O meu marido foi levá-los a casa. (...) E a partir daí nunca mais”.*

Motivação do cuidado ao pai. Ver resposta na parte da pré-institucionalização.

Relação atual com a mãe. *“Nem piorou, nem melhorou. É exatamente tudo igual. Com a vantagem que eu estou mais tranquila, porque sei que ele está a ser bem tratado. (...) Estou aliviada. Bendigo-vos todos os dias”.*

Conclusão da Entrevista

O que pensa desta entrevista? Não lhe provocou desconforto, nem tristeza diz *“é o lembrar. São coisas da vida, há quem esteja pior. (...) Isto tem que servir para nós ajudarmos outras pessoas que às vezes estão nas mesmas situações. (...) São vivências e formas de estar das pessoas. A do meu pai é essa e a minha é esta”.*